

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA ONÓRIO FIGUEIRA

ISSO AQUI PRA MIM É VIDA:
MEMÓRIA, HISTÓRIA, PESCA E DESASTRE AMBIENTAL NUMA CONFIGURAÇÃO
SOCIAL (AMPARO, PARANÁ, 1940-2010)

CURITIBA
2014

PRISCILA ONÓRIO FIGUEIRA

**ISSO AQUI PRA MIM É VIDA:
MEMÓRIA, HISTÓRIA, PESCA E DESASTRE AMBIENTAL NUMA
CONFIGURAÇÃO SOCIAL (AMPARO, PARANÁ, 1940-2010)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em História, no
Curso de Pós-Graduação em História, Setor de
Ciências Humanas, da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Dr. Luiz Geraldo Silva

CURITIBA
2014

AGRADECIMENTOS

Fico imensamente feliz de poder olhar o trabalho e agradecer a todos que de forma direta e indireta contribuíram ao desenvolvimento e aprimoramento da pesquisa.

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os pescadores. Agradeço ao tempo que dedicaram as entrevistas, a todas as vezes que me acolheram nas suas casas e as amizades que vão continuar por toda a vida. Sou imensamente grata ao prof. Dr. Luiz Geraldo Silva que aceitou orientar meu trabalho. Agradeço toda a sua paciência, sobretudo, ao seu grande trabalho como historiador e professor de grande intelectualidade que sugeriu diversos pontos teóricos de grande valia a dissertação como um todo.

Aos professores da Pós Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, Antonio Almeida Cesar Santos e José Roberto Braga Portella que ao longo das aulas da pós-graduação leram e sugeriram leituras ao meu trabalho. A CAPES pela bolsa de mestrado que ajudou com recursos financeiros que foram fundamentais para a realização da pesquisa. Aos professores Paulo Guérios e José Milton Andriguetto Filho pelas inúmeras considerações realizadas durante minha qualificação. Agradeço também a Lício Domit, do IBAMA, a Astrogildo, da EMATER, a Sebastião Ferrarini, do Círculo de Estudos Bandeirantes que disponibilizaram diversos documentos. Aos colegas da Pós Graduação pelas amizades, conversas e pelos bons momentos. Por fim, agradeço a minha mãe por todo apoio e ajuda ao longo desses dois anos e meio de jornada.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO.....	1
Antecedentes de Pesquisa.....	4
Pressupostos e base teórica.....	9
Procedimentos metodológicos.....	15
Fontes	16
CAPÍTULO I: AMPARO A QUEM NAUFRAGAR.....	19
1.1 O <i>MARE</i> E O <i>MATO</i>	19
1.2 A HISTÓRIA DO LUGAR	32
1.3 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL	43
CAPÍTULO II: O DESASTRE DO NAVIO <i>VICUÑA</i> EM 2004.....	53
2.1 O PORTO DE PARANAGUÁ	53
2.2 PESCADORES E DESASTRES AMBIENTAIS EM OUTROS CONTEXTOS	55
2.3 O DESASTRE AMBIENTAL DO NAVIO <i>VICUÑA</i> NOS DOCUMENTOS.....	58
2.4 AS LEMBRANÇAS DO DESASTRE	71
CAPÍTULO III: O RELATO, O ESCRITO, O VIVIDO: AS MUDANÇAS VIVENCIADAS APÓS O DESASTRE DE 2004.....	77
3.1 AS DIFERENTES VERSÕES.....	77
3.2 O <i>PESCADOR FICOU ASSIM MESMO</i>	85
3.3 A VIDA DO <i>LUGAR</i> SENTIDA PELOS PESCADORES.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
FONTES	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICES	104
ANEXOS	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Delimitação das Baías de Guaraqueçaba, Paranaguá e Guaratuba.	27
Figura 2- Delimitação de Amparo e demais vilas e sistemas de produção pesqueira do Litoral do Paraná.....	28
Figura 3- Mapa de uso e ocupação do solo em Amparo- PR	45
Figura 4- Grau de contaminação conforme o tipo de costa.	68

RESUMO

ISSO AQUI PRA MIM É VIDA: MEMÓRIA HISTÓRIA PESCA E DESASTRE AMBIENTAL NUMA CONFIGURAÇÃO SOCIAL (AMPARO, PARANÁ, 1940-2010)

O objetivo do trabalho consiste em compreender qual o significado conferido à pesca na Ilha do Amparo e como os pescadores sentiram o acidente do navio *Vicuña* em 2004. A Ilha do Amparo está localizada no município de Paranaguá no Litoral do Paraná. Em 15 de novembro de 2004 ocorreu o acidente do Navio *Vicuña* na cidade de Paranaguá. O acidente provocou um vazamento aproximado de 290 mil toneladas de óleo combustível que causou a morte de peixes, pássaros, mariscos e a proibição da pesca por 51 dias. Após o acidente foram realizados estudos, relatórios de impacto ambiental e dadas compensações aos pescadores pelos danos causados. Tais medidas veiculadas nos documentos do acidente e nos jornais locais não abordam a respeito de como os grupos humanos de pescadores vivenciaram o acidente. Diante dessas questões a problemática do trabalho é compreender como os pescadores de Amparo vivenciaram o acidente do Navio *Vicuña* em 2004. Para embasar nossa proposta utilizamos da metodologia em história oral e das reflexões teóricas de Maurice Halbwachs, Henri Bergson, Michael Pollack e do conceito de configuração social presente na obra de Norbert Elias. Nossas fontes são entrevistas realizadas com pescadores da Ilha do Amparo, entrevistas com representantes de Colônias de pescadores, documentos do acidente de 2004, documentos do século XIX que tratam da presença de grupos de pescadores lavradores na Baía de Paranaguá, bibliografia que trata da temática da pesca e da notícia de acidentes ambientais ocorridos em outros países. O acidente de 2004 foi sentido em mudanças no mar, no desaparecimento de espécies de peixes, nas relações de poder e no modo de vida dos pescadores.

Palavras-chave: Desastre ambiental; pesca; memória; configuração social.

ABSTRACT

THIS IS LIFE FOR ME: MEMORY, HISTORY, FISHING AND ENVIROMENTAL DISASTER IN A CONFIGURATION (AMPARO, PARANÁ, 1940-2010)

The purpose of the work is to understand what is the meaning given to the fishing on Amparo Island and how the fishermen felt the *Vicuña* ship incident in 2004. Amparo Island is located at the city of Paranaguá, in Parana's Coast. In November 15th of 2004, the incident of *Vicuña* ship has occurred in the city of Paranaguá. The accident caused a leaking of 290.000 tonnes of fuel oil that caused the death of fishes, birds, shellfishs and the prohibition of fishing for 51 days. After the incident, were performed studies, environmental impact reports and compensations were given to the fishermen for the damages caused. Such measures conveyed in the documents of the accident and in the local newspapers don't address as to how the fishing communities experienced the incident. On these issues, the work's problematic is to comprehend how the fishermen of Amparo experienced the accident of the ship *Vicuña* in 2004. To support our proposal we make use of the oral history methodology and the theoretical reflections of Maurice Halbwachs, Henri Bergson and Michael Pollack, and the configuration concept present in the work of Norbert Elias. Our sources are interviews made with the fishermen from Amparo Island, interviews with representatives of fishermen Colonies, documents from the accident of 2004, documents from 19th Century that delas with the presence of fishermen groups, farmers in Paranagua Bay, bibliography that deals with the thematic of fishing and the news of environmental incidents occurred in other countries. The accident of 2004 was sensed by the changings in the sea, the disappearance of fish's species, in the relations and in their life style.

Key-words: Environmental disaster; fishing; memory; configuration.

INTRODUÇÃO

*Ah! o mar é tudo pra nós, porque daí do mar a gente tira tudo a sobrevivência da gente. Pra mim a importância da pesca, isso aqui pra mim é vida, pra mim é vida esse negócio aí a pesca, se acaba pra mim vai me acabar também*¹, diz o pescador Arivaldo Amanso Pires, nascido na *Ilha do Amparo*. Nas palavras de Arivaldo a pesca significa vida e o mar significa tudo. A grande maioria dos moradores da *Ilha do Amparo* sobrevive da pesca, sendo essa parte de um modo de vida que perpassa por conhecimentos apreendidos com as gerações anteriores e que é transmitido através da oralidade. A presente dissertação é um estudo sobre memórias de pescadores, para realizá-lo foi necessário ouvir, observar e ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de pesquisa. Utilizando a modo próprio das reflexões da autora Ecléa Bosi fomos sujeito enquanto indagávamos e elaborávamos questões e objeto quando registrávamos e gravávamos as vozes e expressões dos entrevistados, como um instrumento de receber e transmitir a memória, um meio pelo qual as pessoas se valiam para transmitir suas lembranças².

A *Ilha do Amparo*³ está localizada em Paranaguá, Litoral do Paraná, município que possui cerca de 140 mil habitantes⁴. O trajeto entre Paranaguá a Amparo é realizado somente por via marítima e leva cerca de trinta minutos. De Amparo é possível visualizar o Porto de Paranaguá. O Porto Dom Pedro II é um dos maiores exportadores de grãos da América do Sul, sua estrutura comporta atracadouros para navios, armazéns, terminais de inflamáveis, granéis de sólidos, líquidos, oleodutos, píeres públicos e de empresas privadas⁵. Pela proximidade da *Ilha* com o Porto faz parte do cotidiano dos pescadores observar a movimentação diária de navios, as ampliações portuárias e também conviverem com acidentes que ocorrem em suas dependências. Em 15 de novembro de 2004 ocorreu um acidente no terminal de inflamáveis da Catallini, no Porto de Paranaguá. O navio chileno *Vicuña* explodiu durante uma operação de descarga combustível causando a morte de quatro tripulantes e um vazamento aproximado

¹ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011. Nessa entrevista assim como nas outras que serão apresentadas ao longo da dissertação as falas foram adequadas para um maior entendimento dos leitores.

² BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.38 .

³ O termo Ilha do Amparo é utilizado pelos moradores, contudo Amparo não é uma ilha, pois está localizada no continente.

⁴ IBGE 2013. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411820 Acesso em: 05/08/2013.

⁵ Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina- APPA. Disponível em: www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=162 Acesso em: 05/08/2013.

de 290 mil litros de óleo combustível, que atingiu as baías de Paranaguá, Antonina e Laranjeiras. O vazamento provocou a morte de peixes, pássaros e a proibição da pesca por um total de 51 dias⁶. Após o acidente foram realizados estudos, relatórios de impacto ambiental, aplicadas multas às empresas envolvidas e dadas compensações aos pescadores pelos danos materiais. Numa tentativa de *compensar* o acidente, a empresa Catallini investiu parte de sua multa na construção de um aquário marinho em Paranaguá⁷. Tais medidas veiculadas nos jornais locais não abordam como os grupos humanos de pescadores atingidos vivenciaram o acidente. Os pescadores são mencionados em decorrência dos conflitos, danos materiais e das privações durante a paralisação da pesca. Diante dessa reflexão, o problema deste trabalho foi compreender como os pescadores vivenciaram o acidente do Navio *Vicuña* em 2004. A memória trabalha com o vivido, o acidente de forma isolada não é tão importante, mas o modo como as pessoas se lembram, como constroem suas percepções se torna relevante. Alistair Thomson afirma que considerar as razões que levam os indivíduos a construir suas memórias de determinadas maneiras é algo relevante, pois o processo de relembrar é um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e da natureza da memória coletiva e individual. Nosso intento consiste em ressaltar as falas dos pescadores, pois através delas é que iremos entender como eles vivenciaram o acidente.

Algo que nos demandou certo trabalho ao longo da pesquisa foi delimitar um recorte temporal que correspondesse às lembranças vivas dos pescadores. Para compreender como eles vivenciaram o acidente de 2004 foi necessário ouvir suas falas:

Ah antes do acidente, antes do acidente tinha até mais camarão como eu digo assim né, porque a pessoa não vai dizer que foi por causa do acidente e que não foi o acidente, mas cada vez, cada coisa que tá acontecendo assim no mar assim, prejudica mais a pesca. Quer dizer o óleo mata o camarão, mata tudo as coisas assim, o peixe tudo ali né. [...] O peixe, o peixe, se vê a pescadinha que tinha bastante se acabou quase tudo, o gueri agora que ta começando a aparecer, pouquinho ainda, é muitos peixes que desapareceu⁸.

Tinha mais produção né, porque o mar é limpo. Os peixes e os moluscos, eles sobrevivem melhor no meio ambiente, porque o mar é uma coisa que tudo que ele traz

⁶ Laudo técnico do acidente do navio *Vicuña*, ocorrido em Paranaguá no dia 15 de novembro de 2004. IBAMA/IAP, maio de 2005.

⁷ PRATEANO, Vanessa. Paranaguá terá aquário marinho 12/01/2010 **Gazeta do Povo Matinhos**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/verao/conteudo.phtml?id=962476>. Acesso em: 10/08/2011.

⁸ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

*recolhe, não só o óleo, mas tudo que joga na água o mar acolhe e aquilo ali vai prejudicando os peixes, os moluscos. Esse impacto aí que ficou pra nós aqui diferenciou bastante*⁹.

Os pescadores relatam como tudo o que acontece no mar prejudica os peixes, os moluscos e a pesca, trazendo em suas falas perspectivas de um *antes* e de um *depois* do acidente. A maneira como eles lembram coincide com o modo de vida do grupo, ou seja, para compreendermos como eles vivenciaram o acidente é necessário entender suas histórias de vida e o significado conferido à pesca. Nossa delimitação temporal se inicia na década 1940. A década de 1940 aparece nas falas de nossos entrevistados quando relatam suas histórias de vida, os conhecimentos que aprenderam com seus familiares, as continuidades e mudanças que vivenciaram. A delimitação temporal dada não significa que a pesquisa destina a tomar e entender o tempo como um ponto fixo e destituído da dinâmica que o próprio grupo social em questão lhe atribui. O método da história oral visa investir de historicidade a percepção que o grupo elabora sobre as experiências do *antes* e do *depois* do acidente.

A escolha por tratar do acidente do Vicuña em 2004 se deve a suas proporções, aos impactos e aos conflitos socioeconômicos que causou. Como já comentado os documentos e relatórios do acidente do navio *Vicuña* mencionam os pescadores das Ilhas da Baía de Paranaguá atingidos pelo acidente em fator dos conflitos e negociações pelos dias de proibição da pesca. Não encontramos trabalhos acadêmicos que trouxessem os relatos dos pescadores atingidos após o acidente ou sobre o impacto desse na pesca. Outro fator de justificativa e a contribuição e inserção da pesquisa dentro dos campos interdisciplinares da Etno-História e da História Ambiental. Um dos enfoques do campo interdisciplinar da História Ambiental se dá em torno de desastres ambientais e as mudanças que tais vêm provocando sobre comunidades tradicionais. Dentro das preocupações da Etno-História campo no qual privilegiamos o diálogo entre História e Antropologia, a pertinência do estudo está no enfoque dado à memória e a historicidade presente na visão a qual o grupo em questão faz do *antes* e do *depois* do acidente.

A escolha de Amparo na pesquisa se deve a uma dupla curiosidade, a uma curiosidade epistemológica e a uma curiosidade particular. Foi no ano de 2010 que tive o primeiro contato com *a Ilha*, na época era estagiária de um projeto universitário e ia à escola de Amparo semanalmente dar aula para as séries iniciais do ensino fundamental. Através das conversas informais com os pescadores locais percebi que o acidente de 2004 era lembrado de

⁹ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

forma espontânea. Pesquisando sobre o tema analisei que os jornais locais e o laudo técnico do *Vicuña* publicado em 2005 não tratavam de como os pescadores vivenciaram o acidente. Consideramos também a escolha pelo fato de que Amparo foi considerada um dos locais mais atingidos pelo vazamento de óleo¹⁰. Outro fator de justificativa é que encontramos poucos estudos na área de história que tratassem de tal temática. Quanto à curiosidade particular só tomei consciência dela mais tarde, quando já estava escrevendo o projeto de pesquisa e percebi que a escolha do tema se devia também ao fato da família da minha avó materna ser de pescadores e isso sempre era lembrado nas rodas de conversa familiares.

Antecedentes de Pesquisa

Nosso tema se constrói em torno do estudo de grupos humanos que aprenderam a observar o ciclo de vida de peixes, mariscos, crustáceos, a atividades das marés, a direção dos ventos, as frutas, legumes e raízes adaptáveis ao solo da mata, as plantas utilizáveis em curas e benzimentos. Na tipologia proposta por Diegues, esses grupos podem ser designados como pescadores lavradores. Os pescadores- lavradores não se reproduzem somente como pescadores, pois é na lavoura que se definem as suas condições de reprodução mais importantes¹¹.

Entre as décadas de 1930 e 1940 começa a se constituir no Brasil um campo intelectual em torno desses grupos humanos. Nesse período as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras estavam se constituindo no Brasil, a exemplo a Universidade de São Paulo e a Universidade do Paraná, dentro das quais passariam a funcionar os cursos de Ciências Sociais, História e Geografia¹². Os trabalhos de José Loureiro Fernandes e Vera Regina Langowski estavam vinculados a instituições como o Museu Paranaense, a Universidade do Paraná e ao Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá. Seus trabalhos discutem

¹⁰ Relatório Inicial do Navio *Vicuña*. **Avaliação da contaminação por hidrocarbonetos de petróleo nos sedimentos, peixes, ostras, siris e caranguejos da região afetada pelo acidente do navio *Vicuña* na Baía de Paranaguá...** de 12 de abril de 2005. Anexo 78 do Laudo do *Vicuña*. p.31.

¹¹ DIEGUES, Antônio Carlos. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004. p.135.

¹² MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kosak e as ciências sociais no Paraná**, 54 f. Monografia (Especialização em História e Geografia) - Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba 2006. p.13.

como os pescadores do Litoral do Paraná associavam a lavoura e a pesca, suas tradições, expressões populares, crendices e outros aspectos do seu modo de vida¹³. No litoral paulista e fluminense, pesquisadores como Emílio Willems, Ary França e Gioconda Mussolini estudaram aspectos semelhantes em torno das comunidades caiçaras¹⁴. Estes pesquisadores partilhavam de preceitos e problemas em comum, trocavam correspondências, faziam saídas de campo em conjunto, ministravam cursos e organizavam eventos científicos para discutir e estudar tais grupos¹⁵. Emílio Willems afirma que nas viagens ao litoral paulista e paranaense foi dada atenção ao modelo de ocupação, formas de casa, comida, medicina popular, instrumentos, técnicas agrícolas e de pesca, organização econômica e social, práticas mágicas e religiosas. De acordo com Willems:

A cultura caiçara do litoral sul revelou-se surpreendentemente homogênea e, depois de nossas primeiras experiências em campo, conseguíamos prever, com razoável acuidade, que elementos culturais seriam encontrados nas regiões vizinhas¹⁶.

Outro fator presente nestes trabalhos é a questão da mudança social e a metodologia e os princípios teóricos associados aos estudos de comunidades. Dentro destes temas importaria menos a especificidade de cada comunidade e mais os traços comuns gerais que demarcariam grandes grupos culturais, dotados de um patrimônio simbólico e material mais ou menos coeso¹⁷. Consideramos que estas interpretações não são relíquias presas no passado, elas devem ser revisitadas e apreciadas com novas perguntas. De acordo com Edward Palmer Thompson, os significados de um ritual, de modos de vidas, valores e normas comunitais só podem ser interpretados quando as datas deixam de ser consideradas como fragmentos e

¹³ LOUREIRO FERNANDES, José. A contribuição da geografia da Praia de Leste. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v. 6. Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Paraná. 1947; LOUREIRO FERNANDES, José. O interesse da investigação linguística nos domínios do folclore do mar. Contribuição ao tema oficial do "Terceiro Congresso Brasileiro de Folclore" realizado em julho de 1957 na Cidade do Salvador; LANGOWINSKI, Vera Beatriz Ribeiro. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do Litoral de Paranaguá. **Cadernos de Artes e Tradições Populares**. Paranaguá, n. 1 v. 1, p.77-102, jul/ 1973.

¹⁴ Ver em: FRANÇA, Ary. Perequê Uma Unidade Regional Típica. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Enciclopédia Caiçara, v.4: História e memória Caiçara**. São Paulo, Hucitec: Nupaub, 2005; MUSSOLINI, G. - 1945. *O Cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião*. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Enciclopédia Caiçara, v.4: História e memória Caiçara**. São Paulo, Hucitec: Nupaub, 2005.

¹⁵ Livro de atas do grupo encarregado do setor de cerâmica do II congresso brasileiro de folclore de 1953. Arquivo de José Loureiro Fernandes: documentos avulsos sobre antropologia, folclore e correspondências pessoais e oficiais- 1934-1971. Círculo de Estudos Bandeirantes.

¹⁶ WILLEMS, Emílio. Prefácio. **A Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil**; Gioconda Mussolini; Ana Maria Pontifex Tradução- São Paulo: HUCITEC; NUPAUB/CEC, 2003. p.14.

¹⁷ SILVA, Luiz Geraldo. História caiçara e ciências sociais no Brasil. DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Enciclopédia Caiçara, v.4: História e memória caiçara**. São Paulo, Hucitec: NUPAUB, 2005. pp. 20-1.

reliquias do passado e são colocados novamente em seu contexto total¹⁸. Em nossa pesquisa são também interpretações que devem ser consideradas com ressalvas. A primeira ressalva se dá sobre a questão do *isolamento*. A ideia de isolamento considera que os grupos humanos de pescadores lavradores seriam isolados e teriam pouco ou quase nenhum contato com outros bairros e com o ambiente urbano. A respeito da Ilha de Búzios Emílio Willems afirma:

[...] a comunidade de Búzios emerge bem claramente como uma manifestação da subcultura caiçara. A associação da pesca e agricultura, a predominância do complexo da mandioca, a fraca liderança comunal, as relações sociais individualizadas [...] A comunidade de Búzios em particular e a cultura caiçara em geral apresentam outro conjunto inesperado de características. Não existem muitas dúvidas de que algumas características básicas da típica sociedade tradicional se aplicam a Ilha de Búzios. Sua população é isolada, pequena, homogênea e analfabeta¹⁹.

Tais grupos nunca estiveram isolados, nem no passado e nem nos dias atuais. Kilza Setti tratou muito bem tal questão demonstrando que os caiçaras de Ubatuba, apesar de morarem distantes, sempre estavam integrados com as notícias e acontecimentos de outros bairros. Segundo a autora “A experiência obtida nas recolhas de campo revelou a grande facilidade com que as populações de cada bairro ou praia estão informadas do que se passa em toda região”²⁰. Em Amparo, observamos que parte de nossos entrevistados migrou de outras localidades tais como de Santa Catarina, Guaraqueçaba, de ilhas e vilas pesqueiras de Paranaguá. Os pescadores têm conhecimento do que se passa em outros locais, sobretudo, com a cidade de Paranaguá aonde vão com frequência realizar atividades do cotidiano.

Outra ressalva refere-se a utilização do conceito de cultura caiçara. A cultura caiçara é uma subcultura brasileira distinta. A associação entre pesca e agricultura, a predominância do complexo da mandioca, as relações sociais individualizadas em um grupo maior e na família nuclear e a ausência de instituições religiosas são algumas de suas características²¹. Os caiçaras são reconhecidos por adquirirem e transmitirem seus conhecimentos pela oralidade, por conhecerem ciclos naturais e dependerem deles para a sua sobrevivência e por utilizarem técnicas de baixo impacto sobre a natureza. Tal cultura faria parte da cultura crioula ou

¹⁸ THOMPSON, Edward, Palmer. Folklore, antropología e história social. **Conferencie dada en el indian history**, Calicut, Krida, p.63-86, diciembre. 1976. p.70.

¹⁹ WILLEMS, op. cit., pp.170-1.

²⁰ SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1985. p. 9.

²¹ WILLEMS, op. cit., p.171.

cabocla que seria fruto da mistura entre negros, índios e europeus²². Em nosso trabalho não utilizaremos este conceito por dois motivos. O primeiro refere-se ao fato de os pescadores de Amparo não se definirem como caiçaras. Eles se definem como pescadores e utilizam o termo caboclo para se referir à vida nos sítios onde nasceram:

*Olha eu nasci lá no Itaqui sabe, nasci lá é sou um pouco índio um pouco sei lá (risos). É caboclo, é porque a gente nasceu lá no centro do mato entende, no meio do mato*²³.

*Sou pescador mesmo. Pra quem mora no sítio mesmo é mais caboclo que falam né (risos), mas eu sou pescador mesmo*²⁴.

*Eu não sou indígena assim, mas sou caboclo assim mesmo, porque meus avós caçavam demais e bem assim no centro de Santa Catarina, ele fazia mundéu fazia essa arataca, arataca com duas cabeças, mundéu de duas cabeças [...]*²⁵.

O segundo motivo decorre em fator de autores como José Loureiro Fernandes e Vera Regina Langowski não utilizarem a definição caiçara em seus trabalhos sendo utilizadas as categorias pescador, caboclo e praiheiro²⁶. Quanto a esta discussão Marcelo Polinari argumentou que o conceito caiçara não se adequava aos pescadores entrevistados em Pontal do Sul e Matinhos, sendo o conceito bastante utilizado em instituições de pesquisas, mas que não se adequava a realidade local²⁷.

Além desses trabalhos, a literatura mais recente sobre a pesca trouxe grandes contribuições à discussão do tema e em vários pontos dialogam com as preocupações que surgiram ao longo da pesquisa. Em 1978, Marília de Carvalho Kraemer analisou as condições de vida dos pescadores de Amparo e Prainha, no município de Paranaguá. Em Amparo, a autora observou uma mudança nas relações sociais e no modo de vida dos moradores em razão da proximidade com a cidade de Paranaguá²⁸.

²² DIEGUES, Antônio Carlos. Esboço de história ecológica e social caiçara. DIEGUES, Antônio Carlos. **Enciclopédia caiçara, v.4: história e memória caiçara**, São Paulo. Hucitec: NUPAUB, 2005. p.274.

²³ Isaías de Souza. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

²⁴ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

²⁵ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá Entrevista concedida em 28/09/2011.

²⁶ As categorias *caboclo do litoral* e *praiheiro* são referências do trabalho “Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praiheiro do Litoral de Paranaguá” de Vera Regina Langowski. Loureiro Fernandes utiliza nos seus trabalhos as categorias *pescador* e *caboclo*.

²⁷ POLINARI, Marcelo. Pescadores artesanais, caiçaras e outros conceitos utilizados inadequadamente. LIMA, R. E. de; NEGRELLE, R. B. **Meio ambiente e desenvolvimento do Litoral do Paraná: diagnóstico**. Curitiba: Editora UFPR, 1998. pp.117-136.

²⁸ KRAEMER Marília de Carvalho. **Malhas da pobreza: exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá**. Curitiba: Estante Paranista, 1983. p. 162.

Em 1989, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento- IPARDES, publicou o relatório integrante do projeto Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – APA de Guaraqueçaba. O relatório teve por objetivo a caracterização socioeconômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais da APA de Guaraqueçaba. O documento indicou transformações na atividade da pesca artesanal. A vinculação da atividade ao mercado e a modernização através dos barcos motorizados e dos instrumentos de pesca possibilitou uma maior captura de pescado²⁹. O relatório indicou que a pesca se caracterizava como uma atividade complementar as atividades agrícolas de subsistência³⁰.

A pesquisadora Marie-Dominique Rougelle analisou a atividade pesqueira na Baía de Paranaguá. O trabalho demonstra como que, numa microrregião, a pesca desenvolveu rumos diferenciados³¹. Na vila de Superagui a grande maioria dos pescadores eram netos e bisnetos de pescadores, enquanto em Costão muitos pescadores nasceram de pais agricultores ou eram agricultores. A origem agrícola constatada foi um fator essencial para a forma de organização da pesca, pois o recém-pescador não se integrava completamente ao mundo marítimo³². Na sua tese de doutorado, Rougelle tinha por objetivo mostrar as origens da crise que se abateu sobre a atividade pesqueira em Guaraqueçaba no final da década de 1970. O trabalho demonstrou que a pesca era uma atividade secundária ou complementar à agricultura em Guaraqueçaba³³.

José Milton Andriguetto em sua tese de doutorado estudou os sistemas técnicos de pesca no litoral paranaense e seu processo de diferenciação³⁴. Andriguetto estudou 22 vilas de pescadores do litoral paranaense e identificou seis tipos de sistemas de pesca. Através de entrevistas o autor construiu um calendário das principais espécies de pescado capturadas. Destacam-se na sua tese as seções dedicadas à descrição de como os pescadores de Pontal do Sul relatam os impactos e desaparecimentos de espécies de pescado³⁵.

²⁹ IPARDES/ SEMA. **APA de Guaraqueçaba: caracterização socioeconômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais**. Curitiba, 1989. p. 13.

³⁰ Ibid., p. 52.

³¹ ROUGELLE, Marie Dominique. Pescas artesanais de Guaraqueçaba. **Encontro de Ciências Sociais e o Mar**. 1989. São Paulo. **Coletânea de Trabalhos Apresentados**. Diegues Antonio Carlos, Org. Pesca Artesanal: Tradição e Modernidade. São Paulo. Programa de Pesquisa e Conservação em áreas Úmidas no Brasil. 1989. 322p. p. 281.

³² Ibid., p.286.

³³ Idem. **La crise de la peche artisanale : transformation de l'espace et destructuretion de l'activite – le cas de Guaraqueçaba (Paraná, Brésil)**. 189 f. These (Doctorat Géographie L'Universite de Nantes), 1993 v. I. p.352.

³⁴ ANDRIGUETTO. op.cit., p.12.

³⁵ Ibid., pp.158-9.

Raynaut afirma que pensar o desenvolvimento humano levando em conta as suas implicações no meio ambiente traz consigo a exigência da interdisciplinaridade. O desafio fundamental ao se adotar um enfoque interdisciplinar é tentar restituir o caráter de totalidade e de complexidade do mundo. As ciências físicas e naturais devem admitir que as produções da mente humana não são meras fantasias que vêm mascarar uma realidade mais essencial e mais determinante que seria a realidade da matéria. Deve-se aceitar que a dimensão social e cultural faz parte integrante da realidade e desempenha um papel tanto na história das sociedades quanto naquela dos ecossistemas que estudam³⁶.

Vanessa Andreoli demonstrou a relação dos pescadores artesanais de Matinhos-PR com a natureza. A autora afirma que os pescadores dependem diretamente da natureza e detém um conhecimento aprofundado sobre a mesma. Através dos depoimentos dos pescadores, indica que o fator mais comentado que causou a diminuição do pescado foi a exploração das grandes embarcações pesqueiras³⁷.

A literatura da pesca brevemente apresentada nos serviu de apoio ao longo do trabalho. Em Amparo observamos conflitos em torno das atividades de agricultura e de caça. Em relação a atividade de caça, nos deparamos com o silêncio dos entrevistados diante do gravador. No entanto, em *segredo* muitos moradores afirmavam ainda realizar a atividade. Muitas outras questões em torno da migração, das mudanças observadas nos instrumentos de pesca, das alterações ambientais percebidas pelos pescadores também tomam por base as reflexões e contribuições da literatura apresentada.

Pressupostos e Base Teórica

Tentaremos aqui ressaltar aspectos teóricos que consideramos fundamentais. Uma das primeiras delimitações pertinentes refere-se à definição de memória. A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele

³⁶ RAYNAUT, Claude. Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba, n. 10, p. 21-32, jul. /dez. 2004. p.27.

³⁷ ANDREOLI, Vanessa Marion. **Natureza e pesca: um estudo sobre pescadores artesanais de Matinhos-PR**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. p. 106.

representa como passadas³⁸. O estudo da memória abarca diversas disciplinas tais como a antropologia, a psicologia, a história, a biologia, a filosofia e a psicanálise, dentre outras áreas do saber.

Um dos autores que trouxe reflexões em torno do fenômeno da memória foi o filósofo alemão Henri Bergson. No livro *Matéria e Memória*, o autor demonstra a importância do corpo como de um limite movente entre o futuro e o passado e como uma extremidade móvel que nosso passado estenderia a todo o momento em nosso futuro. Bergson distingue dois tipos de memória, uma memória que registraria imagens lembranças e uma memória hábito. A primeira registraria todos os acontecimentos de nossa vida e atribuiria a cada fato e a cada gesto seu lugar e data, armazenando o passado pelo efeito de uma necessidade natural. Já a memória hábito iria reter do passado os movimentos coordenados que representariam o esforço acumulado com que os movimentos atuais se efetuam³⁹. Estes dois tipos de memória fundem-se intimamente. A memória do corpo constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, seria uma memória quase que instantânea à qual a verdadeira memória do passado serviria de base⁴⁰.

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida⁴¹.

No início do capítulo *Memória individual e memória coletiva*, Maurice Halbwachs afirma que nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros. Ainda que se trate de eventos que somente nós tenhamos vividos, isso acontece, porque jamais estamos sós⁴². Nossas lembranças são coletivas e devem ter tido algum significado para nos lembrarmos, pois quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória e se na ausência de testemunhos nos sentimos incapazes de reconstruir qualquer parte delas, os que um dia descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena, mas esta

³⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p. 423.

³⁹ BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito**. Henri Bergson tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 88-9.

⁴⁰ Ibid., pp.178-179.

⁴¹ Ibid., p.179.

⁴² HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**/ Maurice Halbwachs; tradução Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006. p. 30.

jamais será uma lembrança⁴³. A lembrança deve deixar traços capazes de serem reconstruídos e reconhecidos. Não basta apenas a reconstrução de um acontecimento para obter uma lembrança, é preciso que esta funcione a partir de dados ou noções que estejam em nosso espírito e no dos outros, o que será possível se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, só assim podemos compreender que uma lembrança foi ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída⁴⁴. Para Halbwachs talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque outras pessoas nos fazem recordar. E mesmo que essas outras pessoas não estejam presentes, pode-se falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse lugar na vida de nosso grupo, que víamos e que vemos agora no momento em que nos recordamos do ponto de vista desse grupo⁴⁵. Em alguns casos, podemos estar até mais interessados do que os outros em um acontecimento e apesar disso não guardar lembranças. Esquecer um período da vida é perder o contato com os que nos rodeavam⁴⁶. Para Halbwachs o indivíduo participaria de dois tipos de memória, isto é, da memória individual e da coletiva. Elas se interpenetrariam com frequência, especialmente a memória individual para confirmar algumas de suas lembranças se apoiaria na memória coletiva.

No pensamento de Halbwachs existiria essa constante interpenetração entre a memória individual e a memória coletiva. Se por um lado Halbwachs trouxe contribuições para entendermos as relações entre a memória coletiva e a individual, por outro obscurece a imposição ou manipulação que a memória coletiva poderia impor sobre as memórias das minorias. Michael Pollack afirma que numa perspectiva construtivista aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Na análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância das memórias subterrâneas que como parte integrante das culturas minoritárias se opõe à memória oficial⁴⁷. As lembranças transmitidas no quadro familiar, em associações e em pequenos grupos são guardadas em estruturas de comunicação informal, passando assim despercebidas pela sociedade englobante⁴⁸.

⁴³ Ibid., p.33.

⁴⁴ Ibid., p.39.

⁴⁵ Ibid. p. 41.

⁴⁶ Ibid. p. 37.

⁴⁷ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. pp.3-4.

⁴⁸ Ibid., p.8.

Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza de "comunidade afetiva". Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva⁴⁹.

Os pensamentos dos autores nos serviram de base para discutir as questões que surgiram ao longo do trabalho. Como os pescadores se lembram do acidente de 2004? Em que sentido suas lembranças se correlacionam com a versão do acidente presente nos documentos e com a versão dos representantes de Colônias? Suas lembranças se modificam conforme a posição do entrevistado na configuração social? Outra questão importante se manifestou na análise das diferentes versões do acidente. Enquanto as notícias de jornais e os relatórios técnicos trazem aspectos mais formais e lineares, descrevendo os impactos materiais causados, as regiões contaminadas, as empresas envolvidas, as lembranças dos pescadores trazem o barulho das explosões, as relações estabelecidas no cotidiano e no contexto do acidente.

Em Amparo, quando questionamos aos pescadores a lembrança do acidente do navio *Vicuña*, apareceu de forma espontânea em suas falas a entrega de cestas básicas pelas empresas e autoridades envolvidas no acidente, o cadastro na Colônia de Pescadores. Nas suas lembranças surgiu essa gama de relações que nos permitem explorar as hierarquias e relações de poder existentes no grupo em questão. Na nossa pesquisa utilizamos o conceito de configuração social, ou figuração social do teórico alemão Norbert Elias. De acordo com Elias as configurações sociais se formam a partir das interdependências entre os indivíduos. As pessoas são dependentes entre si, inicialmente pela ação da natureza e mais tarde pela aprendizagem social, pela educação e pela socialização. Este é o motivo pelo qual não é frutífero conceber o indivíduo isolado. Para o autor existe uma cisão do pensamento sociológico no qual se considera a sociedade como um todo e por outro lado, uma vertente que considera o indivíduo como autossuficiente, livre, e com o mais alto valor. O conceito de configuração social nos ajudou a investigar as interdependências que os pescadores formam entre si, sobretudo demonstrou que a peça central da configuração social estudada é um

⁴⁹ Ibid., p. 3.

equilíbrio instável de poder com tensões inerentes. O conceito também foi importante pra demonstrarmos que conforme a posição que o indivíduo ocupa na configuração social, esse produzirá diferentes versões em torno acidente de 2004. A lembrança do acidente isolada não nos diz muito, é necessário explicar as diferentes versões e o porquê de os pescadores se lembrarem de uma determinada forma, tudo isso em conjunto com a análise da configuração social específica que os pescadores formam entre si.

Outro desafio que tivemos no trabalho foi o de equilibrar o conteúdo de nossas entrevistas com os documentos escritos. Por estar situada em várias áreas do conhecimento a memória é tomada como um objeto privilegiado para quem se propõe a explorar novas possibilidades de diálogo entre diferentes disciplinas acadêmicas. Contudo, a riqueza de possibilidades é em geral acompanhada de uma imprecisão na definição do modo pelo qual se vai trabalhar um objeto tão arredo⁵⁰. O historiador Antoine Prost faz uma distinção entre memória e história. Prost afirma que o vaivém entre passado e presente, assim como entre os diferentes momentos do passado é a operação peculiar da história. Ela modela uma temporalidade própria, com seus pontos de referência⁵¹. O tempo da memória, o da lembrança nunca pode ser inteiramente objetivado e esse aspecto fornece a sua força, pois ele revive a poderosa carga afetiva⁵². Para Prost, o desafio que os historiadores devem enfrentar é o de transformar a demanda de memória de seus contemporâneos em história. O questionamento da morte deve ser feito em função da vida. Recordar um acontecimento é totalmente inócuo e não contribui para reproduzi-lo, se ele não for explicado⁵³.

Nosso estudo se insere no campo da chamada etno-história. A etno-história, enquanto história de inevitáveis e permanentes contatos culturais tornou-se o estudo dos grupos étnicos e de suas interações mútuas. Dentro desta perspectiva os contatos culturais são experiências complexas e compreender a dinâmica histórica dos grupos é entendê-los em sua complexidade real. A contribuição imediata que a etnologia traz para a história, ela volta-se para os estudos de festas, mitos, para a valorização do saber não letrado e da tradição oral⁵⁴. A valorização de toda a sorte de documentos significou um aprofundamento significativo de sensibilidade para com os mais diversos aspectos da experiência humana e a incorporação de

⁵⁰ GUÉRIOS, Paulo. As condições sociais de produção de lembranças entre imigrantes ucranianos. **Maná**. Rio de Janeiro, v.14, n.2. p.367-398, out. 2008. p.367.

⁵¹ PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012. p.104.

⁵² Ibid., p. 106.

⁵³ Ibid., p. 272.

⁵⁴ NETO, Edgard Ferreira. História e etnia. FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo, (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 327-28.

desafiantes tarefas metodológicas⁵⁵. Através da perspectiva da etno-história tentamos, ao longo do trabalho, equilibrar memória e história. A abordagem da etno-história, em conjunto a metodologia de história oral, nos ajudou também a compreender os significados e noções presentes no modo de vida dos pescadores.

Observamos que em Amparo a pesca além de uma atividade econômica pode ser considerada como parte da cultura local. Edward Palmer Thompson afirma que cultura é um termo que ao envolver tantos significados tais como ritos, tradição e simbologia pode, na verdade, mistificar distinções que precisam ser feitas. Pensar em cultura remete a desconstruir seu emaranhado de significados e analisar seus componentes um de cada vez⁵⁶. Um ritual, um símbolo, um modo de vida deve ser compreendido dentro do seu contexto, tentando entender o significado que aquele grupo lhe atribui.

A metodologia em história oral é uma das chaves principais do trabalho. História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar⁵⁷. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, não faz muitos anos que a história oral reapareceu entre as técnicas de coleta de material empregada pelos cientistas sociais. O reaparecimento é mencionado, porque do começo do século XX ao início da década de 1950, esta metodologia fora utilizada por sociólogos como W. I. Thomas (1863-1947) e também por antropólogos como Franz Boas (1858-1942). Para cientistas como Thomas, a história de vida mostrava apenas um aspecto da realidade e não podia ser utilizada isoladamente. No entanto, o relato oral ou história oral se apresentava como uma técnica útil para registrar o que não se tinha indícios em documentos escritos, o que desapareceria se não fosse anotado. A história oral serviria para captar o não explícito e quem sabe mesmo o indizível⁵⁸. A história oral como metodologia só se justifica no contexto de uma investigação científica. Em nosso trabalho realizamos entrevistas de história de vida com os pescadores e entrevistas temáticas com os presidentes e representantes de Colônia. As entrevistas temáticas são aquelas que abordam a participação do informante no tema escolhido, já a história de vida tem como centro o próprio indivíduo na história incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que vivencia

⁵⁵ Ibid., pp.327-328.

⁵⁶ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 1998. p. 22.

⁵⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís do Indizível ao Dizível. SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com história de vida: Itália – Brasil**, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p.19.

⁵⁸ Ibid., p. 15.

seus acontecimentos⁵⁹.

Procedimentos metodológicos

A primeira etapa de nossa pesquisa foi a de fazer uma revisão de literatura e a pesquisar os documentos do acidente de 2004. O laudo do acidente publicado em 2005 não trazia os anexos, apêndices e outros documentos importantes sobre o acidente. Conseguimos essa documentação no IBAMA de Paranaguá. Também consultamos documentos do século XIX referentes à presença de pescadores-lavradores na Baía de Paranaguá.

Outra etapa foi à realização das saídas de campo. Nossas saídas foram realizadas entre o período de 2011 a 2014. Em 2011, realizamos um contato inicial com os pescadores explicando sobre o projeto de pesquisa, seus objetivos, sobre entrevistas e autorização para a publicação destas no meio acadêmico. Desse contato inicial selecionamos os possíveis entrevistados. Nossa seleção buscou entrevistar pescadores que presenciaram o acidente de 2004 e pescadores mais velhos que poderiam nos fornecer informações do lugar e das relações entre os moradores. Em Amparo foram entrevistados ao todo nove pescadores, as suas idades variaram entre 40 e 74 anos. A entrevista de Isaías de Souza, que é estivador aposentado e praticava a pesca somente para se alimentar, foi considerada importante pelo fato de que o entrevistado praticava lavoura em Amparo, além de sua entrevista ser importante para entendermos as relações entre os moradores. As entrevistas foram gravadas em áudio e em vídeo, foram transcritas, catalogadas e devidamente autorizadas pelos entrevistados.

O roteiro de nossas entrevistas⁶⁰ de história de vida tentou aprofundar os seguintes temas:

- Biografia do entrevistado
- Trajetória do indivíduo na pesca
- Conhecimentos da pesca e técnicas empregadas
- Se os entrevistados e seus familiares exerciam outras atividades além da pesca.
- O significado do mar

⁵⁹ ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. pp. 37-8.

⁶⁰ Ver nos apêndices.

- Relação do entrevistado com a Colônia de pescadores e com a associação de moradores
- Lembrança do acidente de 2004
- Se o entrevistado percebeu mudanças após o acidente

Tivemos algumas dificuldades ao longo do trabalho. Uma das dificuldades foi em relação ao tempo para realizar as entrevistas. Muitas vezes o entrevistado precisava sair para pescar, ou ir à cidade de Paranaguá, nesses casos tentamos reagendar a entrevista para outra ocasião. Nos casos em que não conseguimos reagendar, tentamos aprofundar os temas sobre o qual tínhamos mais interesse. Não conseguimos realizar a entrevista com o presidente da associação de moradores de Amparo.

Foram também realizadas entrevistas com representantes de Colônia de Pescadores. Foi realizada uma entrevista com o presidente da Colônia Z1 de pescadores e da Federação das Colônias, em Paranaguá, e uma entrevista com o presidente da Colônia Z2 de Guaraqueçaba. O roteiro da entrevista temática com os representantes de Colônia teve por temas:

- Biografia do entrevistado
- Que tipo de representação a Colônia desempenha no cotidiano dos pescadores
- Lembrança do acidente do navio Vicuña em 2004.

Além das entrevistas, outro elemento crucial de nossa pesquisa foi a observação direta que ajudou a investigarmos as relações existentes na configuração social.

Fontes

As fontes utilizadas no trabalho são entrevistas de história de vida realizadas com pescadores, entrevistas temáticas realizadas com representantes de Colônia de Pescadores; Atas de reunião, relatórios e anexos do Laudo técnico realizado pelo Instituto Ambiental do Paraná – IAP e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis- IBAMA (2005); Notícias dos jornais *Gazeta do Povo*, *Folha do Litoral*, *Estado do Paraná*, *Jornal do Litoral Paranaense* 2004-2011; Notícias e bibliografia sobre acidentes ambientais ocorridos

em outros contextos disponíveis na página eletrônica do CEDRE-*Centre de Documentation de recherche et' d' experimentation sur Le pollutions accidentelles des eaux*; Maços de população de 1808, relatório de presidente de província, livros de memorialistas do século XIX e historiografia sobre o povoamento e exploração da Baía de Paranaguá.

Se o emprego da história oral significa voltar à atenção para as versões dos entrevistados, isso não significa que se possa prescindir de consultar fontes escritas sobre o tema. A crítica do historiador deve ser aplicada a todos os tipos de fontes e mesmo havendo diferenças na construção de tempo feita pela memória e pela história, estas não são excludentes. Seguindo a proposta metodológica do trabalho equilibraremos memória e história de modo que as fontes escritas e os conteúdos das entrevistas respondam a problemática do trabalho.

Os documentos do acidente do Navio *Vicuña* em 2004 e as notícias de jornais serviram de contraponto na pesquisa para analisarmos como os pescadores são descritos e as divergências e similaridades entre o conteúdo dos documentos, as lembranças dos pescadores e as lembranças de presidentes de Colônia. As notícias e bibliografia de acidentes ocorridos em outros contextos são utilizadas para articular o acidente do Navio *Vicuña* a exemplo de outros acidentes em escala internacional e nacional. Os documentos do século XIX mostram que desde o século XVI as sociedades nativas da Baía de Paranaguá associavam caça, pesca e lavoura no seu espaço. Esses documentos são utilizados para demonstrar que o modo de vida observado em Amparo teria sua origem no processo de gênese de grupos de pescadores lavradores na Baía de Paranaguá.

Nossa dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a configuração social de Amparo. Demonstramos como os pescadores de Amparo se relacionam com a natureza, o modo como os moradores constroem a história do *lugar*, as interdependências entre os indivíduos e como o modo de vida observado no atual pescador de Amparo teria sua base no processo de formação de grupos humanos de pescadores lavradores na Baía de Paranaguá.

No segundo capítulo apresentamos brevemente a constituição e estrutura do Porto de Paranaguá e como os pescadores se sentem diante da estrutura portuária. Discutimos que o acidente do navio *Vicuña* ocorrido em Paranaguá nos permite ilustrar como em outros contextos, configurações sociais de pescadores passaram por situações semelhantes. Apresentamos também como o acidente é veiculado nos documentos escritos e como os

pescadores e presidentes de Colônia se lembram do acidente.

No terceiro capítulo inicialmente discutimos as diferentes versões do acidente de 2004. Problematisamos a construção de tempo e espaço presentes nas lembranças e contextualizamos o relato dos pescadores de Amparo no contexto histórico do pós-acidente em 2004, analisando como eles descrevem e constroem as mudanças que sentiram.

CAPÍTULO I: AMPARO A QUEM NAUFRAGAR

1.1 O MAR E O MATO

O objetivo da presente seção é compreender as relações estabelecidas entre os pescadores da Ilha do Amparo e a natureza. Através das histórias de vida dos entrevistados conseguimos identificar os diferentes significados conferidos ao *mar* e ao *mato* e a utilização dos recursos naturais no espaço onde vivem.

Nazira Rosa ou *Zica* como é conhecida em Amparo nasceu no ano de 1941, em Taquanduva, no município de Guaraqueçaba. *Zica* é pescadora aposentada e mora em Amparo há aproximadamente 55 anos:

Eu pesco desde que trabalhei na roça, trabalhamos até se aposentar, desde que casei com ele. Me casei com 19 anos, tive família e depois eu tive um menino meu mais velho que mora lá no Rocio. Depois nós fomos pescando assim, quando eu não ia pra roça, eu ia pescar com ele. Eu mais pescava do que trabalhava na roça, mas na roça era gostoso de trabalhar. Também eu ia sozinha né. Depois uma comadre meu do Valadares veio trabalhar comigo na roça, ah meu Deus, aí sim eu trabalhei muito, porque daí nós fazia até farinha, nós tínhamos mandioca e fazia de saco de farinha. Daí depois vendia farinha também, eu vendia para o pessoal que vinha buscar em casa e levava para vender no negócio. Era assim minha vida até depois que eu não pude mais trabalhar, daí eu falei pro meu marido:

— Você não me ajuda!

Ele não me ajudava guria, era eu sozinha. Ele dizia:

— Ah eu que vou pro mato, não vou pro mato não. Eu quero mais é ficar em casa descansando, fazendo minhas pescas.

Aí eu que gostava de trabalhar na roça, fazia tempo desde menina. Lá no sítio que eu morava com minha mãe era assim, morava num lugar próximo do Itaqui, morava lá no Taquanduva. [...] Daí era assim a vida da gente desde pequena trabalhando né. Olha eu lutei na minha vida. Com mamãe eu plantava batata, plantava feijão, plantava de tudo. Depois de grande [...] minha mãe mandava nós carpir, nós carpíamos com ela. Morreu cedo ela, não tinha nem cinquenta anos ainda minha mãe quando morreu de tanto trabalhar de certo, é

*uma doença que deu nela. Daí morreu e o meu pai ficou meio desnorteado da vida. [...] Papai só pescava, a vida lá no sítio era só assim, pescar, pescar. Nós pescávamos tudo que tipo de peixe, era gueri, grandes*⁶¹.

Até o final da década de 1950 Zica morou no Taquanduva. Por volta da década de 1960, aos 19 anos de idade, ela se casou e se mudou para Amparo, lugar onde vive até os dias atuais. Algo que ela delimita bem na sua fala é que ela trabalhava sozinha na *roça* e seu companheiro só pescava. Entre o *mar e o mato* conseguimos entender o modo de vida de Zica e de seus familiares. No relato de outros pescadores de Amparo também encontraremos essa relação entre o *mar e o mato*.

Maria Santos do Rosário é pescadora aposentada, nasceu em 1948, em Borrachudo, no município de Guaraqueçaba. Maria se mudou para Amparo por volta do final da década de 1950:

Eu nasci lá pra longe, no lado de Guaraqueçaba, pra lá Borrachudo, no município de Guaraqueçaba. Minha mãe e meu pai vieram de lá. Faz mais de 15 anos morto [...] 20 e poucos anos, quando esse guri meu tinha um ano o meu pai morreu, meu filho tá com 25 anos, faz 24 anos que ele é morto. Eu vim de lá com 10 anos, estou com 65 anos, 66 anos vou fazer agora, faz mais de 50 anos que eu moro aqui já.

Quando a senhora começou a pescar?

*Ah, comecei com meu pai, que nós viemos pra cá, depois que eu casei eu fui com meu marido, depois eu saía com ele por aí, saía pescar. Eu era pequena 10, 12 anos eu ia pescar com meu pai. Depois eu casei e ia com meu marido né, saía com ele por aí, saía pescar, trabalhava na roça, que nós plantávamos mandioca, fazia farinha. Depois dessa que eu não pude mais trabalhar, nem na lavoura e no mar aí eu me aposentei é que eu andava doente né. [...]*⁶².

José Paulo Honório Silva, também conhecido como Zé e Catarina é pescador aposentado. Nasceu no ano de 1960, em Araraguá, no Estado de Santa Catarina. Se mudou para Eufrasina, Litoral do Paraná com nove anos de idade. Aos 15 anos de idade começou a pescar. Por volta de meados da década de 1980 ele se mudou para Amparo:

⁶¹ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013. Nazira nasceu no dia 18 de junho de 1941 tem atualmente 72 anos de idade. Zica é aposentada há mais de 15 anos, seu marido é falecido há 14 anos.

⁶² Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Maria nasceu em 8 de junho de 1948 e tem atualmente 66 anos de idade. É aposentada há 11 anos.

Quando eu vim de Santa Catarina, de primeiro eu era registrado pelo padre e tava a gente que fazia a caneta assim ainda né, aí eu vinha de Santa Catarina, numa mudança, num caminhão assim, vim com nove anos de idade já. Aí quando chegava vindo de lá pra cá, teve uma mudança, nós fomos lá pra Eufrasina, sabe. Aí caiu uma tormenta de chuva e molhou tudo aquele papel velho com os registros que o padre dava tipo um registro, sabe e aí molhou. Aí depois passou mais ou menos uns oito anos, pros nove anos mais ou menos, daí a mãe começou a registrar nós, registrou, mas eu, ela registrou a menos cinco anos. Agora eu to, agora eu vou fazer 51 anos agora em dezembro, já pensou. Faz cinco anos, mas agora eu estou com 51 anos, eu vou fazer ainda agora dia 10 de dezembro né. [...] Agora estou encostado faz quatro anos né, porque deu derrame cerebral em mim. É faz quatro anos já to tentando se aposenta e não dá também, porque a perícia é muito rigorosa demais né pra aposentar a gente. [...] quando eu cheguei de Santa Catarina eu tinha nove anos como eu já falei né, aí comecei a trabalhar assim na lavoura, assim desde os nove anos mais ou menos até uns 15 anos de idade. Depois de 15 anos pra frente eu comecei na pesca, a trabalhar na pesca mesmo direto. [...] O pescador como muita pessoa ele tem é curiosidade, a pessoa, que a pessoa já vai viver daquilo, a pessoa não tem outro ramo para viver, a pessoa vai aprender com os mais velhos que estão pescando, a pessoa vai aprendendo as mesmas coisas. Se a pessoa era de tarrafa, de primeiro era tarrafa jogada né, aí começaram a fazer aquele binbalzinho, aquele de vara né assim, de como que é de arrastãozinho que diz aí e a gente foi aprendendo aquelas coisas, cada vez mais assim né é, porque a pessoa aprende com os outros, com os mais velhos⁶³.

Mariano Rodriguez Lourenço nasceu no ano de 1959 em Amparo. Mariano vem de uma família de pescadores lavradores e atualmente tem mais três irmãos que pescam:

O pescador é um sobrevivente né, ele trabalha para sobreviver, para ganhar o pão, pra se alimentar. Claro acorda cedo e vai trabalhar, sai pro mar, trabalha e volta. Essa é a rotina do pescador, só não trabalha dia de chuva forte e vento muito forte, mas durante o dia não tem feriado, trabalha pra ganhar o sustento [...] O meu pai primeiro ele me ensinou a fazer a rede, depois ensinou a pescar de linha, pesca de espinhel e daí por em diante, daí a gente foi aprendendo já com a convivência da vida a gente foi aprendendo [...] Meu pai trabalhava na pesca como na lavoura né, duas atividades lavoura e pesca. Eles lavoravam

⁶³ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. José nasceu em 10 de dezembro de 1960 e tem atualmente 53 anos. Aposentou-se em 2012.

*também, plantavam mandioca, plantavam arroz é o mais que eles plantavam era a mandioca e o arroz, os legumes também cará, aipim, taiá vários legumes que eles plantavam*⁶⁴.

Amilton Gonçalves do Rosário nasceu no ano de 1940, em Medeiros, mora em Amparo há aproximadamente 45 anos:

Nasci lá no Medeiros, eles vieram tudo pra cá né, porque lá era muito longe.

Quando o senhor começou a pescar?

*Aprendi com meu pai né, aprendi a usar tarrafa assim, pescar de linha [...] eles plantavam, plantemos né mandioca, tinha fabrica ali né, depois que o velho morreu nós vendemos tudo. Nós plantávamos só pra nós comer, mandioca, aipim nós comíamos e para fazer farinha*⁶⁵.

Isaías de Souza nasceu no ano de 1942 no Itaqui localizado em Guaraqueçaba. Atualmente é estivador aposentado. Por volta do ano de 1962 ele aprendeu a pescar, mas somente pra se alimentar. Na década de 1970 foi morar próximo ao chamado Rio das Ostras⁶⁶, trabalhando na lavoura e provavelmente começou a trabalhar de estivador até se aposentar:

*Aprendi a pescar com a idade de 20 anos é com os colegas meu, eles saiam pescar não tinham colega e aí me levavam para pescar junto com eles. Olha eu pescava mais só pra mim comer né, o alimento da casa sabe, mas só para o alimento da casa, não pescava assim para comerciar, para vender, pra nada, só pro alimento da casa. Aprendi a fazer só tarrafa pra matar peixe só, tarrafa só. Eu pescava mais na Ilha do Jererê, aquelas duas ilhas lá, próximo a Eufrasina. Meus pais trabalhavam só na lavoura. [...] Sabe há 40 anos eu morei lá no Rio das Ostras, vivia da lavoura ali sabe. [...] Olha eu nasci lá no Itaqui sabe, nasci lá, e sou um pouco índio um pouco sei lá (risos), é caboclo, é porque a gente nasceu lá no centro do mato entende, no meio do mato, naquela época não tinha luz, não tinha água, não tinha nada, era no lampião sabe, era assim. [...] Aqui no Amparo, vivia da lavoura aqui, eu morava ali embaixo e era um lugar bom para plantar eu plantava milho, plantava arroz, plantava mandioca, as verduras, tudo, tinha de tudo*⁶⁷.

Arivaldo Amanso Pires nasceu no ano de 1964, em Amparo. Seus pais plantavam, pescavam e caçavam em Amparo:

⁶⁴ Mariano Rodriguez Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 16 /02/ 2013. Mariano nasceu em 10 de junho de 1959 e tem atualmente 55 anos de idade.

⁶⁵ Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amilton tem atualmente 74 anos de idade. Aposentado há 10 anos.

⁶⁶ Rio que faz uma divisão entre Amparo e Piaçaguera.

⁶⁷ Isaías de Souza. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011. Isaías nasceu em 21 de novembro de 1942, tem atualmente 71 anos de idade.

Aprendi a pescar desde os meus quatorze anos acho, ah aprendi com meus pais né, que eu andava com eles, aprendi várias coisas com eles. Aprendi eu acho que foi tarrafeiar, primeira coisa que eu fiz foi tarrafeiar não me lembro, lembrei com você agora. Segunda coisa depois foi a pescar de espinhel, a terceira coisa foi pesca de gerival, de arrastãozinho, e agora de rede, um monte de rede que eu tenho. Quase todas elas, arrastão, arrastãozinho, gerival que eu falei aí e tarrafa de joga também fui eu mesmo que fiz e rede também eu faço [...] Tudo a vida, eu pesquei aqui nessa frente mesmo, Paranaguá, Baía de Paranaguá [...] A mãe vivia, a gente vivia bem dizer de caça mesmo, porque a gente antes, a gente comia muita caça mesmo, vivia mais disso mesmo, mas agora não tem mais, não tem como você consumir caça, não tem mais. Se você mata os últimos que têm vai ficar extinto mesmo [...] Única coisa assim que eu sei é pesca se acaba esse negócio de pesca pra gente, a gente acabasse também. Por que vou corre pro mato plantar se não dá mais? E agora se você corta um pé de árvore os homens já tão em cima, não tem jeito de você viver da agricultura hoje em dia, proibido, tranquilo. Antigamente não era no tempo dos meus pais não era, fazia mundéu fazia tudo aí comia caça adoidado⁶⁸.

Gilberto Gonçalves do Rosário é pescador aposentado há 8 anos. Nasceu no ano de 1950:

Quando o senhor começou a pescar?

Com a idade de 11, 12 anos já pescava. Aprendi a fazer tarrafa, espinhel. Na lavoura aí nós plantávamos para se manter né, plantava mandioca para fazer farinha, nós tínhamos fábrica de fazer farinha, agora depois que meu pai morreu acabei com tudo. [...] Hoje ninguém planta mais, porque não compensa e não dá para levantar o mato né, não deixam mais. Agora eu pesco mais só para comer, não vendo mais pro comércio⁶⁹.

Josias Gonçalves do Rosário nasceu em Amparo, no ano de 1973:

Quando o senhor começou a pescar?

Com 8 anos, aprendi bastante coisa a pescar camarão né, pegar peixe. Meu pai me ensinou a remar, a governar canoa né, que eu não sabia né quando era criança tem que sabe tudo isso aí também e puxar rede, largar espinhel e joga arrastão na água, tudo isso aí que ele me ensinou. [...]

⁶⁸ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011. Arivaldo nasceu em 25 de agosto de 1964, tem atualmente 49 anos de idade.

⁶⁹ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Gilberto nasceu em 15 de agosto de 1950 tem atualmente a idade de 63 anos.

Seus familiares praticavam outras atividades?

*Alguns pescavam, alguns já matavam caça né caçavam, alguns já faziam outro tipo de coisa né. Hoje não, eu não pratico mais, nunca gostei de caça eu. É proibido, de primeiro tinha caça demais né, você entrava no mato antes tinha, não existiam essas coisas. Até o peixe aí tá ruim, os homens batem direto, agora não, mas na época do camarão batem direto*⁷⁰.

Algo que nos chama atenção nos relatos são as divisões e marcos temporais construídos pelos entrevistados, o tempo da infância, o nascimento de um filho, a morte de um ente querido, a mudança de um lugar a outro, o ensinamento do pai e da mãe. Para falar sua idade Zé não se refere ao ano em que nasceu, mas à lembrança que tem de sua mudança de caminhão e dos registros que foram molhados. Sua idade correta é guardada pela lembrança, pois o seu registro foi feito de forma tardia. Maria para relatar há quantos anos mora em Amparo toma como pontos de referência a mudança de seus pais, o nascimento do seu primeiro filho e a morte do seu pai. Outros tantos marcos conduzem suas falas. Zica conduz seu relato delimitando o tempo em que pescava junto ao seu falecido marido, o trabalho na roça desde menina junto a sua mãe. Michael Pollack afirma que ao contarmos nossa vida tentamos estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves e uma continuidade resultante de uma ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros⁷¹.

Nos relatos de cada entrevistado conseguimos compreender as relações com a mata através das lembranças do trabalho nas *roças* e da caça de animais utilizados na alimentação. É importante esclarecer que as *roças* e não são mais praticadas pelos atuais pescadores de Amparo⁷². A caça é comentada em *segredo*, sendo que alguns moradores ainda a praticam. Observamos alguns moradores que cultivam próximos as suas casas pés de mamão, banana, laranja, jambo e goiaba que usam para o consumo próprio. Também extraem da mata *lenha* para utilizar nos fogões e fumeiros e *trancos* para fazer embarcações e remos. Plantam temperos como o cheiro verde, a salsinha, a alfavaca e plantas para fins medicinais como o boldo, a ave-maria e o capim limão.

⁷⁰ Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. Josias nasceu em 28 de janeiro de 1973 tem atualmente 41 anos de idade.

⁷¹ POLLACK, op.cit.,p.14.

⁷² Discutirei esses aspectos na seção 1.2 do trabalho.

Através das histórias de vida conseguimos identificar noções de tempo e espaço:

Eu pescava ali, ali no Itimirim que dizem né, Itimirim, Piaçaguera, tudo essa região aqui da costa, daqui sabe, daqui de Piaçaguera pra cima até Eufrasina eu pescava. Matava a pescada na época de reprodução dela que era novembro, começava em novembro começinho de novembro, até outubro nos caceiava pescada que era a safra dela, a reprodução que ela vem lá da barra pra cá pra dentro para reproduzir os filhotes de pescada [...] Aqui tem peixe de várias marcas, tem pescada, tem pescadinha, tem robalo, tem garoupa, tem tudo que é peixe, tainha, parati, saguá, linguado, tudo quanto é peixe. [...] O pescador ganha hoje, para comer hoje mesmo, se amanhã tiver ventando o tempo já não dá, porque o pescador ele depende de maré⁷³.

O que eu mato mais é linguado, às vezes robalo, calafate, pescada o que eu tenho mato mais é camarão⁷⁴.

Agora eu pesco mais só para comer só, não vendo mais pro comércio. Agora eu só vou lá na época do camarão, caça camarão. Às vezes mais pesca de linha só pescadinha mesmo⁷⁵.

Tudo é camarão é pescadinha, bagre, pescada né, [...] Leva manhã toda até à tarde, se não tiver o tempo ruim⁷⁶.

O tempo é notado de diversas formas pelas sociedades. Os camponeses ingleses se orientavam pelas tarefas. As relações sociais e o trabalho eram misturados ao dia que se prolongava ou se contraía segundo a tarefa⁷⁷. Os pescadores dependem das condições da maré, se orientam pelos períodos da reprodução das espécies de peixes, mariscos, crustáceos e pelas direções do vento. O pescador Mariano relata que *o pescador trabalha para sobreviver, acorda cedo, vai trabalhar, sai pro mar, trabalha e volta*, afirmando que o pescador *só não trabalha dia de chuva forte e vento muito forte*. Zé relata em um trecho que *o pescador depende de maré e fala da reprodução da pescada*. Os pescadores relatam que as espécies de pescado mais capturadas são a pescada, camarão, pescadinha, parati, garoupa, tainha, robalo, salteira, linguado, calafate, saguá, prejerava, cascudo, sardinha, baiacu, coruvina, gueri, raia, bagre, baderno⁷⁸. Ostras, bacucus coletados na maré, almeijas e sururus encontrados nos rios,

⁷³ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

⁷⁴ Arivaldo Amanso Pires, Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

⁷⁵ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

⁷⁶ Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

⁷⁷ THOMPSON, 1998, op.cit., pp.271-2.

⁷⁸ Os nomes das espécies de pescado estão transcritos conforme a pronúncia falada pelos pescadores. Cremos

a captura de crustáceos como o caranguejo capturado nos mangues que ocorre no início do mês de dezembro e vai até fevereiro são também recursos que são utilizados tanto para alimentação como para a comercialização. O camarão é um dos principais recursos capturados. Entre o período de 15 de dezembro a 15 de fevereiro ocorre o defeso do camarão, período em que é proibido no litoral paranaense capturar qualquer tipo de camarão⁷⁹. Em Amparo, todo o ano entre o fim do mês de março e início do mês abril acontece a festa do camarão organizada pela cozinha comunitária de Amparo. A tainha ocorre entre os meses de maio até meados de julho. Em Paranaguá, todo o ano, a festa da Tainha ocorre entre o fim do mês de junho a meados de julho. Na festa, a tainha é comercializada em barracas e preparada por pescadores das diversas ilhas pesqueiras de Paranaguá.

José Milton Andriguetto realizou um calendário das principais espécies de peixes capturadas nas vilas de Piaçaguera e Amparo. O autor demonstrou que a captura das espécies robalão flecha, salteira e pescada amarela ocorrem entre os meses de dezembro a março, a prejerava é capturada entre dezembro a janeiro, o parati capturado o ano inteiro, a pescada branca entre os meses de maio a outubro, o gueri de junho a outubro, o linguado de maio a agosto, o robalinho de junho a agosto, a pescadinha membeca de junho a agosto⁸⁰. De acordo com Andriguetto, os meses de março, abril e setembro apresentam os recursos de menor valor econômico⁸¹.

Os recursos capturados se encontram na Baía de Paranaguá, no Litoral do Paraná. O litoral paranaense abriga a maior parte dos remanescentes da Floresta Atlântica Brasileira, incluindo o maior trecho contínuo dessa formação. São várias as unidades de conservação criadas neste espaço, como o Parque Nacional de Superagui, criado em 1989, e a Estação Ecológica de Guaraqueçaba, ambas pertencentes à APA de Guaraqueçaba criada em 1985⁸².

Parte do município de Paranaguá incluindo Amparo é abrangida pela APA. Amparo e outras localidades da Baía de Paranaguá dependem dos recursos presentes nesse espaço (Ver Figura 1 e Figura 2). Estuário é uma massa de água costeira semifechada que possui ligação livre com o mar aberto. Dentro dele a água marinha se mistura com a água doce oriunda das áreas terrestres, como uma foz de rio, um alagado, ou massas de água atrás das restingas. Os

que além de ser uma linguagem popular é uma linguagem que decorre direta e indiretamente da interação com a natureza, das interações com o mar e no mato.

⁷⁹ PORTARIA do IBAMA nº 133-N, de 8 de dezembro de 1994 válida para o Estado do Paraná.

⁸⁰ ANDRIGUETTO, op.cit., p.146

⁸¹ Ibid.,p.151

⁸² Ibid., pp. 171-2.

estuários são locais de criação para espécies importantes de mariscos, peixes e crustáceos utilizados na alimentação. Ostras e caranguejos comestíveis permanecem nos estuários durante todo o seu ciclo vital e vários tipos de camarões e peixes de alto mar passam parte de seu ciclo neles⁸³.

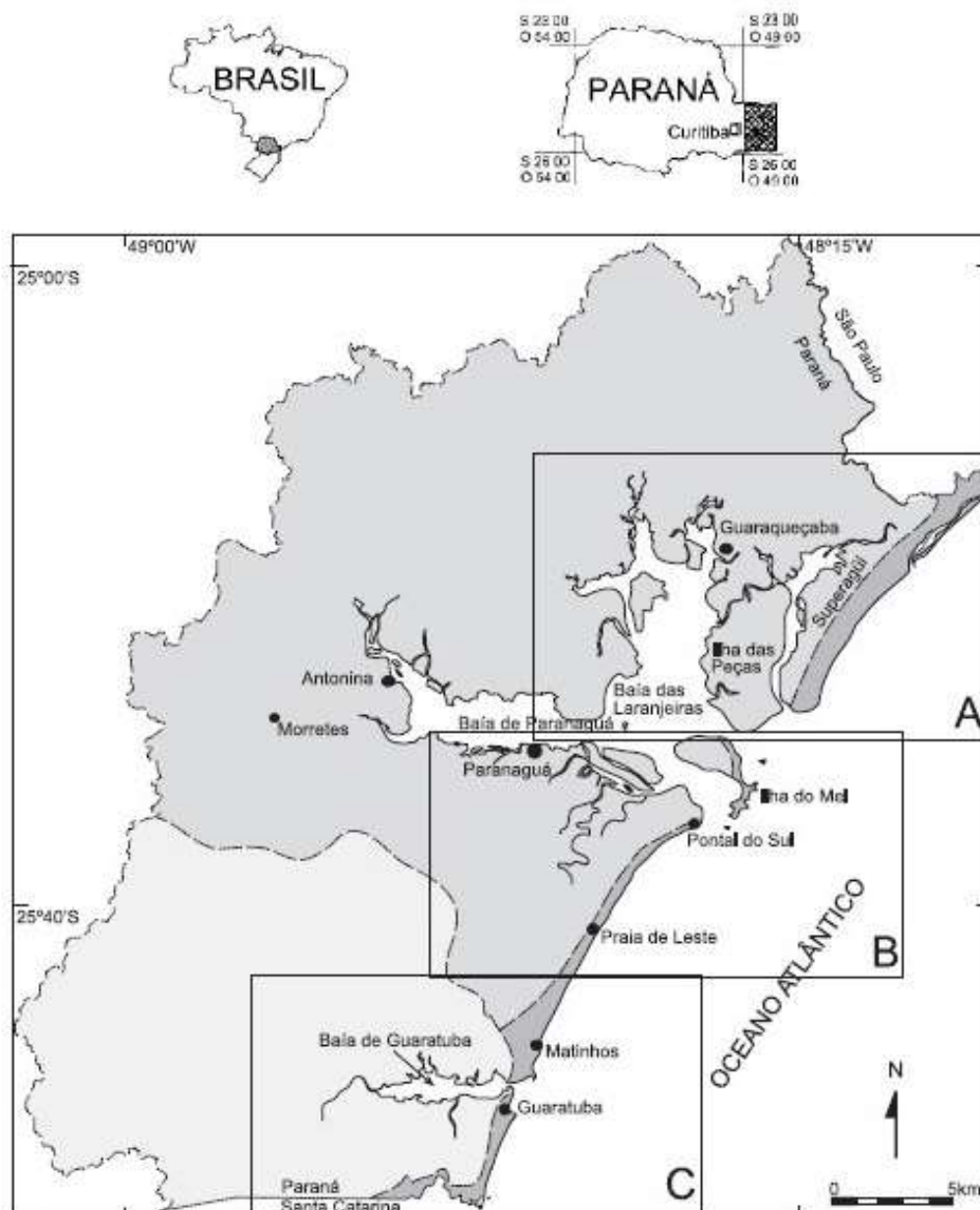


Figura 1- Delimitação das Baías de Guaraqueçaba, Paranaguá e Guaratuba.

Fonte: Imagem adaptada de: ÂNGULO, Rodolfo José. Mapa cenozoico do Litoral do Estado do Paraná. **Boletim Paranaense de Geociências**. n. 55, p.25-42. Editora UFPR, 2004. p.27.

⁸³ ODUM, Eugene. **Ecologia**. Tradução Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. pp.377-380



Figura 2- Delimitação de Amparo e demais vilas e sistemas de produção pesqueira do Litoral do Paraná.
 Fonte: Adaptado pela autora de ANDRIGUETTO FILHO, José Milton: Sistemas técnicos de pesca no Litoral do Paraná: caracterização e tipificação. RAYNAUT et al. **Desenvolvimento e meio ambiente: em busca da interdisciplinaridade**, Curitiba: Ed. UFPR, 2003, pp.213-295. p.295.

Em conjunto a noção de espaço adquire importância para entendermos as interações entre os pescadores e a natureza:

*Eu pescava ali, ali no Itimirim que dizem né, Itimirim, Piaçaguera, tudo essa região aqui da costa, daqui sabe, daqui de Piaçaguera pra cima até Eufrasina eu pescava*⁸⁴.

*Aqui no Amparo, aqui praticava vivia da lavoura aqui, eu morava ali embaixo e era um lugar bom pra planta eu plantava milho, plantava arroz, plantava mandioca, as verduras, tudo, tinha de tudo*⁸⁵.

*Tudo a vida, eu pesquei aqui nessa frente mesmo, Paranaguá, Baía de Paranaguá. [...] nós tínhamos um sítio aqui, ali na frente*⁸⁶.

*Eu ia ao rio lá, pescar no Rio das Ostras, lá entrava pro rio lá, ou então quando eu ia com meu marido eu ia lá à pedra, lá perto daquela pedra lá, ostra tudo eu ia tirar lá*⁸⁷.

De acordo com Simone Maldonado, muitos estudos que incorporam do ponto de vista social a percepção e organização do espaço deixaram escapar uma de suas expressões mais vivazes, qual seja, a da territorialidade⁸⁸. Territorialidade pode ser entendida como os processos e mecanismos pelos quais os grupos estabelecem, mantêm e defendem o usufruto de espaços interessantes. A territorialidade se desenvolve através do tempo, passando de uma geração a outra nos processos de socialização e transmissão da tradição como uma relevante dimensão da capacidade do homem de conferir significado simbólico ao espaço em que ocorrem suas relações, construindo lugares⁸⁹. Sendo o homem um ser que interpreta e compreende a si mesmo e aos outros na interação social, o tempo e o espaço lhe servem como pré-concepções para pensar a natureza e as relações em que entrará com outros indivíduos neste mesmo processo. É nos modos como se movimentam, se articulam e se situam em termos espaciais e temporais que os homens se distanciam e se aproximam, pertencem e se excluem⁹⁰.

O mar além de ser o espaço de reprodução dos peixes, nas falas dos pescadores ganha diferentes significados:

*No mar é que eu criei meus filhos tudo, minha vida é no mar*⁹¹.

*Ah o mar é tudo pra nós, porque daí do mar a gente tira tudo a sobrevivência da gente*⁹².

⁸⁴ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011,

⁸⁵ Isaias de Souza. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

⁸⁶ Arivaldo Amanso Pires, Paranaguá. Entrevista a autora concedida em 20/08/2013.

⁸⁷ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

⁸⁸ MALDONADO, Simone. **Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: ANNABLUME, 1993. p.35.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Ibid., p.36.

⁹¹ Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

*É pra mim agora, pra mim que parei que não pesco mais né, que dizer pesco mais para comer né. [...] Aqui pra eles, significa bastante coisa né, porque né eles vivem disso, não tive isso aí, não tive já fica ruim já né. Fica ruim se não tiver o peixe, aí já não almoça passa o dia mal já né. Sem pegar peixe, sem pegar nada já fica ruim já, aí já não tem como*⁹³.

*O mar (Risos) significa tudo né, porque tudo que você procurar aí tem né. O que você procurar no mar você encontra o peixe, o marisco*⁹⁴.

*O mar significa bastante peixe pra gente comer né*⁹⁵.

De acordo com Lúcia de Oliveira Cunha, para um pescador o mar mais que uma paisagem ou objeto de contemplação pode ter uma gama de significados⁹⁶. Em Amparo, o mar ganha diversos significados tais como *tudo, sobrevivência, onde se criou os filhos e vida*. O *mato* aparece nas lembranças como o espaço onde trabalhavam na *roça*, local onde os animais vivem, onde seus pais e familiares sobreviviam dos recursos da mata. Entre o *mar* e o *mato* o tempo humano se articula em muitos pontos com a temporalidade natural imposta pela reprodução de espécies de peixes, pelo movimento das marés e suas condições. A percepção do espaço adquire detalhes, territórios e significados que só são inteligíveis para os membros do grupo e que foram construídos ao longo do tempo.

Outra noção que aparece nas lembranças dos entrevistados é o *sítio*. *Zica* se refere ao *sítio* quando se lembra do lugar onde nasceu. Para Isaías *sítio* seria um vilarejo onde as pessoas sobreviveriam das coisas do lugar:

*Sítio é um vilarejo né, é como aqui assim né, aqui bem dizer é um sítio porque a pessoa sobrevive daqui é da pesca essas coisas assim*⁹⁷.

Arivaldo utiliza a palavra *sítio* para se referir as lembranças de quando sua mãe vivia de agricultura e caça em Amparo. Em outro trecho da mesma entrevista também relata que *sítio* seria o local onde os caboclos morariam:

[...] antes, 20 anos atrás, nós tínhamos sítio aqui, ali na frente. Mas quando eu morava com a minha mãe e agora a gente sai aí né e a gente perde aquele porque nem a mãe agora não planta mais. A mãe já é aposentada, antes que ela se aposentou fazia agricultura mesmo. [...] Eu sou pescador mesmo. Pra quem mora no sítio mesmo é mais caboclo que

⁹² Arivaldo Amanso Pires, Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

⁹³ Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

⁹⁴ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

⁹⁵ Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

⁹⁶ CUNHA, Lúcia de Oliveira. Significado múltiplo das águas. DIEGUES, Antonio Carlos (org). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/ USP, 2000.

⁹⁷ Idem.

*falam né (risos), mas eu sou pescador mesmo*⁹⁸.

Patrícia Martins observou que a Ilha dos Valadares na cidade de Paranaguá estabelece uma relação de complementaridade entre a cidade e os diversos núcleos de povoamento dispersos em forma de *sítios*. Na sua pesquisa observa que a vida entre o mar e o mato voltada para a roça e para a pesca nos *sítios* fazia parte da relação na Ilha dos Valadares. Estar nos *sítios* é estar entre o mar e o mato:

Em Valadares, para estes jovens, qualquer atitude que remeta ao *tempo dos sítios* é ligada diretamente a uma espécie de “*viver como índio*”. Enquanto para os mais velhos as imagens produziram um extremo saudosismo, imagens de um passado que ficou para trás, tempo que para eles não volta mais⁹⁹.

Nos relatos dos pescadores os *sítios* ganham diversos significados, são mencionados nas lembranças do tempo em que se plantava e caçava em Amparo e ainda um espaço onde é possível sobreviver das coisas do lugar. Quando um grupo é inserido numa parte do espaço, ele o molda a sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta as coisas materiais. O lugar recebe a marca do grupo e o grupo recebe a marca do lugar. Todas as partes do espaço que um determinado grupo ocupa correspondem a tantos outros aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade¹⁰⁰. Tanto as formas primitivas de classificação da natureza como as mais especializadas são noções hierarquizadas e construídas socialmente. As coisas não são dispostas sob a forma de grupos isolados uns dos outros¹⁰¹. O simples fato de haver semelhanças não é o bastante para explicar o porquê somos levados a classificar os seres que se assemelham e encerrá-los dentro de limites que chamamos de gêneros¹⁰². Marcel Mauss afirma que o centro dos primeiros sistemas de classificação de natureza não é o indivíduo, mas a sociedade. A disposição mental com a qual os índios *Sioux* circunscrevem o mundo inteiro nos limites do espaço tribal é a mesma com a qual tantos povos situam o centro do mundo em sua capital política¹⁰³. Em Amparo, os diferentes significados atribuídos ao *mar* e ao *mato*, a dependência e classificação dos recursos naturais e as noções de tempo e

⁹⁸ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

⁹⁹ MARTINS, Patrícia. **Um divertimento trabalhado: prestígios e rivalidades no fazer fandango na Ilha dos Valadares**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p.43.

¹⁰⁰ HALBWACHS, op. cit., pp. 159-160.

¹⁰¹ MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**, São Paulo: EDUSP, 1974.p.403.

¹⁰² Idem

¹⁰³ Ibid., pp. 452-454.

espaço são importantes para compreender as interações dos pescadores no espaço onde vivem.

1.2 A HISTÓRIA DO LUGAR

*Ah aqui é uma ilha né, uma ilha boa de morar*¹⁰⁴.

*Tive nove filhos aqui, minha vida era assim trabalhando. [...] Tem muita gente que quer morar aqui comprar minha casa, não vendo minha casa mais nem a pau, prefiro reformar a vender, porque a gente mora aqui já né tá acostumado aqui, criei meus filhos todos aqui*¹⁰⁵.

*Aqui bem dizer é um sítio porque a pessoa sobrevive daqui é da pesca essas coisas assim. [...] então eu gostei daqui, aí me aposentei, comprei uma casinha aqui to morando aqui e me dou bem com a turma daqui sabe, tudo gente boa*¹⁰⁶.

A *Ilha do Amparo* está localizada no município de Paranaguá e atualmente é habitada por cerca de 160 famílias¹⁰⁷. Os moradores se referem a Amparo como uma *ilha*¹⁰⁸, um *sítio*, o lugar onde moram, criaram seus filhos e onde passaram parte de suas vidas. Na medida em que as pessoas constroem uma visão antiga do lugar, o mesmo também se constitui como um espaço histórico. Na presente seção nosso intento é construir a história do *lugar* através das relações dos moradores com Amparo.

O significado do nome *Ilha do Amparo* se deve ao conto de que antigamente quando um pescador ou navegante caía no mar, esse podia se amparar nas pedras que ficam nas extremidades da ilha¹⁰⁹. De acordo com a literatura, Amparo teria mais de 70 anos de existência. Por volta da década de 1940, famílias que moravam numa fazenda nas proximidades do Rio Buquera, próximo aos contrafortes da Serra do Mar, produziram o espaço e criaram Amparo em busca de melhores condições de vida¹¹⁰.

Entre o fim da década de 1950 em diante, parte de nossos entrevistados migram de outros *sítios* e *lugares* e vêm viver em Amparo associando as atividades de pesca, lavoura e

¹⁰⁴ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

¹⁰⁵ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

¹⁰⁶ Isaías de Souza. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

¹⁰⁷ Informações concedidas pela associação de moradores.

¹⁰⁸ Amparo não é geograficamente uma ilha, pois está no continente conforme pode ser visualizado na Figura 2.

¹⁰⁹ Mariano Rodríguez Lourenço. Amparo Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 16 /02/ 2013.

¹¹⁰ KRAEMER, op. cit., p.64.

caça. Essa migração é justificada pelos moradores em decorrência de Amparo ser próxima à cidade de Paranaguá. Em conversas informais, os moradores também afirmam que se mudaram por seus familiares serem *muito andarilhos* e terem como costume a característica de trocar de lugar para viver ao longo da vida. A migração é uma característica presente nas histórias de vida dos nossos entrevistados. Tal característica foi também comentada por outros autores que estudaram os pescadores lavradores do Litoral do Paraná. No ano de 1979, Marília de Carvalho Kraemer observou a mobilidade dos moradores de Amparo que haviam nascido em outras ilhas e estavam na época se mudando para o bairro da Ilha dos Valadares, em Paranaguá¹¹¹. Em sua tese, José Milton Andriguetto identificou quatro tipos de migração. A emigração permanente na qual o pescador abandonava o lugar para buscar outra fonte de renda no meio urbano; a migração sazonal não pesqueira na qual o pescador se deslocava para a cidade para exercer atividades não pesqueiras, retornando na safra, sobretudo na do camarão; a migração sazonal pesqueira onde o pescador passa parte do ano fora de sua vila para exercer uma atividade de pesca em outro lugar e a migração de proximidade permanente quando o pescador apenas troca de vila continuando a exercer a pesca¹¹². Em Amparo observamos o caso de famílias de lavoristas que saíram de seus locais de origem e vieram morar em Amparo para se empregar na pesca; famílias que praticavam a lavoura e a pesca nos *sítios* de origem e se mudam para Amparo continuando a exercer as mesmas atividades; filhos de pescadores que vão trabalhar de assalariados em Paranaguá e voltam para Amparo após o turno de trabalho. Outro fator observado é de pescadores que vendem suas casas em Amparo as trocando por uma residência na cidade de Paranaguá. José Paulo Honório, Zé, trocou sua casa em Amparo por uma casa na Ilha dos Valadares, mudando-se com sua família.

Junto a seus familiares nossos entrevistados mais idosos saem de seus locais de origem e vêm para Amparo exercer as atividades de caça, pesca e lavoura. Outra atividade realizada por várias famílias era a fabricação de farinha de mandioca. Como demonstramos na seção anterior os pescadores dependem dos recursos naturais, atribuem ao *mar* e ao *mato* diferentes significados que são importantes para compreender as interações dos pescadores no espaço onde vivem, mas também para entendermos o passado e as transformações recentes dessa configuração social. A utilização dos recursos da mata, da terra para plantar, a dependência dos ciclos naturais presente nas histórias de vida de nossos entrevistados se

¹¹¹ Idem.,

¹¹² ANDRIGUETTO, op. cit., pp.83-84.

assemelha ao processo de formação de outros grupos humanos de pescadores lavradores na Baía de Paranaguá.

Entre 500 a 5000 anos atrás, paleoameríndios designados como *sambaquieiros* habitavam a costa brasileira vivendo de caça, pesca e coleta. A palavra sambaqui de etimologia tupi pode ser traduzida de *tamba*, amontoado, e *Ki*, conchas. São sítios arqueológicos encontrados ao longo da costa brasileira que se distribuem do Pará ao Rio Grande do Sul. Suas localizações estão associadas à presença de praias, baías, enseadas, lagoas e manguezais, podendo também ser encontrados junto a rios. No Paraná existe um total de 269 sambaquis com datações entre 2000 e 8000 AP. Apenas no município de Paranaguá existem 59 sambaquis catalogados, dentre os quais um está na Ilha do Amparo¹¹³. De acordo com Madu Gaspar, nos níveis mais altos de sambaquis foi encontrada a presença de cerâmicas. A constatação permite supor que os locais de acampamento dos Tupi-guarani e Taquara/Itararé exibiam tecnologias líticas sugestivas de continuidades ou interações. As sociedades indígenas da costa brasileira possuíam uma tecnologia de pesca muito eficiente e que provavelmente incorporou uma herança dos seus antecessores dos sambaquis¹¹⁴.

Quando os primeiros europeus e emigrados paulistas chegam a Baía de Paranaguá, os Guaranis carijós já habitavam esse espaço. Os carijós combinavam a agricultura de coivara, com a caça e a pesca. A mais popular das armadilhas de caça carijó é o mundéu. Devemos ressaltar que nos relatos dos atuais pescadores encontramos a menção das armadilhas de mundéu e a arataka usada para caçar animais de pequeno e grande porte. Os Guaranis reproduziam o padrão de cultivadores da floresta, onde o homem detinha o status de caçador e pescador e a mulher possuía o papel de cultivo da terra¹¹⁵. Por volta do século XVI, no interior da economia que se desenvolveu na América portuguesa, conseguimos esboçar as primeiras relações entre os carijós e os que aqui se fixaram devido à mineração. De acordo com a linha de pensamento de pesquisadores como o memorialista Vieira dos Santos, Ermelino de Leão e Nascimento Junior, o primeiro povoado de emigrados foi fundado na Ilha da Cotinga, entre 1550-1560, localizado na margem direita do rio Taguaré ou Taquaré (atual

¹¹³ TAVARES et al. Os sambaquis no Paraná: Sua história e importância. Folder de divulgação. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. 2009.

¹¹⁴ GASPAR, Madu. Sambaquis (Shell Mounds) societies of coastal Brazil. *Handbook of south american archaeology*, Springer, New York, 2008. p.321.

¹¹⁵ AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; MULLER Ana Maria. Cultura material e identidade étnica guarani. AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques, **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. Dourados-Mato Grosso: Editora da UFGD, 2010. 351p. pp. 168-171.

Rio Itiberê). Desde o primeiro povoado na Ilha da Cotinga, a fundação da Vila de Paranaguá, em 1648, a dificuldade para a realização das viagens teria obrigado os mineradores a fixarem residência no litoral¹¹⁶.

Desde a fundação da Vila, os carijós foram catequizados e utilizados como mão de obra escrava o que provocou mudanças significativas em seus costumes. Apesar da maioria dos grupos indígenas lutarem pela preservação das suas tradições a chegada dos jesuítas provocou mudanças significativas¹¹⁷. Já na metade do século XVI se tem indícios de que a catequese foi introduzida na Baía de Paranaguá¹¹⁸. Na vila de Paranaguá, assim como em outros locais da América Portuguesa, em resposta à pressão dos jesuítas a Coroa portuguesa promulgou leis que coíbiavam de forma parcial a escravização de índios¹¹⁹. Até 1570, a implantação dos engenhos de açúcar passou por dificuldades relativas ao recrutamento de mão de obra e falta de capital para financiá-los¹²⁰. Cabe lembrar que a mão de obra empregada nos engenhos de açúcar no Brasil foi predominante indígena, os primeiros escravos africanos começaram a ser importados em meados do século XVI¹²¹. Em fins do século XVI, em Pernambuco, onde a economia açucareira vingou, inicia-se um movimento demográfico marcado pela alta mortalidade de indígenas e pelo início do tráfico de escravos africanos. Em 1585, um terço dos trabalhadores dos engenhos pernambucanos era constituído por cativos negros¹²². Na região Sul essa transição passa a ser observada somente no início do século XVIII.

Pensando no espaço da Baía de Paranaguá, parte da população herdou os costumes dos carijós, mineiros, europeus e posteriormente de africanos escravizados. A lista geral de habitantes da Vila de Paranaguá de 1808 indica que havia ali um total de 3289 brancos, 483 pretos cativos, 35 pretos libertos, 306 mulatos cativos e 108 mulatos libertos¹²³. Na mesma lista há um mapa indicando que 338 famílias praticavam a agricultura e 56 famílias

¹¹⁶ WESTPHALEN Maria Cecília. **Porto de Paranaguá: um sedutor**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1998. p. 202.

¹¹⁷ MONTEIRO, John Manuel. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVI: transformação e resistência. PAULINO, Francisco Faria (Org.). **Nas vésperas do mundo moderno**, Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992, pp. 121-136.. p. 133.

¹¹⁸ NASCIMENTO JUNIOR, Vicente. Jesuítas em Paranaguá. **Revista O Itiberê**, Ano XI. nº 127, Nov, 1929.

¹¹⁹ MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 74, p. 107- 123. mar. 2006. p. 111

¹²⁰ Ibid., p. 110.

¹²¹ Ibid., pp. 110-11.

¹²² SILVA, Luiz Geraldo. **Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil (1920-1980)**. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa n.1. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004. p.16.

¹²³ Lista Geral dos Habitantes Existentes no Distrito da Vossa Companhia da Villa de Paranaguá de que é o Cap. Mor José Carneiro dos Santos. seus nomes , empregos, do ano de 1808 p. 179 -183.

pescavam¹²⁴. No bairro do Rocio Pequeno encontramos negros e mulatos libertos que plantavam para comer¹²⁵. No Bairro de Saco de Tambarutaca, um grupo composto por um mulato, uma negra liberta e um menino de dois anos designado como preto, pescavam para se sustentar. No mesmo bairro encontramos um grupo de três brancos que viviam de esmolas e também um grupo de brancos que pescavam para seu sustento¹²⁶. Em Rio do Medeiros, uma família de negros livres composta pelos conjugues Joaquim de 33 anos, Anna de 23 anos e seus dois filhos plantavam para seu gasto e vendiam taboado¹²⁷. Na Ilha Rasa Grande uma família composta por seis pessoas mais um escravo mulato plantava e vendia taboado. No bairro de Borrachudo a família composta por Manoel Antonio, negro liberto e Inez Pedrosa, mulata liberta, juntamente com seus oito filhos plantavam para comer e vendiam taboado¹²⁸.

A proximidade com a natureza ainda em regiões pouco povoadas *onde moradores sitiados da Vila*, tal como menciona Raphael Pires Pardinho, permitiu a esses grupos a conhecer os ciclos naturais, o movimento das marés, as plantas da mata, as madeiras e cipós usados na confecção de instrumentos artesanais de pesca. No ano de 1842, Paranaguá foi elevada à categoria de cidade. Em 1850, Vieira dos Santos, memorialista português, observou a presença de grupos humanos em Paranaguá que tinham um profundo conhecimento da natureza local¹²⁹. O alemão Julius Platzmann (1832-1902), em sua permanência no Litoral do Paraná também observou o modo de vida dos grupos que ali habitavam:

Grandes bulbos de raízes e, numa pequena área, bananeiras que se auto reproduzem fornecem o pão diário: ou uma saudável pescaria ou uma rara carne da caça [...]. Algumas vezes no mês, de tempos em tempos, a lua leva uma tempestade de encontro à terra, fazendo com que peixes encham as redes; a maioria deles é seca e consumida. [...] O meio de locomoção é a canoa, estreita e pequena, como só saber ser o cerne de troncos de árvores jovens, das quais elas são esculpidas. Somente com muita prática e habilidade natural, um europeu conseguiria achar o ponto de equilíbrio e aprender a utilizar o remo [...]¹³⁰.

¹²⁴ *Mapa das Casualidades e Ocupações*. Lista Geral dos Habitantes Existentes no Distrito da Vossa Companhia da Villa de Paranaguá de que é o Cap. Mor José Carneiro dos Santos. seus nomes, empregos, do ano de 1808. p. 184.

¹²⁵ Lista Geral dos Habitantes Existentes no Distrito da Vossa Companhia da Villa de Paranaguá de que é o Cap. Mor José Carneiro dos Santos. Seus nomes, empregos, do ano de 1808 p. 179 -183. p. 33.

¹²⁶ *Ibid.*,p.60.

¹²⁷ *Ibid.*,p.64.

¹²⁸ *Ibid.*,p.86.

¹²⁹ VIEIRA DOS SANTOS, Antônio, **Memória histórica de Paranaguá**, v.. I, - Curitiba: Vicentina, 2001. p.94.

¹³⁰ PLAZTMANN, Julius Karl. **Da Baía de Paranaguá**. Tradução Lothar Paulo Lange. Curitiba: Edição do Tradutor, 2010. pp.140-141. A primeira edição alemã do livro é de 1872.

Pela lei nº 701 de 29 de agosto de 1853, a Comarca de Curitiba foi elevada a categoria de Província do Paraná, tendo por capital Curitiba¹³¹. Em 1860, o presidente da Província do Paraná, Francisco Cardoso, afirma em seu relatório que os habitantes da costa e das ilhas de Paranaguá eram pescadores, contudo, não havia indivíduos que se empregavam exclusivamente na pesca, esses complementavam sua sobrevivência com as roças¹³². Quase que invisíveis, os grupos de pescadores lavradores foram descritos ao longo dos séculos XVI ao XIX, ora nas listas de habitantes, nas cartas e observações de autoridades, nos relatos de memorialistas e cronistas. A gênese desse modo de vida pode ser compreendida desde a pré-história com as sociedades dos sambaquis, posteriormente com os carijós e com o processo de povoamento e exploração que ocorreram entre os séculos XVI-XIX. Seguindo essa reflexão de longo prazo podemos compreender as configurações sociais de pescadores lavradores que no espaço da Baía de Paranaguá utilizavam dos recursos naturais para sobreviver. E através desse processo conseguimos compreender o pescador atual de Amparo que tem em seu histórico uma relação íntima com o *mato* e o *mar*.

Nas atuais saídas de campo observamos algumas mudanças nas relações com a mata. Recentemente a grande maioria das famílias se dedica exclusivamente à pesca. No entanto, ainda existem relações com o *mato*, os moradores utilizam de madeira extraída da mata para utilizar nos fogões e nos fumeiros, extraem frutos, raízes usadas na alimentação. O abandono das *roças* e o silêncio sobre a atividade de caça merecem algumas considerações. Diversos trabalhos demonstram que o pescador do litoral paranaense teria uma relação íntima de dependência com os recursos naturais da floresta e a utilização do solo da mata para a agricultura. José Loureiro Fernandes demonstrou que o caboclo do Litoral do Paraná estaria diretamente ligado à floresta. De acordo com Fernandes, na floresta o caboclo iria coletar a lenha para a sua lareira, frutos, raízes, tubérculos e brotos para a sua alimentação e buscar o solo para praticar agricultura. A pesca também seria uma atividade fundamental, raros seriam os núcleos de população que se dedicariam exclusivamente a pesca¹³³. Rougelle constatou que na vila de Superagui, a grande maioria dos pescadores eram netos e bisnetos de pescadores, enquanto em Costão muitos pescadores nasceram de pais agricultores ou eram agricultores. A

¹³¹ **O DEZENOVE DE DEZEMBRO**, Curitiba. 01/04 de 1854. Ano 1. p.4.

¹³² *Relatório Apresentado à Assembleia Legislativa do Paraná na abertura da 1ª sessão pelo presidente Francisco Cardoso no dia 1 de março de 1860. Curitiba Typ de Candido Martins Lopes, 1860. p. 76.*

¹³³ LOUREIRO FERNANDES, José. A contribuição da geografia da Praia de Leste. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v. 6. Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Paraná. 1947, p. 144.

origem agrícola constatada foi um fator essencial para a forma de organização da pesca, pois o recém-pescador não se integrava completamente ao mundo marítimo¹³⁴. Em Amparo, no final da década de 1970, Marília Kraemer constatou que alguns pescadores possuíam tradição e família de lavoristas. Contudo a autora ressalta que tal atividade tinha a característica de atividade alternativa. Os pescadores mais velhos cultivavam suas roças, enquanto que os mais novos trabalhavam na roça apenas para ajudar os pais. A autora não encontrou um pescador jovem que tivesse sua própria roça. A lavoura era abandonada durante algumas épocas, sobretudo durante a época do camarão¹³⁵. De acordo com o IPARDES, desde a década de 1960 com a crescente demanda de pescados pelo mercado urbano, a pesca passou a ser uma atividade prioritária para uma parcela expressiva da população residente na APA de Guaraqueçaba¹³⁶. Em sua tese Andriguetto afirma que o acesso ao mercado e o aumento das facilidades para a comercialização da pesca estariam associados ao declínio da agricultura no Litoral do Paraná¹³⁷. O período entre 1965 a 1975 foi marcado pela introdução de um pacote tecnológico de intensificação na pesca composto pelos motores de centro, as fibras sintéticas e as embarcações de tábuas. A introdução dos motores possibilitou o maior alcance e o surgimento de novas formas de pesca. Já a introdução das fibras sintéticas possibilitou a maior durabilidade das redes, a facilitação de manuseio, confecção e manutenção¹³⁸. O autor demonstrou que o fenômeno de transição da agricultura para a pesca foi constatado e ainda estava em curso em várias vilas.

Indo de encontro às reflexões, não devemos ignorar a importância da lavoura exemplificada pelos autores citados, bem como a relação com a mata presente nas histórias de vida de nossos entrevistados, visto que muitos deles vieram de famílias de lavradores. A autora Cristina Adams demonstra que os trabalhos e descrições clássicas sobre o modo de vida caíçara mostram a importância da agricultura na economia e na sobrevivência dessas comunidades. Contudo, a autora observou que trabalhos mais recentes, se referem ao caíçara como *pescador*, que depende de sua roça apenas de forma acessória¹³⁹. As análises de caráter sincrônico não consideram as mudanças e transformações históricas, mesmo as mais recentes,

¹³⁴ ROUGELLE, 1989. p.286.

¹³⁵ KRAEMER, op.cit. pp.108- 10.

¹³⁶ IPARDES. **Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba.** /Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES, 2001. 150 p. p. 87.

¹³⁷ ANDRIGUETTO, op. cit., p.199.

¹³⁸ ANDRIGUETTO, 1999, op. cit., p. 187.

¹³⁹ ADAMS, Cristina. As populações caíçaras e o mito do bom selvagem. **Revista de Antropologia.** v.43, n. 1. pp.145-182. 2000. p.152

reduzindo a riqueza cultural dessas populações¹⁴⁰. Tal questão levantada pela autora é bastante pertinente. Em Amparo, algumas das relações ligados à mata passaram por transformações. O abandono das *roças* é algo relativamente recente e foi descrito já no final da década de 1970 pela autora Marília de Carvalho Kraemer. Nas atuais entrevistas realizadas, os pescadores mais idosos relatam que pararam de plantar devido às limitações físicas e mencionam os entraves das atuais leis ambientais em seu território:

*[...] Agora ninguém planta mais, tudo aquela mulherada do tempo da gente tão tudo velha e doente. Tinha outra vizinha que plantava mandioca, tá doente*¹⁴¹.

*Hoje ninguém planta mais, porque não compensa e não dá para levantar o mato né, não deixam mais*¹⁴².

Os pescadores mais novos que somente ajudaram os pais nas *roças*, por outro lado, relatam que não tem tempo para plantar e mencionam as leis de proteção ambiental:

*Antes né bem antes, 20 anos atrás, nós tínhamos um sítio aqui, ali na frente, mas quando eu morava com a minha mãe, [...] agora só vivo da pesca, não dá nem tempo de planta nada. [...] E agora se você corta um pé de árvore, os homens já tão em cima, não tem jeito de você, vive da agricultura hoje em dia. Proibido tranquilo, antigamente não era, no tempo dos meus pais não era, fazia mundéu fazia tudo aí, comia caça adoidado*¹⁴³.

*Lavoura hoje em dia já não dá mais para trabalhar, porque se a pessoa for cortar as árvores o IAP já embaça, já proíbe. O pessoal vai lá ao IAP fica preso lá no IAP a procuração de pessoa, um ano, dois anos, três anos, pra liberarem o IAP. Por isso que a gente não planta quase nada, até para cortar umas árvores dessa que ficam no fio da energia eles embaçam eles, eles proíbem, não tem como*¹⁴⁴.

Os pescadores lavradores mais idosos ressaltam o tempo que trabalhavam na *roça*, muitas vezes o opondo ao momento atual em que estão impossibilitados de plantar pelas limitações físicas. Já os pescadores das gerações mais novas destacam que não têm mais tempo para plantar e as atuais proibições. Devemos considerar que essas lembranças podem ser seletivas e talvez por essa razão encontrássemos diferenças entre os relatos dos pescadores mais idosos e dos mais novos. Ecléa Bosi afirma que nas lembrança de pessoas idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida. Os mais idosos já atravessaram um

¹⁴⁰ Ibid.,p.157.

¹⁴¹ Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

¹⁴² Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

¹⁴³ Arivaldo Amanso Pires, Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

¹⁴⁴ Mariano Rodríguez Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 20/01/2013.

determinado tipo de sociedade, já viveram quadros de referência familiar e cultural e enfim a sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas de um presente¹⁴⁵. O que se poderia verificar na sociedade em que vivemos, é a hipótese geral de que o homem ativo, independente da sua idade, se ocupa menos em lembrar, exerce menos a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado¹⁴⁶

Em relação à caça, Andriguetto, Kruger e Lange discutiram que tal atividade se trata de um caso particular de conflito entre proteção ambiental e as atividades das populações locais da APA de Guaraqueçaba¹⁴⁷. De acordo com os autores, a proibição da caça por lei era do conhecimento da população entrevistada, contudo muitos ainda a praticavam¹⁴⁸. Em Amparo, a caça é comentada em segredo, ou seja, os moradores sabem da proibição, mas ainda a praticam, alguns sabem quem são os moradores, mas comentam a atividade de maneira sigilosa.

Os pescadores também relatam mudanças entre os instrumentos de pesca utilizados antigamente e os instrumentos de pesca atuais.

*De primeiro era tarrafa jogada sabe assim, aí depois que começaram esses arrastõezinhos assim [...] a população foi crescendo todo mundo começou a pescar que era mais fácil esse arrastãozinho assim*¹⁴⁹.

*Aprendi de tudo, camarão meu marido caçava comigo eu também aprendi a caçar ele me ensinava eu pegando a tarrafa, e peixe nos pescava tudo que tipo de peixe era gueri, grande. De tarrafa quando eu ia com ele lá pra uns rios eu ia com ele para lá pescar meu Deus trazia a tarrafa cheia assim de peixarada na canoa. Era assim nossa pescaria, nos pescava também de linha [...]*¹⁵⁰.

Antigamente era espinhel, linha e tarrafa de arremesso, três espécies de aparelho. Hoje em dia não, hoje em dia tem o arrastão, tem o gerival, rede de cabo, de atravesso, caceio tem vários tipos de aparelho de pesca, bem diferentes. Prejudicam mais o pescador que outros de antes, porque o aparelho que tem hoje em dia ele obriga o peixe a cair. Você vê

¹⁴⁵ BOSI, op. Cit., p.60.

¹⁴⁶ Ibid., p.63.

¹⁴⁷ ANDRIGUETTO FILHO; KRUGER; LANGE. Caça, biodiversidade e gestão ambiental na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Biotemas**, v.11, n. 2, 133 – 156, 1996. p. 144.

¹⁴⁸ Ibid., p.149.

¹⁴⁹ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

¹⁵⁰ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

*que antes na linha, no espinhel e arremesso pegava ele sem exigir dele o esforço dele de cair na rede. Hoje em dia a rede, o gerival pega na marra o pescado*¹⁵¹.

Em Amparo, os pescadores relatam que os instrumentos atuais facilitaram a captura do pescado, contudo também relatam que esses podem estar prejudicando o pescador, por *obrigarem os peixes a cair*. No final da década de 1970, Kraemer observou que haviam cinco embarcações motorizadas em Amparo. Na época os pescadores revendiam o pescado aos *gaivotas*, espécies de atravessadores que tinha embarcações motorizadas e compravam o pescado nas ilhas para revender no mercado de Peixes de Paranaguá¹⁵². O censo da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER, realizado em 2008, indicou 26 embarcações de madeira sem motor e dezesseis embarcações de madeira motorizadas¹⁵³. Levando em conta a amostragem do censo da EMATER, ainda predominam em Amparo embarcações sem motor. Contudo, a utilização das embarcações motorizadas e dos instrumentos de pesca recentes relatados pelos pescadores também significam uma mudança recente, pois possibilitaram aos próprios pescadores vender o pescado diretamente ao consumidor, bem como facilitou o deslocamento até a cidade de Paranaguá.

Existia até recentemente uma embarcação da prefeitura que fazia a travessia dos moradores das ilhas a Paranaguá. Atualmente o barco que faz esse trajeto cobra a taxa de 12 reais aos moradores considerados nativos. Os moradores se deslocam à cidade de Paranaguá para fazer compras, pagar o carnê de mensalidades da Colônia de pescadores, dentre outras atividades. Durante a ocorrência de festas e comemorações locais o barco de linha faz o transporte de turistas para Amparo. O preço da passagem é apontado como excessivo pelos moradores, já que muitos não têm embarcação motorizada e dependem do barco para fazer o trajeto até a cidade:

*Agora tem o barco de quarta feira, hoje não fui. Na lancha da prefeitura não pagamos e essa lancha que vai assim aos dias de semana nós temos que pagar 8 reais, mas é muita coisa né. A turma tão reclamando muito porque é muita coisa, não podia cobrar tudo isso da gente né, porque vai lotada a lancha de gente é do Edenil sabe*¹⁵⁴.

Observamos que em Amparo parte das casas ocupa a faixa de terra próximo a maré e outra parte delas está situada mais adentro da ilha (Ver Figura 3). São terras que pertencem

¹⁵¹ Mariano Rodriguez Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 20/01/2013.

¹⁵² KRAEMER, op. Cit. p.69.

¹⁵³ Censo da Pesca- EMATER Paranaguá. Fundação Terra, SETTI PR, 2008.

¹⁵⁴ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

ao Patrimônio da União. O censo da EMATER de 2008 demonstrou que num universo de 50 residências de Amparo, 49 delas se situavam em terrenos de posse do Serviço de Patrimônio da União- SPU¹⁵⁵. Em conversas informais os moradores comentam que se quiserem vender suas propriedades tem de pagar à associação o que chamam de *joia do terreno* que seria o equivalente a 30% do valor vendido. Consultamos o estatuto da associação de moradores, mas não encontramos nada a respeito dessa questão.

Em relação à estrutura, há na *ilha* uma escola rural. O registro mais antigo comprovado em ata demonstra que a escola está em atividade desde 1968¹⁵⁶. Para concluir o ensino fundamental os alunos precisam se deslocar até Piaçaguera, vila próxima separada apenas por um rio. Os pais dos alunos e a associação de moradores levaram abaixo-assinados à secretaria de educação e em 2013 conseguiram que os ensinos de 6ª a 8ª séries fosse realizado na escola local.

A igreja católica foi fundada por moradores locais, podemos supor que está tem em torno de cinco décadas de existência. Além da igreja católica, existe uma assembleia de Deus e uma igreja pentecostal.

As estruturas atuais do posto de saúde *Miguel Gonçalves* e da cozinha comunitária *Francisca Basílio do Rosário* foram inauguradas em 2005. A cozinha leva o nome da mãe do atual presidente da associação de moradores Osmail Pereira do Rosário também conhecido como *Maíco*. O posto de saúde *Miguel Gonçalves* leva o nome do pai de seu Gilberto Gonçalves do Rosário.

A associação de moradores foi fundada por volta do final da década de 1980, por fundadores locais. Gilberto do Rosário foi um dos fundadores da associação:

*Já fui fundador da associação de morador, depois eu sai fora né, agora quem entrou foi o Maíco agora. Faz o que uns 12 anos, desde que Maíco entrou, eu sai. Faz 12 anos que eu participei*¹⁵⁷.

O falecido marido da pescadora aposentada *Zica* também foi um dos fundadores da associação e atuou na mesma até seu falecimento, há 14 anos. A associação de moradores organiza as atividades relacionadas à *ilha*. Atualmente estão cadastradas na associação um total de 160 famílias. As reuniões da associação são realizadas no espaço da cozinha

¹⁵⁵ Censo da Pesca- EMATER Paranaguá. Fundação Terra, SETTI PR, 2008.

¹⁵⁶ Informações obtidas através de consulta no Caderno de Atas da escola de Amparo de 1968-1969. Disponível na secretaria de Educação de Paranaguá. Não publicado.

¹⁵⁷ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

comunitária. A cozinha comunitária é um importante espaço, uma vez que nela são organizadas e realizadas as festas de São Sebastião que ocorre entre o fim de janeiro e a festa do camarão que ocorre entre o fim do mês de março e o início do mês de abril.

Além de moradores também habitam *a ilha* pessoas que não moram em Amparo, mas que têm no *lugar* casas e estabelecimentos comerciais. Observamos residências pertencentes a filhos de pescadores, a proprietários de Curitiba, Ponta Grossa, Paranaguá e até a uma vereadora de Paranaguá que comprou uma casa em Amparo. O Bar do Nico, a lanchonete Três Irmãs e outra lanchonete próxima ao posto de saúde são de proprietários que moram em Paranaguá. Essas lanchonetes/ bares só funcionam aos fins de semana e durante o período das festas que ocorrem em Amparo.

A apresentação das relações que os moradores têm com o *lugar* não é apenas um título introdutório, mas é importante para entendermos como o que observamos hoje em não é uma fotografia estática, mas um processo que nos ajuda a entender a estrutura da configuração social visualizada no contexto atual. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro no qual se escreve e depois se apaga¹⁵⁸. Quando um grupo vive por muito tempo em um lugar, ele se adapta a seus hábitos. Elimine agora ou modifique sua direção, sua orientação sua forma, sua aparência, essas casas, as árvores, ruas, becos, ou mude apenas de lugar um em relação ao outro. As pedras e os materiais não oferecerão resistência, os grupos resistirão e neles iremos nos deparar com a resistência, se não nas pedras, pelo menos nos arranjos antigos e certamente essa disposição anterior foi outrora obra de um grupo¹⁵⁹.

1.3 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL

Na presente seção apresentamos a configuração social formada em Amparo. Em nossa introdução demonstramos que muitos dos trabalhos que estudaram os grupos humanos de pescadores lavradores utilizaram do conceito de comunidade e da falsa ideia de isolamento e romantismo. Ao contrário dessas premissas, observamos que em Amparo os indivíduos são interdependentes existindo cargos de prestígio, hierarquias e diferentes grupos sociais. Por

¹⁵⁸ HALBWACHS, op. cit., pp.159-160.

¹⁵⁹ Ibid., p163.

outro lado, Amparo nunca esteve isolada, nem no passado e nem nos dias atuais, pois seus moradores se deslocam frequentemente a outros lugares, *sítios* e a cidade de Paranaguá.

A visão geral que temos quando chegamos à *ilha* são das suas casas, dos morros e da mata que fica ao fundo. Chegando ao trapiche que conduz à entrada conseguimos visualizar a igreja católica, a cozinha comunitária e uma trilha de calçada que leva ao lado esquerdo e ao lado direito (Ver Figura 3). Do lado direito, além das casas estão localizadas a igreja católica, um baile, o Bar do Nico, a escola, um campo de futebol, duas *vendas*, a lanchonete *Três Irmãs* e uma pousada. Do lado esquerdo existem as casas, a cozinha comunitária, o posto de saúde, a igreja assembleia de Deus, uma lanchonete e um sítio arqueológico de sambaqui.

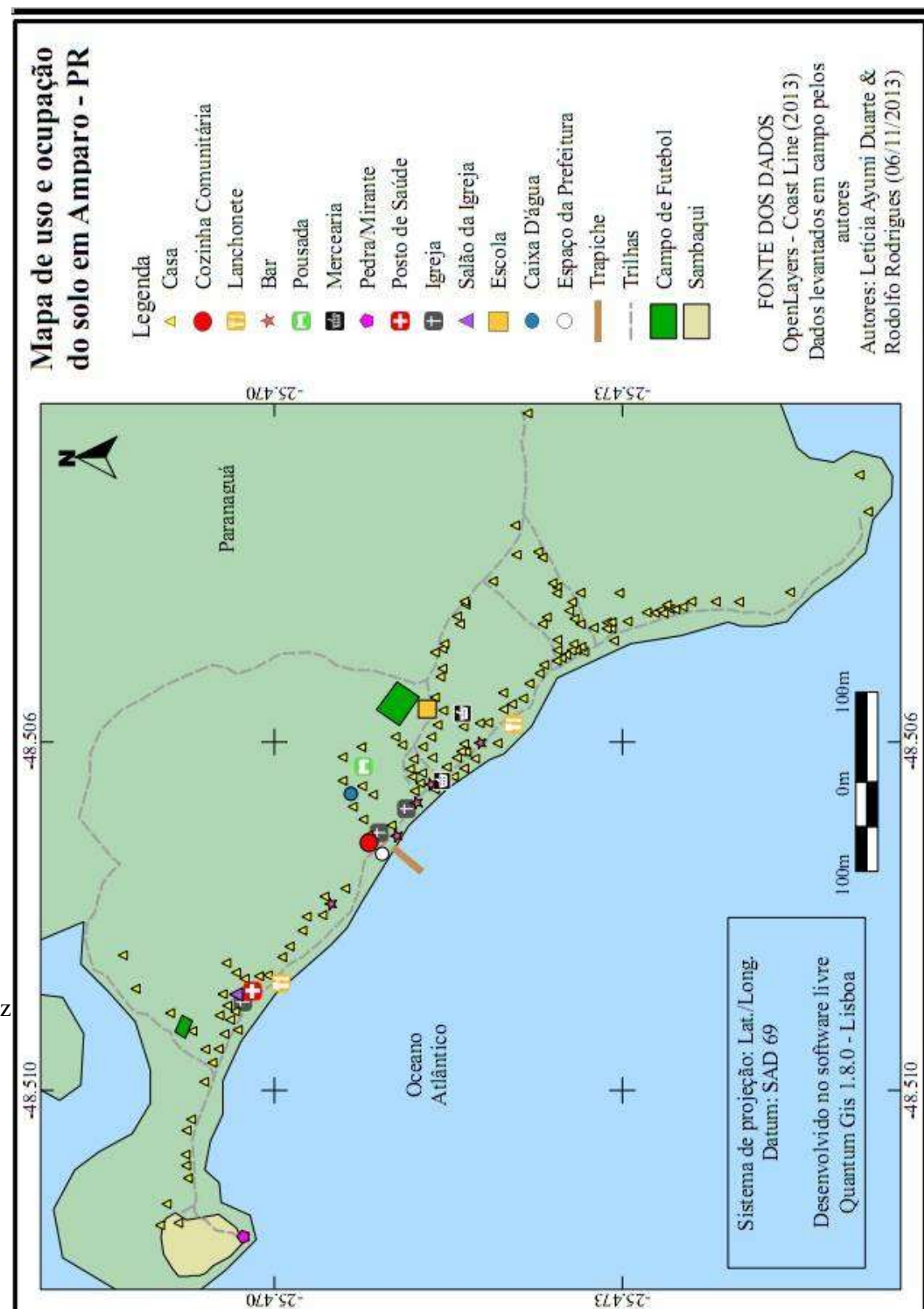


Figura 3- Mapa de uso e ocupação do solo em Amparo- PR

Fonte: BRASIL.DUARTE, Leticia Ayumi, RODRIGUES, Rodolfo. **Mapa de uso e ocupação do solo em Amparo-PR**. Paranaguá, 2013.

Aparentemente quem chega pela primeira vez à ilha não consegue identificar diferenças entre os moradores. No entanto, um olhar mais atento nos permite observar indícios de diferenças entre os grupos existentes. Como demonstramos existem pessoas que têm residências em Amparo, mas não moram no lugar. Parte dessas residências pertence a filhos de pescadores:

Esses meus filhos agora um já trabalha, um já pescou também junto comigo, já aprenderam a pescar né. Agora outro já foi já pro outro ramo de vida né, trabalhar pra cidade, porque aqui na pesca está muito fraco, não dá né. Eu tenho outro guri que tá com 16 anos eu vou ter que mandar pra cidade, tá pescando também¹⁶⁰.

Esse meu que tá em Curitiba a mãe dele é a dona dessa casa, mas ele quando nasceu eu já fui buscar [...] Com nove meses ele andou, começou a andar e não parou mais [...] Sabe ele vem aqui, sabe o que ele faz? Ele vem aqui e diz:

—Mãe você não tem uma linha aí mãe?

Eu digo:

—Tenho a minha, ali na casinha [...] ele vai numa pedra que tem pra lá e fica trepado à tarde inteira lá pescando e vem com peixe na mão de lá, leva até um baldinho meu que eu tenho aí e leva pra por peixe. Gosta muito de pescar, só que ele não é pescador assim, gosta assim de pescar só para brincar né. Tudo eles gostam. O Sidney que mora lá no Caic¹⁶¹, meu Deus ele chega aqui e você pensa que ele come e bebe? Vai direto pegar a rede dele lá, tá tudo aí a rede dele, tem de saco de rede. [...] Vai lá enche de peixe por aí mesmo se vê [...] o meu guri vem de lá e mata [...] Essa turma não acham peixe por aí, se vê [...] ¹⁶².

A respeito dessa questão observamos que é o desejo de muitas famílias de Amparo que seus filhos vão à cidade estudar e trabalhar em outras atividades:

Eu quero que eles não sejam, olha não quero essa, essa coisa que eu faço pra eles. Eu quero coisa melhor né, porque pescador é eu acho que minha atividade de pesca pra mim é uma boa, mas eu não quero pros meus filhos isso aí, quero que eles sejam outras coisas né. Não quero que eles sejam pescador, porque cada vez vai sendo, fica mais difícil a pesca né... Eu só to pescando hoje em dia, porque eu não tenho estudo se não, eu não tava pescando¹⁶³.

¹⁶⁰ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

¹⁶¹ Caic é uma escola municipal localizada no bairro Nilson Neves em Paranaguá.

¹⁶² Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

¹⁶³ Arivaldo Amanso Pires, Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

*Tem muita pessoa que não tem mais condição de sair daqui das Ilhas assim ó, tem 40, 50 anos a pessoa que não tem estudo, não tem nada, como que vai pra cidade? Não tem como, tem que aguentar aqui assim mesmo, como Deus quiser*¹⁶⁴.

Muitos pescadores tentam vender ou trocar suas casas para ir morar na *cidade* que é vista como espaço de oportunidades de trabalho e estudo para seus filhos. Em conjunto a essa questão, não podemos ignorar que o interesse de pessoas em comprar as casas dos pescadores tem aumentado nos últimos anos. Os estabelecimentos aonde funcionam os bares (*Bar do Nico* e a *lanchonete Três Irmãs*) foram comprados por proprietários de Paranaguá há seis anos. Cabe ressaltar que durante o período das festas que ocorrem em Amparo tais estabelecimentos atraem uma grande quantidade de turistas. Por fim, observamos residências compradas por pessoas de fora e utilizadas como casas de veraneio que são visitadas aos fins de ano e no período de férias. Um caso que chama atenção na *ilha* é de uma vereadora de Paranaguá que comprou uma casa em Amparo e a visita em ocasiões específicas, como exemplo durante o período de campanha política.

Entre os moradores detalhes observados nos seus relatos nos permitem supor diferenças no modo como se percebem:

*Aqui era diferente, tinha bastante casa só que agora tem mais né*¹⁶⁵.

*Ah, era muito diferente né, era pouquinho casa. Aqui não tinha quase população nenhuma quando eu cheguei aqui nenhuma podia, tinha umas trinta e poucas casas só. É era tudo mais mato, porque a população foi crescendo né e aí foi aumentando o povo mais né. Aumentou o povo pra pesca e pra anda por aí mais*¹⁶⁶.

*Mudou muito demais, era muito legal aqui, agora tá tudo cheio de... tá que nem uma favela (risos) se olha só aí. Antes era uma casa aqui e outra lá a uns 200 metros, agora tá que nem uma favela (risos) tinha bastante pé de árvore bem na frente aqui, chapado cada pé de árvore bonito acabou-se tudo mesmo*¹⁶⁷.

Tais observações nos relatos dos pescadores que moram há mais tempo no lugar, ainda não é o bastante para indicarmos diferenciais na maneira como se percebem. Contudo, podemos observar um diferencial mais claro quando tratamos da participação nos assuntos comunitários. A associação comunitária foi fundada por pescadores locais. A associação

¹⁶⁴ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

¹⁶⁵ Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

comunitária é uma sociedade civil sem fins lucrativos. O objetivo da associação é representar seus sócios administrativamente ou judicialmente perante entidades públicas ou privadas; coordenar a defesa dos interesses dos seus sócios; promover o desenvolvimento comunitário em todos os seus aspectos de habitação, urbanização, trabalho, recreação, saúde, educação; defender os interesses coletivos¹⁶⁸.

Quem preside a associação de moradores há aproximadamente 13 anos é o pescador *Maíco*. Este além de presidir a associação também é responsável por cuidar e administrar o espaço da cozinha comunitária e da igreja católica. O espaço da cozinha é utilizado para realizar as reuniões da associação, reuniões envolvendo outros assuntos comunitários e para a realização das festas locais. As pessoas que trabalham na cozinha são escolhidas pelo presidente da associação. No geral quando questionamos os moradores sobre a participação na associação, comentam que quando há reunião e são convocados participam:

*Das reuniões, quando tem reunião por aí eu vou que chamam o pessoal eu vou. Qualquer reunião que vem da saúde, que tem da escola, eu não tenho filho na escola, mas tenho neto*¹⁶⁹.

Olha eu converso, mas não me dou muito bem com eles[...] até um dia desses eu tive um papo, bati um papo com eles aí, ele não gostou também, eu disse:

— Se você quiser gostar goste, se não quiser não goste, mas que eu tenho que falar eu tenho e se você fizer uma reunião aí eu vou falar também [...] eu participo meu Deus, e só fazer reunião aí de lá de Paranaguá que vem às gurias de lá né, elas vêm, teve uma reunião faz tempo já da Dr. Cristiane que eu tinha que tá lá sem falta por causa do dinheiro que veio do meu marido que não saiu né, o dinheiro dele ainda né. Aí assim falei pra ele, pro Maíco e ele não gostou:

— Como você pode me xingar, falar as coisas eu sou a moradoreira mais velha daqui guri, não pode querer me massacrar aqui, você não pode. Você é o presidente daqui guri, vem massacrar nós que moramos aqui não pode.

[...] Vem bastante gente, vem ali na comunitária enche de gente, para ver se a gente gosta ou não gosta, quer ou não quer [...] Eu era da igreja, era eu que cuidava é que eu fui operar minha vista em Curitiba e deixei pra Maíco cuidar com a mulher, que eles são fortes. A mulher dele é forte e pode muito bem cuidar, [...], mas a igreja eu com o meu marido que

¹⁶⁸ Capítulo I- Da Denominação da Sede e Objetivo Social. **Estatuto Social da Associação Comunitária de Moradores da Comunidade de Amparo.**

¹⁶⁹ Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

*fomos os fundadores da igreja, nós fomos fundadores da igreja. Os padres paravam tudo aqui em casa de Curitiba, aquilo ali tem anos. Conheceu o padre Cláudio? Mas já ouviu falar né? O padre Cláudio vinha aqui parava na minha casa [...] Nós saíamos cantando para fazer procissão de madrugada, todo mundo ia junto aí, era bem legal [...]*¹⁷⁰.

Zica relata que participa das reuniões que ocorrem na cozinha comunitária e que muitas vezes não concorda com as posições da associação. Em seu relato comenta que *ela é a moradeira mais velha do lugar*. Utiliza do pronome *eles* ao se referir à associação atual e ao pronome *nós* para se referir a fundação da igreja:

*Olha eu converso, mas não me dou muito bem com eles[...] até um dia desses eu tive um papo, bati um papo com eles aí, ele não gostou também, eu disse[...]. Eu era da igreja, era eu que cuidava é que eu fui operar minha vista em Curitiba e deixei pra Maíco cuidar com a mulher, que eles são fortes. [...], mas a igreja eu com o meu marido que fomos os fundadores da igreja, nós fomos fundadores da igreja*¹⁷¹.

Algumas reflexões podem ser esboçadas. Primeiramente podemos perceber uma coesão entre os indivíduos pertencentes às famílias mais antigas. Estes partilham um modo de vida comum, faziam atividades em conjunto, como a fabricação de farinha de mandioca, a lavoura, foi este mesmo grupo mais antigo que fundou a igreja local, a associação de moradores e participava na escolha dos cargos de prestígio no interior dessa configuração social. Podemos afirmar que a peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder com tensões inerentes, que por ser instável está sujeito a mudanças. As cisões e disputas não se dão somente entre diferentes grupos, mas entre as famílias que se conhecem e até mesmo entre os próprios familiares. Já tratamos na seção anterior de como os moradores mais idosos quando se lembram do trabalho nas *roças* ressaltam um tempo oposto ao agora, onde *ninguém quer plantar mais*, enquanto que as gerações mais novas, que são muitas vezes seus parentes, netos, sobrinhos relatam que não tem mais tempo de plantar. Isso pode ser uma das causas para entendermos a circulação de *fofocas*¹⁷² sobre a falta de respeito pelos mais velhos das atuais gerações, dos familiares que andam frequentando a igreja evangélica. O que também pode ser sugestivo para compreendermos as *fofocas* de que existe um grupo fechado de

¹⁷⁰ Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Utilizamos por base ao termo empregado por Elias e Scotson em *Os Estabelecidos e Outsiders*. ELIAS, Norbert; SCOTSON John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.45.

pessoas que participam da diretoria da associação e que trabalham na cozinha comunitária durante as festas.

Além das relações e hierarquias a nível local, existem relações estabelecidas entre os pescadores e órgãos representativos como a Colônia Z1 de Paranaguá e a Federação das Colônias do Paraná. As primeiras Colônias de pescadores foram inspiradas pelo interesse do Estado, quando foi iniciada em 1919 a campanha de nacionalização da pesca e sua organização no litoral do Brasil¹⁷³. A Colônia de pescadores é o órgão que representa seus filiados em reuniões, portarias, reivindicações e direitos trabalhistas. Cabe a Colônia garantir os direitos sociais de seus filiados como o seguro desemprego nas épocas de defeso e a aposentadoria. Para receber o seguro desemprego o pescador deve estar registrado na Colônia de sua jurisdição, possuir o Registro Geral da Pesca, não ter vínculo de emprego ou outra fonte de renda diversa da atividade pesqueira¹⁷⁴.

Em Paranaguá, a Colônia Z1 e a Federação das Colônias do Paraná são presididas por Edmir Manoel Ferreira, pescador que atua junto as Colônias desde 1982. A Federação de pescadores do Paraná representa atualmente Colônias de 19 municípios. A Colônia Z1 é visitada mensalmente pelos pescadores de Paranaguá que pagam uma mensalidade. Geralmente quando os pescadores necessitam de atendimento médico especializado tem que recorrer a outros locais, já que a Colônia só atende com um clínico geral e um dentista:

Desde 1982. [...] Sempre como presidente da Colônia Z1 e na Federação sempre como presidente. Claro que não foi diretamente, foi dentro da Federação, houve outros presidentes, mas eu desde essa data sou só presidente da Colônia e também estou sendo presidente da Federação, fui uma vez secretário também. [...] A Colônia em si ela é uma associação, é uma associação de pescadores sem fins lucrativos e o objetivo dela é representar os seus filiados que são os pescadores. É representar em reuniões né, em portarias, é como é que eu posso falar mais, reuniões, portarias, reivindicações né, é trabalho que nós temos aqui é medico né, clínico geral, é dentista então esse tipo de trabalho que nós temos. E representar a Colônia de modo geral, tudo que a gente pode representar né, a gente representa os filiados. A Federação ela já é acima das colônias né, a federação já tá

¹⁷³ MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986. .p.47.

¹⁷⁴ **Seguro-desemprego - pescador artesanal**. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/seg_desemp/seguro-desemprego-pescador-artesanal.htm Acesso em: 05/07/2013.

*representando as colônias de pesca, de pescadores do Paraná. Hoje nós temos 19 colônias no Paraná, 19 municípios*¹⁷⁵.

Os pescadores afirmam que não se sentem representados pela Colônia e que esta não oferece serviços necessários ao pescador:

*Tem várias coisas que eram para serem feitas pelos pescadores e não é feito, tem pescador você vê, o pescador paga uma mensalidade desde os 18 anos a 60 anos, que ele se aposenta. Se ele não tiver o dinheiro para pagar o funeral, ele se enterra como indigente, porque a Colônia não tem nenhum funeral, não tem farmácia é por conta. Não tem uma, ambulância para levar o pescador para outras partes, para outra cidade, fazer um exame médico. Tudo isso tá faltando, inclusive nem banheiro nós temos hoje em dia na Colônia [...] Para quem paga todo mês não é certo [...] Já faz vários anos que é um só, não tem concorrência, nós estamos precisando de alguém pra ser presidente*¹⁷⁶.

Em 2012, quando realizamos a entrevista com Edmir ele estava afastado da presidência da Colônia, pois estava se candidatando pela segunda vez a vereador. Declarou em bens a justiça eleitoral dois barcos pesqueiros, um barco esporte, uma caminhonete e um automóvel num valor total de R\$ 113.000,00 mil reais em bens declarados¹⁷⁷. Em conversas informais alguns pescadores contam que quando o presidente da Colônia se candidatou pela primeira vez a vereador, vários pescadores votaram nele. Em 2012 Edmir não foi reeleito, mas ficou com o cargo de suplente, caso haja a desistência de algum vereador.

Os dados das nossas entrevistas permitiram analisar de forma breve a existência de grupos, hierarquias e relações de poder entre os moradores de Amparo. Contudo, devemos esclarecer que a proposta metodológica da história oral assim como o roteiro de nossas entrevistas buscou trazer aspectos qualitativos à pesquisa. Entre os nossos entrevistados, observamos moradores pertencentes às famílias mais antigas do lugar, muitos destes migraram para Amparo construindo, ocupando e moldando o *lugar* a sua forma. No espaço da *Ilha* construíram relações íntimas de dependência com o *mar* e o *mato* e fundaram lugares importantes no interior dessa configuração social. Estes indivíduos interdependentes escolheram entre si as pessoas que exercem cargos de prestígios dentro da associação de moradores, nas atividades envolvendo a igreja católica demonstrando um sinal claro de

¹⁷⁵ Edmir Manoel Ferreira. Paranaguá. Entrevista concedida em 15/05/2012. Edmir tem atualmente 60 anos de idade.

¹⁷⁶ Mariano Rodriguez Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida em 16/02/2013.

¹⁷⁷ **Eleições Uol**. Disponível em: <eleições.uol.com.br/2012/candidatos/2012/vereador/PR/24101953-edmir-da-pesca.htm> Acesso em: 05/07/2013.

diferencial de poder. Através da observação observamos as relações estabelecidas com a cidade de Paranaguá e com a Colônia de Pescadores. Como demonstramos a *cidade* é vista como espaço de oportunidades. Muitos pescadores tentam trocar suas casas em Amparo por casas em Paranaguá, outros tentam mandar os filhos estudar e trabalhar na cidade. A vinculação Colônia de pescadores é condição obrigatória para o recebimento de direitos tal como o recebimento do seguro desemprego durante os períodos de defeso, no entanto, a mesma também representa os pescadores durante a ocorrência de desastres ambientais.

No próximo capítulo demonstramos um breve histórico do Porto de Paranaguá, apresentando como os pescadores se sentem diante dessa estrutura. Demonstramos a descrição do acidente do navio *Vicuña* reportada nos relatórios técnicos, atas de reunião, jornais e nas lembranças dos pescadores e presidentes de Colônia.

CAPÍTULO II: O DESASTRE DO NAVIO *VICUÑA* EM 2004

2.1 O PORTO DE PARANAGUÁ

Na presente seção demonstramos uma breve descrição do Porto de Paranaguá e de sua atual estrutura. Tais aspectos se tornam importantes para entendermos as principais mudanças pelas quais o Porto passou e como os grupos humanos que habitam o espaço de influência portuária, sobretudo, as configurações sociais de pescadores se sentem diante dessa estrutura.

Foi na foz do Rio Taguaré que se localizou o primeiro ancoradouro das pequenas embarcações que aportaram em Paranaguá em busca das suas farinhas. Neste local durante o século XVII e parte do século XIX esteve situado o Porto de Paranaguá¹⁷⁸. A rua ao longo da margem esquerda do Rio Taguaré, denominada Rua da Praia, era uma importante via comercial e alfandegária da cidade¹⁷⁹.

A Lei Imperial nº 1.746 de 13 de outubro de 1869, permitia contratar a construção de docas, armazéns e instalações para movimentar mercadorias e realizar obras de dragagens, aterros e construção de cais¹⁸⁰. Em 1873, pelas condições limitadas de navegação do Rio Taguaré, o porto foi transferido a Enseada do Gato, ou seja, ao extremo sul da Baía de Paranaguá. Através da lei imperial surgiram pequenas instalações administradas por particulares. No ano de 1889, o Governo republicano permitiu aos Governos Estaduais instituir portos em seus litorais. Em Paranaguá, somente no ano de 1917, o porto passou a ser administrado pelo Governo do Estado do Paraná¹⁸¹. No ano de 1932, o governador do Estado, Manoel Ribas, firmou um contrato de concessão para construir e explorar o Porto. Através do decreto 22.412 de 27 de janeiro de 1933 foi aprovado o projeto de sua construção e ampliação. No ano de 1934, algumas das obras entregues foram um cais para um calado de 8 metros, aterro incluindo dragagem da Bacia, linhas férreas para guindastes, armazéns, plataformas, calçamento e galeria de águas pluviais. Em 17 de março de 1935, ocorreu a

¹⁷⁸ WESTPHALEN, op. cit., p.24.

¹⁷⁹ JABUR, Rodrigo Satori. Entre casinhas, bancos e vãos de coluna: **Segundo Seminário de Arquitetura da USP**. 2010, p.3.

¹⁸⁰ MORGENSTERN, Algacyr. **Porto de Paranaguá: contribuição à história: período 1648/1935**. Paranaguá: Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, 1985. p.33.

¹⁸¹ Ibid., p.34.

inauguração do Porto D. Pedro II que foi considerado a maior obra do governo paranaense na ocasião¹⁸².

Atualmente o Porto de Paranaguá integra uma grande rede de transporte. O acesso rodoviário é realizado pela BR-277 que liga Paranaguá a Curitiba e se conecta a BR-116. A atual malha ferroviária é administrada e operada pela Concessionária ALL – América Latina Logística, que transporta grãos agrícolas, fertilizantes e combustíveis. Há ainda a linha de oleoduto com 90 km de extensão, para derivados de petróleo que interliga o terminal de inflamáveis do Porto de Paranaguá, operado pela Petrobras/Transpetro, com a refinaria Getúlio Vargas em Araucária. O transporte marítimo é realizado pela barra de entrada do Canal da Galheta que possui de 150 a 200 metros de largura, 20 milhas de extensão e de 13 a 15 metros de profundidade o que permite a navegação segura à graneleros com carregamento de até 78.000 toneladas. A Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina - APPA conta com 21 armazéns entre públicos e arrendados. O abastecimento de combustível é realizado no Cais de inflamáveis que abastece navios com óleo *bunker* no cais e através de barcas¹⁸³.

A ampliação do porto provocou transformações no espaço da sua área de influência. Entre as décadas de 1950 e 1960, vários migrantes vieram à cidade de Paranaguá em busca de empregos. O processo migratório na cidade tornou-se cada vez mais evidente sob a forma da ocupação das áreas ambientalmente vulneráveis como os manguezais¹⁸⁴. José Milton Andriguetto afirma que são diversas as fontes de impacto atuais sobre o ambiente natural do Litoral paranaense. O autor afirma que os pescadores de Pontal do Sul indicavam o canal do Porto como responsável pelo fim de pesca de espinhel da miraguaia e do parambiju. Outras causas indicadas são a interferência de ruídos de navios e as dragagens¹⁸⁵.

Outros agravantes são os acidentes envolvendo a estrutura portuária. Em 2001, houve danos materiais e morais aos pescadores causados pelo vazamento de Nafta decorrente da colisão do Navio Norma¹⁸⁶. Em 2011, cerca de 60 toneladas de peixes mortos apareceram

¹⁸²Ibid., pp.67-8.

¹⁸³ Disponível em: www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=129. Acesso em: 25/01/2014.

¹⁸⁴KRUG, Lillian Anne; LEÃO, Caroline; AMARAL, Silvana. Dinâmica espaço-temporal de manguezais no Complexo Estuarino de Paranaguá e relação entre decréscimo de áreas de manguezal e dados socioeconômicos da região urbana do município de Paranaguá – Paraná. **XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Florianópolis. Anais... INPE, 2007. p. 2757.

¹⁸⁵ ANDRIGUETTO, 1999, op. cit., p.160.

¹⁸⁶ Apelação Cível nº 925.647-7. Curitiba 06 de set de 2012. 10 p.

nas proximidades do Porto de Paranaguá. Só na Ilha do Amparo havia 15 toneladas de peixes mortos¹⁸⁷.

Os pescadores de Amparo habitam um lugar de onde é possível visualizar com nitidez o Porto de Paranaguá¹⁸⁸. Nos *lugares* onde pescam é comum observarem navios de grande calado atracando no Porto, obras de dragagem e mortes misteriosas de peixes. Contudo, isso não é algo isolado a Amparo e ao Litoral do Paraná. Como demonstramos na próxima seção, configurações sociais de pescadores a nível mundial vêm passando por situações semelhantes.

2.2 PESCADORES E DESASTRES AMBIENTAIS EM OUTROS CONTEXTOS

*Eu pescava desde que eu morava na Eufrasina, faz uns trinta anos mais ou menos e pouquinho que eu pescava, agora que eu não pesco mais, mas de primeiro a pescaria era muito melhor que agora. De primeiro tinha bastante camarão e agora depois que começou essa poluição na maré, assim de óleo, desses bate-estacas, dessas dragagens que tem aí, daí o camarão foi ficando cada vez menos*¹⁸⁹.

*O óleo é um produto, que ele mata, não mata só o peixe, como mata os moluscos, a ostra, o bacucu, o siri tudo as criações do mar ele prejudica, ele mata e aniquila com a poluição do óleo*¹⁹⁰.

*Ah prejudica muito a gente. Na pesca do linguado o navio passa em cima já perde tudo*¹⁹¹.

Os relatos dos pescadores de Amparo referem-se a como eles se sentem diante da estrutura portuária. Como mencionamos na seção anterior a observação do tráfego de navios

¹⁸⁷ GARMATTER, Bianca. Milhares de peixes mortos apareceram na Baía de Paranaguá. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 03 de jan de 2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/verao/conteudo.phtml?id=1083021&tit=Milhares-de-peixes-aparecem-mortos-na-Baia-de-Paranagua> Acesso em: 06/05/2012.

¹⁸⁸ Ver no apêndice 3 do trabalho.

¹⁸⁹ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. José nasceu em 10 de dezembro de 1960 e tem atualmente 53 anos. Em 2012 seu Zé conseguiu se aposentar.

¹⁹⁰ Mariano Rodriguez Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. Mariano nasceu em 10 de junho de 1959 e tem atualmente 55 anos de idade.

¹⁹¹ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Gilberto nasceu em 15 de agosto de 1950, tem atualmente a idade de 63 anos.

na Baía, de obras de dragagens e acidentes fazem parte do cotidiano dos grupos humanos que habitam a área de influência do Porto de Paranaguá. Em 2004, o acidente do navio *Vicuña*, ocorrido em Paranaguá, teve repercussão internacional sendo noticiado pelo CEDRE¹⁹². De acordo com o artigo, ocorreram duas explosões a bordo do navio durante o descarregamento de 14.000 toneladas de óleo metanol no Porto de Paranaguá. O casco do navio quebrou em dois e vazaram aproximadamente 400 toneladas de óleo *bunker*. A poluição afetou uma sensível região de mangues e praias onde a pesca e o turismo são importantes atividades econômicas. A pesca e a venda de produtos aquicultura foram banidas na Baía até que o risco de contaminação desaparecesse. Golfinhos, tartarugas e pássaros foram afetados pela poluição¹⁹³. O acidente do navio *Vicuña* nos faz refletir e questionar que tal evento não é algo isolado e de caráter único e pode ser entendido como um desastre ambiental. Definem-se desastres ambientais fenômenos ao mesmo tempo físicos e humanos, sob a perspectiva de que a Natureza hoje existente é resultado também das relações e representações dos seres humanos. Enquadram-se nesse grupo, desde desastres com impactos imediatos, como tornados, a desastres de contato prolongado como exposição a toxinas¹⁹⁴. Desastres normalmente são rotulados como eventos não rotineiros, desestabilizantes, causadores de incerteza, desordem e colapso sociocultural. Contudo, como afirma Espindola, os desastres devem ser pensados além da lógica de que são únicos e não rotineiros¹⁹⁵.

No Brasil e no mundo desastres envolvendo a poluição de mares, rios e estuários por substâncias tóxicas são rotineiros em notícias de jornais, em sites científicos e em trabalhos acadêmicos. O acidente da empresa Cataguazes Papel, ocorrido em 29 de março de 2003, foi tema de vários trabalhos acadêmicos. Devido a um rompimento de material tóxico cerca de 1.2 bilhões de litros de dejetos químicos foram despejados no Rio Pomba, afluente do Rio Paraíba do Sul. Os impactos do acidente puderam ser sentidos por cerca de 600.000 habitantes de sete municípios dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Pesquisas realizadas durante o período do acidente indicaram que das 169 espécies de peixes existentes no Rio Pomba, cerca de 60 delas foram completamente dizimadas¹⁹⁶.

¹⁹² Centre de documentation, de recherche et d'expérimentations sur les pollutions accidentelles des eaux. Centro internacional de pesquisa e documentação de acidentes envolvendo a poluição das águas.

¹⁹³ Vicuña. Disponível em: <http://www.cedre.fr/fr/accident/vicuna/vicuna.php> Acesso em: 12/04/2012.

¹⁹⁴ ESPINDOLA, Marcos Aurélio. História ambiental e interdisciplinaridade no estudo de desastres. Simposio Internacional sobre interdisciplinariedade no ensino, na pesquisa e na extensão. Região Sul. UFSC, p. 5-6

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ BELO, Diego, Carvalhar. **A degradação ambiental e escassez de recursos: análise comparada das mudanças socioambientais ocorridas entre os pescadores dos municípios de São Fidélis e São João da**

Em 19 de julho de 1979, dois navios petroleiros, o Imperatriz Atlântico e o Mar Egeu, colidiram no mar do Caribe próximo a Ilha Tobago. O petroleiro Imperatriz Atlântico e parte da proa do petroleiro Mar Egeu, pegaram fogo causando a morte de 26 marinheiros. No dia 2 de agosto, o petróleo que estava no interior dos navios começou a vazar. A perda total de 280 mil toneladas de petróleo detém o recorde mundial para um acidente petroleiro. A poluição foi registrada nas ilhas mais próximas, contudo nenhum estudo de impacto foi realizado, nem pelos países vizinhos, nem pela comunidade internacional. De acordo com a notícia, naquela época todos os olhos estavam voltados para o desastre da explosão da plataforma de perfuração Ixtoc I no Golfo do México. Em 3 de junho de 1979, ocorreu uma erupção de petróleo nesta plataforma. A estimativa é que entre 470.000 toneladas a 1.500.000 toneladas de petróleo foram derramadas. Foram afetados diretamente os pescadores, além da contaminação de viveiros de camarão, manguezais, praias e aves¹⁹⁷.

Em 3 de dezembro de 1992, o petroleiro espanhol *Aegean Sea* tentou entrar no Porto de *La Coruña* na Galícia e durante uma tempestade se desviou para fora do canal de entrada encalhando. Os tanques de carga do navio se romperam. Foram contaminados ao todo 300 km de costa. A contaminação afetou a atividade de mais de 4.000 pescadores, mariscadores e aquicultores. Para impedir o consumo dos produtos capturados nas zonas afetadas o Conselho de Pesca da *Galícia* decretou a proibição geral da pesca¹⁹⁸.

A apresentação breve dos desastres ilustram realidades semelhantes vivenciadas por configurações de pescadores-lavradores. Os impactos de um *evento*, ou *acidente* pode causar efeitos e impactos de longo prazo sobre ecossistemas e configurações de seres humanos que dependem dos seus recursos naturais. Partindo do pressuposto de que os seres humanos se territorializam, construindo seus ambientes a partir de relações com os espaços das quais emergem práticas culturais, interações e dependência com os recursos naturais¹⁹⁹. A apropriação dos recursos naturais e a valoração das paisagens, nesse sentido, possuem uma clara historicidade. Um exemplo é de que o ouro não possui valor econômico universal, sendo irrelevante, por exemplo, para os grupos indígenas do território da atual Serra do Espinhaço antes da chegada dos europeus. As praias, por sua vez, não são universalmente consideradas

Barra após o acidente da Cataguazes Papel. 80 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2009.p.3.

¹⁹⁷ Ixtoc I. Disponível em: <http://www.cedre.fr/fr/accident/ixtoc/ixtoc.php> Acesso em: 12/04/2012.

¹⁹⁸ AEGEAN SEA. Notícia disponível em cedre:< http://www.cedre.fr/fr/accident/aegean_sea/aegean.php> Acesso em: 12/04/2012.

¹⁹⁹ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. N.24, v.68. pp.81-101, 2010. p.83.

espaços de beleza. No Brasil monárquico, elas eram desprezadas pelas elites urbanas. Contudo, seria igualmente falacioso esquecer que o ouro e as praias não são criações humanas em sentido primário, e que, ademais, sem a sua existência material, também não existiriam as suas dimensões perceptiva e cultural²⁰⁰. Dialogando com historiador Augusto Pádua, o mar pode ter diversos usos e significados para os seres humanos. Como ressaltamos, em Amparo o mar ganha significado de vida, de sobrevivência e de tudo. Contudo, não devemos esquecer que o espaço da Baía de Paranaguá é considerado também por outros grupos humanos como uma via de transporte de navios que atracam no porto. Os olhares distintos são construídos pelos seres humanos através das relações e usos estabelecidos com o espaço da Baía de Paranaguá. Para um pescador mais que uma via de passagem de navios, o mar é o espaço onde se constroem territórios, classificam os recursos e se atribuem diferentes significados. Como demonstramos o desastre do navio *Vicuña* não é algo isolado a realidade estudada, configurações de pescadores em outros contextos também dependem dos recursos naturais dos espaços onde vivem e vem vivenciando desastres envolvendo substâncias tóxicas. Tais desastres se mostram como uma realidade cada vez mais presente no cotidiano de grupos humanos afetados por vazamentos de substâncias, construções de Portos, obras, cujos impactos pode causar consequências de curto, médio e longo prazo nos ecossistemas e nos grupos que dependem destes para sobreviver.

2.3 O DESASTRE AMBIENTAL DO NAVIO VICUÑA NOS DOCUMENTOS

Em 15 de novembro de 2004, ocorria na cidade de Paranaguá, a festa de Nossa Senhora do Rocio. Naquela data, como de rotina, o Porto Dom Pedro II funcionava normalmente. Por volta das 19 horas ocorreram duas explosões no navio chileno *Vicuña* que estava descarregando metanol no terminal de inflamáveis da Cattalini Terminais Marítimos. As explosões causaram pânico na população em geral²⁰¹.

²⁰⁰

²⁰¹ Redação O Estado do Paraná. Quatro Mortos na Explosão em Paranaguá. **O Estado do Paraná**. Curitiba. 16 nov. de 2004. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/100951/?noticia=QUATRO+MORTES+NA+EXPLOSAO+EM+PARANAGUA> Acesso em: 13 mai/ 2010.

Naquela mesma noite foi realizada uma reunião emergencial para apresentar as ações a serem tomadas. Participaram da reunião o Capitão de Mar e Guerra, o Major do Corpo de Bombeiros, representantes das empresas Transpetro, Paranaguá Pilots, P&I, Catallini, Wilson Sons, o superintendente da APPA, um representante da APPA-Assessoria de Assuntos do Mar - APPA-ASSUMAR e um representante do IAP. O Capitão de Mar e Guerra, Osmar Pedro da Cunha, relatou que cada um dos representantes presentes teria sua parte a fazer e que a preocupação da Marinha naquele momento referia-se ao aspecto ambiental. O representante da Catallini informou que o navio tinha aproximadamente 14.000 metros cúbicos de metanol, dos quais 9.000 haviam sido descarregados. O navio estava com 5.000 metros cúbicos no momento da explosão²⁰². Outras questões discutidas durante a reunião foram a respeito das informações a serem divulgadas na imprensa:

Major Pombo- (Corpo de Bombeiros): Seria interessante ter um helicóptero para fazer um sobrevoo na parte da manhã para sabermos a dimensão do acidente.

Eduardo Requião- (APPA): É importante termos uma centralização das decisões, pois está sendo divulgado que a explosão foi no Porto de Paranaguá, mas ela ocorreu em um terminal privado, por isso temos que ter uma assessoria de imprensa oficial [...]

Cláudio d'Oliveira (IAP): A informação a ser divulgada deveria ser a mesma por todos. Para isso proponho que seja feito um *briefing* com os envolvidos e desta reunião saia um documento que será o documento a ser divulgado na imprensa.

Capitão de Mar e Guerra: Estamos agora preocupados com a contenção do incêndio e do impacto ambiental, devemos deixar a imprensa de lado. Mas é importante que falemos a mesma língua. Outrossim, a Cattalini não está impedida de dizer nada. A preocupação da APPA é com a repercussão nacional do fato. Podemos estabelecer um PRE REALESE para isso [...]²⁰³.

As autoridades presentes decidiram marcar uma reunião para o próximo dia. Além dos dois tripulantes encontrados mortos, no mesmo dia foram atendidas 16 pessoas feridas pela explosão. Nas Unidades Básicas de Saúde de Paranaguá foram atendidas quatro pessoas com crise hipertensiva após o acidente. A Primeira Regional de Saúde realizou o monitoramento das populações ilhoas para a contra-indicação de organismos marinhos e dos

²⁰² Ata da reunião de 15/11/2004, ocorrida nas dependências da Capitania dos Portos do Paraná, em Paranaguá, com representantes de diversos órgãos públicos e empresas.p.1. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

²⁰³ Ibid.. pp. 4-5

postos de venda de pescadores para inibir a venda de organismos aquáticos contaminados pelos hidrocarbonetos²⁰⁴.

No dia 16 de novembro a reunião com as autoridades foi iniciada às 13:00 horas. Estavam presentes o Capitão de Mar e Guerra, representantes do IBAMA, do IAP, da APPA, da Defesa Civil, da Secretaria de Meio Ambiente-SEMA e da Procuradoria Geral do Estado. O Capitão de Mar e Guerra resumiu a situação do acidente, informou que estavam sendo colocadas mais barreiras de contenção no local e que foram encontrados outros dois corpos, um próximo à Ilha das Cobras e outro próximo a TCP. O representante do IAP, Marino Elígio, afirmou que entrou em contato com o presidente do IAP e que estava sendo elaborada uma portaria para suspender a pesca em toda a área afetada. O Capitão de Mar e Guerra ressaltou a importância de se realizar um monitoramento do acidente. O representante da APPA relatou que se preocupava com a operacionalização dos terminais que estavam interditados:

Capitão de Mar e Guerra - Qual a intenção de operacionalização do porto por parte da APPA?

Luís Henrique (APPA) - Com relação à operacionalização dos terminais, a preocupação da APPA e com o período de tempo em que o terminal da Petrobras permanecerá interditado.

Capitão de Mar e Guerra - Após a visita dos peritos poderemos ter uma posição sobre a segurança das operações no terminal da Petrobras.

Luís Henrique (APPA) - A ideia é conseguir operar o quanto antes com o terminal da Petrobras. Obviamente se tivermos que paralisar as operações de outros terminais por falta de segurança das operações ou para possibilitar trabalhos referentes ao acidente, isto será feito²⁰⁵.

O Capitão Gênero, da Defesa Civil, considerou como prioritário o constante monitoramento, pois as barreiras de contenção foram colocadas de forma tardia. Informou que a avaliação de danos seria realizada pela Defesa Civil do município e que deveriam ser dadas prioridades as atividades de colocação de barreiras, de contenção, de combate ao incêndio, recolhimento do óleo, busca pelos corpos desaparecidos, de um porta voz para comunicar a imprensa, da avaliação ambiental com sobrevoo de helicóptero e da definição de um ponto de concentração para ajuda. A representante da Secretaria de Saúde alertou sobre o consumo de organismos aquáticos contaminados. O Capitão de Mar e Guerra relatou a importância da

²⁰⁴ Informação prestada pela Secretaria Estadual de Saúde – SESA em 15 de novembro de 2004.

²⁰⁵ Ata da Reunião de 16/11/2004 realizada na Capitania dos Portos do Paraná com representantes de diversos órgãos públicos e empresas. pp.1-2. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

experiência da Defesa Civil e da Secretaria de Saúde, pois os riscos com o consumo de peixes contaminados não era uma preocupação até aquele momento²⁰⁶.

Considerando a existência de uma mancha de óleo que se estendia pelas baías de Paranaguá e Guaraqueçaba, no dia 16 de novembro foi publicada a Instrução Normativa que proibia às atividades de pesca, consumo de organismos aquáticos, uso de água e práticas desportivas nas baías atingidas por um período de 60 dias²⁰⁷. A APPA criou uma comissão para atuar no caso em conjunto com o grupo do Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná – CEM, do Centro de Apoio Científico em Desastres - CENACID e da Procuradoria Geral do Estado²⁰⁸. Sob a portaria 147/2004, o Superintendente da APPA, interditou o Terminal de Inflamáveis da Petrobras, da Catallini e o píer da Fospar. Ficou também determinado através da portaria imputar responsabilidades civis e penais às empresas Catallini e Wilson & Sons e representantes do armador do navio *Vicuña* no Porto de Paranaguá²⁰⁹.

A notícia do jornal *O Estado do Paraná* relata que duas das quatro vítimas da explosão do *Vicuña* continuavam desaparecidas. A notícia trazia informações sobre o navio *Vicuña* e os relatos do superintendente da APPA e do Capitão de Mar e Guerra:

Segundo Requião o incidente nada tem a ver com o Porto, por se tratar de um cais privado. No entanto, a superintendência está dando apoio para que os responsáveis sejam devidamente punidos. Ele afirma que o incidente não traz prejuízos ao porto. “O único prejuízo são as 4 vidas que foram com a explosão”. *Tragédia marca Capitão*. O Capitão de Mar e Guerra, Osmar Pedro da Cunha, da capitania dos Portos do Estado do Paraná, considerou a explosão como um dos maiores desastres da história da navegação²¹⁰.

De acordo com a notícia, a explosão trouxe pânico à população de Paranaguá e devido ao acidente ter ocorrido próximo ao Santuário de Nossa Senhora do Rocio, o show da Cantora Elba Ramalho foi cancelado. Houve prejuízos aos comerciantes que trabalhavam na festa. Uma mancha de óleo foi vista na Baía de Guaraqueçaba atingindo a extensão de 20 km.

²⁰⁶ Ibid, p.3.

²⁰⁷ Instrução Normativa Conjunta IAP/IBAMA nº 25 de 16 de novembro de 2004.

²⁰⁸ BRASIL. PORTARIA Nº 146/2004 de 16 de novembro de 2004. **Diário Oficial Paraná Executivo**. Curitiba, PR, n. 6860, Ano XCI | 12 páginas, 25 de Novembro de 2004. p.9

²⁰⁹ BRASIL. PORTARIA Nº 146/2004 de 16 de novembro de 2004. **Diário Oficial Paraná Executivo**. Curitiba, PR, n. 6860, Ano XCI | 12 páginas, 25 de Novembro de 2004. p.9

²¹⁰ Redação O Estado do Paraná. Quatro Mortos na Explosão em Paranaguá. **O Estado do Paraná**. Curitiba. 16 de Nov. de 2004. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/100951/?noticia=QUATRO+MORTES+NA+EXPLOSAO+EM+PARANAGUA>. Acesso em: 13 mai/ 2010.

Foram encontrados peixes e botos mortos. A notícia ressaltava a portaria que proibiu a pesca e os efeitos prejudiciais à saúde humana causada pelo metanol.

No dia 17 de novembro outra reunião com as autoridades foi realizada. Estiveram presentes o Capitão de Mar e Guerra, representantes da APPA, da APPA-ASSUMAR, da P&I Britannia, da Guarda Portuária e da Regional de Saúde de Paranaguá. O Capitão de Mar e Guerra apresentou a situação do acidente e informou que foi divulgado um *Pre release* do acidente. Informou que foram estabelecidos oito pontos de combate à contenção e que foram contratadas diversas empresas para fazer esse serviço²¹¹. Ressaltou ainda, que era preciso que o Governo do Estado e a APPA cobrassem as devidas competências dos envolvidos. Foi marcada outra reunião para o dia 19²¹².

O jornal *Folha do Litoral* trazia a notícia das explosões que ocorreram no tanque de carga do navio *Vicuña*. O jornal trazia informações de que o navio estava carregado com 14 milhões de metanol, 1.150 toneladas de óleo combustível e 900 toneladas de óleo diesel nos tanques. Após a explosão 9 milhões de litros de metanol foram passadas a Cattalini e cerca de 5 milhões de litros foram responsáveis pela explosão.

Na manhã de ontem foi intenso o trabalho das equipes no local, bem como da imprensa estadual e nacional [...]. O delegado Paulo Vibrio, disse com exclusividade à Folha que desde o momento do acidente começaram a ser apuradas as responsabilidades. "A gente não tem como falar quanto tempo podem demorar as investigações, pois envolve muita gente", adiantou²¹³.

O *Jornal do Litoral Paranaense* também trazia um resumo do que provocou o acidente. A notícia ressaltava o trabalho que estava sendo realizado pelo Corpo de Bombeiros na localização das vítimas da explosão e das atividades na retirada do tanque e da estrutura metálica do navio que estava submersa. Trazia informações sobre a portaria que proibiu a pesca e do seguro criado pela Secretaria de Pesca para indenizar os pescadores da Baía de Paranaguá.

Novas barreiras de contenção foram instaladas, mas o trabalho deve demorar. O combustível que vazou do navio se espalhou pela Baía de

²¹¹ Ata da reunião de 17/11/2004, ocorrida nas dependências da Capitania dos Portos do Paraná, em Paranaguá, com representantes de diversos órgãos públicos e empresas. p.1. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

²¹² Ibid., pp.2-3.

²¹³ Dois mortos em explosão de navio em Paranaguá. **Folha do Litoral**, Paranaguá, 17 de nov. de 2004. Ano 3, nº 1325.p.4.

Paranaguá num raio de 20 quilômetros. Hoje, botos brincavam no meio da mancha de óleo, que chegou a várias ilhas. A Ilha de Amparo é uma das mais atingidas pelo vazamento. Nela vivem 120 famílias de pescadores, mas a proibição da pesca vai atingir quatro mil pescadores, que não sabem por quanto tempo vão ficar sem trabalhar²¹⁴.

No dia 19 de novembro de 2004 estiveram presente na reunião o Capitão de Mar e Guerra, Osmar Pedro da Cunha, Danilo Luiz e Geraldo José, da União Vopak, o Capitão de Fragata, Cezar Bezerra Teixeira, Luis Henrique da APPA e Carlos Prado, da Ultragas. O Capitão de Mar e Guerra informou que a finalidade da reunião era distribuir as atas das reuniões anteriores e dar informações do quadro que se encontrava o acidente. O Capitão de Fragata fez uma apresentação da arquitetura do navio e da sua carga estimada. Também informou que estavam sendo recebida pela Capitania relatórios diários da empresa que estava realizando as atividades de preparação de equipamento, mergulho e retirada dos escombros do navio. O representante da Vopak questionou como estava a desinterdição do cais da Transpetro. O Capitão informou que esse cais estava interditado pela Marinha e pela APPA e que foram solicitados vários laudos técnicos que embasariam a futura liberação do cais. O Capitão solicitou a todos que recebessem uma cópia das atas das outras reuniões²¹⁵.

No dia 30 de novembro, passado quinze dias da explosão do navio *Vicuña*, ocorreu uma manifestação dos pescadores em frente à Catallini. Após a manifestação foi realizada uma reunião com representantes de pescadores e autoridades. Participaram da reunião o Capitão Gênero e Major Pombo, da Defesa Civil, Carlos Prado, Armador, Osmail, da Associação de Moradores de Amparo, Hélio, da Colônia de Pescadores de Antonina, Luciano, da Colônia de pescadores de Paranaguá e da Federação de Pescadores, Paulo Teodoro, da Associação de Moradores da Vila das Peças, o vereador Edmir, Claudemir, do IAP, Guadalupe e Lício do IBAMA, Belmiro, do Mercado de peixes, Zezo, representando o deputado Leite, dois advogados dos pescadores e representantes da seguradora P&I.

O Armador, Carlos Prado, ressaltou que ninguém queria que o acidente tivesse acontecido e que a seguradora chamada P&I estava arcando com as despesas necessárias para atender as comunidades atingidas. O vereador Edmir ressaltou a manifestação dos pescadores e informou as principais privações. Relatou que as cestas básicas resolveram em parte, mas que os pescadores precisavam pagar as suas contas. Um dos advogados dos pescadores

²¹⁴ Idem.,

²¹⁵ Ata da reunião de 19/11/2004 ocorrida nas dependências da Capitania dos Portos do Paraná. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

lembrou que além do acidente discutido naquele momento, outros já haviam ocorrido e os pescadores sempre estavam sofrendo com isso. Osmair, de Amparo, disse que além de todas as preocupações mencionadas, ele se preocupava com o cultivo de ostras em sua comunidade. Hélio, da Colônia de Pescadores de Antonina, disse se preocupava com os pescadores que tinham menos de seis meses de carteira e estavam excluídos dos benefícios. O representante do Mercado de peixes afirmou que os comerciantes encontravam-se numa situação precária, pois ninguém estava comprando o pescado e sugeriu que a imprensa devia colaborar com notícias mais positivas. Finalizou sua fala perguntando se era certo um filho de pescador passar fome²¹⁶.

Foram comentadas na reunião também as medidas de entrega de cestas básicas e a contratação de pescadores:

O Major Pombo alertou para o fato de que todos devemos ser mais práticos. Disse que a entrega de cestas básicas está acontecendo por conta dos cadastros já existentes nas Colônias de Pescadores. [...] Existem pessoas trabalhando na limpeza, outras alugando embarcações, as cestas foram duplicadas e pesam 50 kg, custando cada uma R\$ 129,66. O cadastro existente mostra que existem, aproximadamente, 4445 pescadores cadastrados (1110 em Guaraqueçaba e 975 em Antonina). Por que então não se pede ao Governador que encaminhe um ofício a COPEL, e Companhia de água para que as contas sejam abonadas? [...] Um representante da P&I disse que tem plena convicção de que o navio não tem culpa. Disse que conversaram com a Catallini, mas esta não está ajudando nas medidas para auxiliar as comunidades e nem para ajudar a mitigar os impactos, por isso achou saudável a manifestação. Disse que os pescadores precisam ser compensados e não humilhados e acha que a Catallini deveria estar presente nessa reunião²¹⁷.

O Capitão Gênero comentou sobre o lado social da contratação de pessoal da comunidade local. O representante da seguradora P&I pediu para conversar com os pescadores após a reunião²¹⁸. O Superintendente da APPA, Eduardo Requião, alertou que as contratações de prestação de serviços deveriam priorizar as comunidades locais e não pessoas de Paranaguá que não foram afetadas. O representante da seguradora P&I sugeriu aos pescadores o pagamento das faturas de energia elétrica e água enquanto persistisse a proibição da pesca, o pagamento de meio salário para todos os pescadores atingidos e o fornecimento de

²¹⁶ MEMÓRIA DE REUNIÃO COM LIDERANÇAS DOS PESCADORES PARANAGUÁ-30/11/2004. 4p., p.1. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

²¹⁷ Ibid.,p.2.

²¹⁸ Idem

um Centro de Assistência, onde profissionais conversariam com os líderes comunitários que iriam apresentar os prejuízos sofridos. O vereador Edmir relatou que iria analisar a proposta e que gostaria de vir no dia seguinte para dar uma resposta²¹⁹. O advogado da seguradora afirmou que o movimento dos pescadores foi legítimo e que souberam representar as suas comunidades, no entanto a manifestação não era mais necessária, pois o diálogo estava aberto. Afirmou que a proposta apresentada estava no limite do que a seguradora podia oferecer. Ficou combinada uma reunião para o dia seguinte. O vereador Edmir solicitou que a Catallini estivesse presente. O Capitão Gênero sugeriu que o Centro de Assistência mencionado funcionasse em conjunto com a Defesa Civil e que o vereador Edmir atualizasse o cadastro das comunidades²²⁰.

No dia 01 de dezembro, outra reunião com representantes de pescadores foi realizada. O Capitão Gênero, da Defesa Civil, lembrou o que foi acordado na reunião anterior e da proposta feita pela seguradora P&I. Luciano, secretário da Colônia Z1, representando o vereador Edmir relatou que achou a proposta “um abuso” e passou a sua fala a um advogado dos pescadores que iria dizer o que eles estavam precisando. O advogado dos pescadores citou um documento recebido pela seguradora, às 15 horas e 45 minutos:

Foi lido o item 3.7 do referido documento, pelo advogado dos pescadores, que resumindo, disse que ao mesmo tempo em que oferecem alguma coisa, tiram, ou seja, ou é indenizado ou é contratado. Quem é contratado para algum serviço não pode pleitear indenização. Julgou isso imoral²²¹.

A Defesa Civil salientou que não tinha conhecimento desse documento. O advogado dos pescadores disse que isso não era uma compensação, mas um direito, o fato de pagarem meio salário mínimo numa cota única não estava certo e que a entrega de cestas básicas também não deveria ser feita pela empresa. O Armador explicou que era a Defesa Civil que estava entregando as cestas básicas. O vereador Edmir repetiu que a proposta era um abuso. O Major Pombo confessou que essa história de proposta e contraproposta só fazia adiar a ajuda ao pescador necessitado. Edmir falou que estava falando isso para a Seguradora e não para a Defesa Civil. Helio, da Colônia de pescadores de Antonina, relatou sua preocupação com os pescadores que não tinham um ano de carteira. O Major Pombo comentou que o critério foi

²¹⁹ Ibid.,p.3.

²²⁰ Ibid.,pp.3-4.

²²¹ Memória de reunião com representantes dos pescadores 01/12/04- PARANAGUÁ,p.1. Documento disponível no IBAMA de Paranaguá.Não publicado.

estabelecido pela Secretaria da Pesca e que a entrega das cestas seguia o mesmo critério. O Major afirmou que foram entregues 2675 cestas básicas e mil cestas estavam sendo encaminhadas para Guaraqueçaba. Luiz Afonso, representando o presidente da Colônia de pescadores de Guaraqueçaba e o prefeito eleito disse que não havia recebido o documento com a proposta e que lastimava. Levin, advogado da seguradora P&I, pediu desculpas explicando que talvez a proposta não estivesse bem redigida devido a sua sobrecarga de trabalho. Luciano, da Colônia Z1, sugeriu ao Armador que as contas de luz e água estivessem embutidas num valor maior em dinheiro, pois os pescadores poderiam pagar as faturas e priorizar o uso do recurso de acordo com suas necessidades. Pediu uns minutos para os pescadores pensarem na proposta²²². O Armador concordou com o intervalo, mas antes pediu para o advogado Levin continuar sua explanação:

A advogada da Cattalini perguntou sobre a terceirização dos serviços, pois nesse tipo de terceirização poderiam ser contratadas até pessoas de Curitiba, por que tratá-las da mesma forma? O advogado Levin respondeu que o armador contrata quem ele quiser e o Eduardo complementou dizendo que não contrataram ninguém de Curitiba, mas de Paranaguá. O advogado dos pescadores comentou que dava razão ao Capitão Gênero e ao Major Pombo, que o momento agora é de discutir o fundo emergencial. É isso que tem de ser discutido. O advogado Levin disse que não gostariam de dar oportunidade e mais tarde ser acionado, é isso que a empresa não quer²²³.

Após um intervalo o Major Pombo e o Capitão Gênero intermediaram a reunião sendo que a discussão se daria entre o advogado dos pescadores e o advogado da seguradora publicamente. O advogado dos pescadores ressaltou que estes preferiam que a seguradora não pagasse as contas de água e de luz, mas que desse o dinheiro que chegaria a um valor de dois salários mínimos, com fundo emergencial e a cesta básica enquanto durasse a proibição. O advogado da seguradora perguntou a estimativa de quantos pescadores seriam beneficiados. O Major Pombo respondeu que 4411 pescadores recebiam cestas básicas. Após um intervalo o advogado da seguradora informou que a Cattalini pagaria metade das despesas e assumiu com o número de pescadores informados, um salário mínimo de fundo de emergência isentando eventuais deduções. Os pescadores pediram um intervalo para pensar e aceitaram a proposta, ressaltando que queriam discuti-la novamente no início de janeiro. O Secretário da Pesca, Jackson, informou que os que tinham menos de seis meses de carteira seriam beneficiados

²²² Ibid, p.2.

²²³ Ibid.,p.3.

com o seguro desemprego devido à emergência. O vereador Edmir afirmou que em Pontal os pescadores também foram prejudicados, mas lá não havia saído a Instrução Normativa. O Secretário da Pesca afirmou que estava estudando uma forma de mudar a Instrução de modo que abrangesse a todos os municípios do litoral²²⁴.

Em janeiro de 2005, o *Jornal do Litoral Paranaense* trazia a notícia informando que a empresa Catallini estava realizando a distribuição voluntária de 4411 cestas básicas para todos os pescadores cadastrados prejudicados na explosão do Navio *Vicuña*²²⁵. Em fevereiro de 2005 foi noticiado que a empresa Catallini propôs um acordo com os pescadores de Pontal do Paraná e Shangrilá. De acordo com a notícia, cada pescador associado receberia R\$ 1.000,00 como indenização por perdas e danos referentes ao desastre²²⁶. Em abril de 2005, o jornal relata que estavam chegando a Ponta do Poço a parte do navio *Vicuña* que estava submersa na Baía de Paranaguá. O chefe do escritório do IAP, Sebastião Carvalho, relatava na notícia que após quatro meses de trabalho as áreas afetadas pelo desastre estavam recuperadas graças ao empenho e dedicação da Defesa Civil, do IAP, do IBAMA e da Capitania dos Portos²²⁷.

Em abril de 2005, foi publicado o *Relatório Inicial do Navio Vicuña* realizado pelo CEM-UFPR²²⁸. O objetivo do documento era avaliar o impacto do derramamento de óleo *bunker* e diesel no Complexo Estuarino da Baía de Paranaguá. Uma das considerações presente ao longo do texto é que o impacto ambiental ocasionado por um derrame de óleo bruto e óleo *bunker* poderia permanecer por várias décadas nos sedimentos e ambiente aquático²²⁹. Na caracterização da área de estudo, o documento traz seções apresentando o meio físico, a flora e a fauna afirmando que na Baía de Paranaguá e no entorno da cidade existe um terminal de cargas, o Porto de Paranaguá e atividades humanas que causam impactos na região. Por conta dos impactos provenientes da ação antrópica, os pontos de coleta amostrados no estudo foram escolhidos em áreas de mangue e marisma preservados e que foram diretamente atingidas pelo derramamento de óleo²³⁰. De acordo com o relatório:

²²⁴ Ibid., p.4.

²²⁵ Começa a chegar ajuda aos pescadores prejudicados com a explosão do navio chileno. **Jornal do Litoral Paranaense**, 14 janeiro de 2005, ed. 17, p.3.

²²⁶ Catallini propõe acordo aos pescadores pontaleses. **Jornal do Litoral Paranaense**, Pontal do Paraná e Matinhos, 3 de fevereiro de 2005 ed. 18. p. 8.

²²⁷ Destroços que estavam submersos chegam a Ponta do Poço para ser desmontados. **Jornal do Litoral Paranaense**, Pontal do Paraná e Matinhos, 22.abr. de 2005 . p. 3.

²²⁸ Relatório inicial do navio *Vicuña*. **Avaliação da contaminação por hidrocarbonetos de petróleo nos sedimentos, peixes, ostras, siris e caranguejos da região afetada pelo acidente do navio Vicuña na Baía de Paranaguá...** de 12 de abril de 2005. Anexo 78 do Laudo do *Vicunã* .p.7.

²²⁹ Idem.,

²³⁰ Ibid.,p.9.

Na Baía de Paranaguá, no entorno da cidade de Paranaguá existe um terminal de cargas, que possui um intenso movimento de navios ao longo do ano. Além da presença do porto, a cidade de Paranaguá sofre com problemas decorrentes da urbanização. [...] Neste estudo, nenhum dos pontos amostrados nessa baía sofre efeito direto da cidade e do porto de Paranaguá. Os pontos de coleta utilizados ficam em uma área de mangue e marisma bastante preservada, atingida diretamente pelo derramamento de óleo, ainda presente no sedimento e na vegetação de mangue e marisma²³¹.

A amostragem e resultados do relatório classificou os níveis de contaminação em alto, médio e baixo (Ver Figura 4).

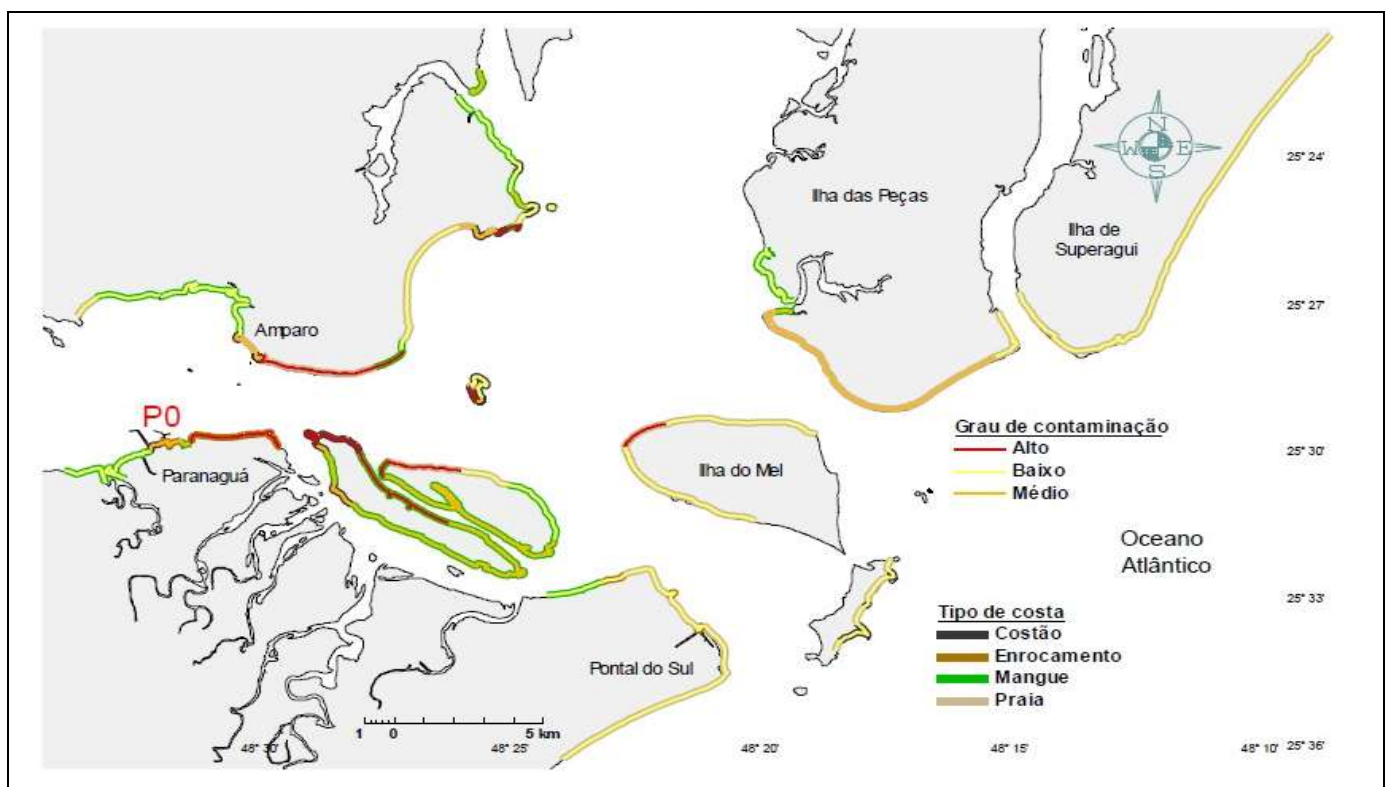


Figura 4- Grau de contaminação conforme o tipo de costa.

Fonte: Relatório Inicial do Navio *Vicuña*. **Avaliação da contaminação por hidrocarbonetos de petróleo nos sedimentos, peixes, ostras, siris e caranguejos da região afetada pelo acidente do navio *Vicuña* na Baía de Paranaguá...** de 12 de abril de 2005. Anexo 78 do Laudo do *Vicuña*. p.31.

O P0 referenciado no mapa se refere ao ponto zero onde ocorreu o acidente, ou seja, no terminal de inflamáveis da Catallini. Cabe observar na mesma figura que em Amparo o

²³¹ Ibid., p. 44.

nível de contaminação por óleo foi considerado como alto. De acordo com o relatório nas espécies de bagre, os resultados permitiam dizer que no curto prazo poucas alterações morfológicas puderam ser constatadas²³². No que dizia respeito às aves, foram encontradas aproximadamente uma dúzia de exemplares vivos cobertos por óleo. Também foram coletados exemplares de aves mortas exibindo contaminação aguda por óleo²³³.

Em maio de 2005, foi publicado o Laudo técnico do acidente do navio *Vicuña* que trazia uma compilação e avaliação dos principais impactos causados pela explosão do navio. De acordo com o laudo o navio *Vicuña* chegou às águas brasileiras com 15.700,97 toneladas de metanol embarcadas no Porto de *Punta Arenas* – Chile, em 06/11/2004. A primeira parada do navio foi no Porto de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, onde foram descarregadas aproximadamente 4.470 toneladas de metanol. Sua segunda parada foi no Porto de Paranaguá, onde iria descarregar as 11.226,521 toneladas restantes. A Cattalini, empresa responsável pelo recebimento da carga, informou que foram descarregadas 7.147,288 toneladas, restando a bordo 4.079,233 toneladas no momento da explosão. Por ser o metanol um composto inflamável, altamente volátil e explosivo, todo o produto do navio queimou-se, ou diluiu-se na água do mar nos primeiros dias após o acidente. Sendo assim, nenhuma quantidade desse material foi recuperada durante os trabalhos de salvatagem²³⁴.

Outras informações presentes no laudo são referentes às principais substâncias envolvidas e os principais vazamentos ocorridos. Além de metanol havia no navio *Vicuña* óleo combustível pesado (*bunker*), óleo diesel marítimo e óleos lubrificantes. Foram os óleos combustíveis e lubrificantes os principais causadores dos impactos ambientais²³⁵. Aproximadamente 170 Km de costa foram atingidos pelo óleo. Foram realizadas diversas notificações e autos de infração do IBAMA às empresas que deixaram de adotar as medidas de contenção e precaução do vazamento de óleo. Foram notificadas as empresas Catallini, Wilson Sons, Sociedade Naviera Ultragás, Alpina Briggs Defesa Ambiental, Smit.

No laudo são dedicadas diversas seções que caracterizam o meio físico, biológico e o meio socioeconômico das áreas atingidas pelo vazamento. Na caracterização do meio socioeconômico é realizada uma introdução histórica descrevendo a pré-história de

²³² Ibid., p.41.

²³³ Ibid., pp.97-8.

²³⁴ Laudo técnico do acidente do navio *Vicuña*, ocorrido em Paranaguá no dia 15 de novembro de 2004. IBAMA/IAP, maio de 2005. p.6.

²³⁵ Ibid., p.1-2.

Paranaguá, o povoamento e os costumes da atual população²³⁶. Foram diretamente afetadas pelo acidente 37 comunidades do município de Paranaguá, Guaraqueçaba e Pontal do Paraná. Todas essas comunidades sobrevivem da pesca, existindo pescadores que comercializam os pescados até aqueles que apenas os consomem²³⁷.

Na seção *Conflitos sociais e pesca*, são apresentados os conflitos em decorrência da Instrução Normativa Conjunta IBAMA/IAP nº 025/04 que proibiu a pesca e a coleta de organismos aquáticos nas baías de Paranaguá e Guaraqueçaba. De acordo com o laudo, o fato de os pescadores não poderem exercer sua atividade econômica trouxe uma série de conflitos. Foram realizadas a entrega de cestas básicas e o pagamento de um seguro desemprego emergencial, entretanto em relação ao seguro emergencial, até que todos os trâmites burocráticos fossem vencidos, os grupos afetados passaram por grandes privações. Nem todas as famílias receberam as cestas básicas, pois foi essa uma estratégia para atender somente os pescadores ativos. A empresa Catallini e a seguradora P&I ofereceram o pagamento de um salário mínimo emergencial para os pescadores. Em relação a isso, somente a Cattalini pagou meio salário mínimo, pois como os pescadores entraram na justiça contra a P&I Club, esta se viu impedida de efetuar os pagamentos até a retirada das ações ajuizadas²³⁸.

Nas conclusões o laudo indica que o acidente ocasionou impactos de curto, médio e longo prazo. Entre as espécies de fauna atingidas, destacam-se as tartarugas marinhas, os peixes, crustáceos como o caranguejo-uçá e as cracas de pedra e, entre os moluscos, as ostras, mexilhões, bacucus e berbigões. A contaminação decorrente do derramamento de óleo causou a proibição da pesca, o que trouxe prejuízos diretos para a atividade pesqueira. Os planos de emergência do porto e das empresas que nele operam não se mostraram adequados ao atendimento de emergências. As ações de contenção do óleo derramado foram insuficientes. Os estudos e avaliações realizados até o momento não eram capazes de avaliar a totalidade dos impactos sobre o ambiente na região, o que exigiria estudos complementares em longo prazo²³⁹.

²³⁶ Ibid., p.42.

²³⁷ Ibid.,p.54.

²³⁸ Ibid., p.55.

²³⁹ Ibid. p. 65.

2.4 AS LEMBRANÇAS DO DESASTRE

Olha aquele, aquele quando explodiu nós estávamos assistindo assim em casa, parece que era uma novela das seis, não sei, e foi na boquinha da noite. Aí nós escutamos aquele barulho bum, foi um grande barulho, daqui a pouco veio outro estalo. Nós saímos pra fora para ver deu outro estouro, chegou até a dar uma tremida aqui. Nós só olhamos pra lá tava aquele fogo lá. Aquilo foi um desastre, o óleo foi demais e um óleo preto assim, um óleo queimado. Meu pai do céu, a rede quem tinha rede, a tarrafa assim que deixa na água acabou com tudo aquele. Olha Deus o livre, todo mundo ficou com medo, porque se o vento fosse de lá pra cá, da cidade pra cá é até perigoso [...] Foi muito feio demais. Ah aquilo ali morreu muito peixe demais, porque muita gente tinha salvado até garoupa, dessas garoupas mortas assim ó, tudo com o espinhaço pra fora já assim, porque com o arrebento que dá né e foi a gente que acho o pescado. [...]até hoje pega, se pega um assim uma enxada, alguma coisa assim que você cavouca depois que a maré tiver assim seco, assim a maré baixa, o cavouca assim já começa a sai o óleo de baixo da areia ainda. Aquilo ali nunca se seca, aquilo ele fica sempre úmido, já que a água enxuga o óleo ali. Até esses tempos tinha marca ali no, acho que ainda tem a marca ali no trapiche ainda ali. Foi muito feio demais meu Deus²⁴⁰.

O relato acima foi exposto pelo pescador José Paulo Honório Silva. Zé descreve os barulhos, tremores, o pânico, a imagem do fogo, do óleo preto e queimado, de um óleo preto cujos vestígios ainda podem ser encontrados. Sua lembrança traz o lado vivido, algo que não aparece nos documentos *oficiais*. A palavra que Zé usa para descrever o que viveu é desastre e não acidente. O objetivo da presente seção é trazer as lembranças que os pescadores de Amparo têm do desastre ambiental provocado pelo acidente do Navio *Vicuña*. Suas lembranças nos permitem explorar o lado mais humano, e importante para compreendermos como os pescadores sentiram e vivenciaram o acidente em questão.

Ah no dia do acidente foi uma noite né, numa noite e o pessoal ficaram um pouco assustado pela explosão do navio e depois da explosão do navio prejudicou um pouco a pesca do pescador né. Daí o pescador parou, não pescou por um tempo determinado e nós sofremos com o acidente também né. No dia o pessoal, no momento ficou um pouco em

²⁴⁰ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

*pânico né, porque o pessoal nunca tinha visto aquela explosão alta e forte e foi um pouco depois*²⁴¹.

*Foi feio, aquele navio ali, eu estava na janela ali, ali na janela da minha casa ali né de madeira. O navio estourou lá, estourou de tarde parece, parece que foi de tarde, fazia assim na janela, tremeu a janela, meu caramba. Sei que o navio ficou a noite inteira aí a turma tirando que tinha corpo, os corpos que estavam que morreu um ou dois parece e para acudir o navio né, pra não pegar fogo no cais ali né na Petrobras né, acudiram o navio. Eles vieram aqui, vieram, passou no jornal né, tinha passado no jornal na rádio tudo. Aí parou a pesca um mês e deram uma cesta básica também pro pessoal, eu não peguei. [...] O óleo é uma coisa que cai na água mata qualquer coisa né. O óleo do navio, do tanque do navio não é nada, o ruim é o óleo de dentro do motor né, o preto, o óleo preto que não pode deixar uma embarcação ali. A canoa que nem aquele ali branco se vem o óleo preto ali, já fica ruim, já mancha tudo a canoa*²⁴².

*Ah, fiquei assustado com aquela explosão aí, olha é mudou muito né, o peixe né, porque aluiu muito aí o mar com a explosão*²⁴³.

*Esse, nós vimos aqui, deu aquele negócio de estouro, depois veio àquela fumaceira que pegou o Rocio inteiro lá, ficamos com medo daquilo ali. Invadiu tudo o óleo aqui também, do óleo né que estourou e foi bem perto na frente do Rocio. Fiquei com medo, meu Deus do céu vai acontecer alguma coisa né com esse negócio da Petrobras, lá né. Aconteceu que o peixe parou que não pudemos pescar mais, vinha esse dinheiro que era pra vim pra nós e até agora não apareceu. O peixe parou, morria peixe por tudo por aí atravessado pela praia se encontrava por aí na praia, cada peixe morto por aí bagre*²⁴⁴.

*Eu lembro que nós passamos aí na vida né, ficamos sem trabalhar né, parou tudo, parou tudo a pescaria [...], ficamos dois, três meses sem trabalhar, esse óleo que derramou aí no mar aí e ficamos parados*²⁴⁵.

As primeiras referências que os entrevistados trazem ao lembrar-se do acidente é o que estavam fazendo no momento em que ele ocorreu. Referências aos barulhos das

²⁴¹ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011.

²⁴² Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. Josias nasceu em 28 de janeiro de 1973 tem atualmente 41 anos de idade.

²⁴³ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

²⁴⁴ Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Maria nasceu em 8 de junho de 1948 e tem atualmente 66 anos de idade. É aposentada há 11 anos.

²⁴⁵ Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amilton tem atualmente 74 anos de idade. É aposentado há 10 anos.

explosões, as imagens do navio em chamas e do óleo preto são lembradas com detalhes. De acordo com Michael Pollack, nas lembranças mais próximas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores²⁴⁶. Outro aspecto que observamos nos entrevistados foram as diferentes entonações nas suas falas e as suas expressões corporais conforme relatam. Henri Bergson afirma que se tratando da lembrança, o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado, tais quais as atitudes em que o passado irá se inserir, ou ainda pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções. Esse aspecto irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o presente, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida²⁴⁷. Talvez por isso as pessoas troquem de expressão diante de uma lembrança traumática, aumentem o tom de voz, tente reproduzir os gestos, ou mesmo fiquem em silêncio diante de determinadas lembranças. Acreditamos ser esse um dado importante, pois foram observadas variações nas falas, nas expressões faciais e corporais dos pescadores quando questionamos aos pescadores a lembrança que tinham do acidente.

As lembranças dos pescadores não trazem a data, ou horário no qual o acidente ocorreu. Josias lembra que estava na janela de sua casa e que esta tremeu quando ocorreu a explosão. Zé lembra que estava assistindo a novela das seis e *era na boquinha da noite*. Quando questionamos a respeito da paralisação da pesca outros elementos também surgem nas suas lembranças:

Olha eu acho que, que eu me lembre mesmo, que eu me lembre bem, só que mandaram foi o povo no mar pra um servicinho que até foi Maíco aqui que era o presidente, que nós tava sem ganha nada aí que arrumo, que daí arrumou um servicinho pra turma trabalharem lá né. Estavam pagando pra por as proteções, pra não passa óleo, vaza óleo. Depois de uma semana, uma semana quase que vieram com uma cesta básica aí pra dá pro pescador. Olha a proibição da pesca, eu só sei que proibiram e o único dinheiro que nos fomos pegar foi a primeira vez que fizeram aí pra paga seiscentos reais, depois de não sei quantos dias que deram mais novecentos reais só [...] Olha aquele ali ficou vazando óleo e o vazamento sempre ficou assim né, aí mais ou menos a turma veio duas, três vezes pra vim com cesta básica e agora o pescador vai viver com o que, pagar a luz né, pagar a luz, uma

²⁴⁶ POLLACK, op.cit., p. 11..

²⁴⁷ BERGSON, op. cit., pp.263-4.

coisinha e outra para comer, para fazer? Não tinha como, o pescador fazia isso aí, mas ficou tempo o óleo vazando aqui, fico mais de mês que ficou assim. Ficaram tudo parado né, ficou um, ficou tudo eles, mesmas coisas de um, ficaram todos eles. Ainda mais aqui que é perto né aqui Amparo, Piaçaguera, Eufrasina os lugares mais perto da região, mais perto por aqui né, atingiu tudo aqui, foi demais. Aqui foi na cara, que tipo o vento de lá pra cá, tudo a maré traz o óleo, quando a maré cresce e baixa assim, isso foi muito feio demais²⁴⁸.

Foi um impacto bem, bem prejudicial ao pescador né, bem prejudicial. Foi determinado os dias bom aí, no mínimo um mês, um mês e meio por aí [...]. A Catallini especialmente nos mandou uma cesta básica e nós trabalhamos aí um mês na coleta do óleo né, porque o óleo encostou muito aqui na costa, não só aqui em Amparo mais em todas as ilhas, encostou e trabalhamos pra Petrobras e pra Catallini um mês só. [...] teve alguns peixes mortos e ficou tudo, foi tudo sempre, foi um lado ruim pro pescador, pro pescador como eu já citei, já ficou uns dias parado e morreu muitos peixes também na explosão. Eu acho que não teve nenhum órgão que envolvesse somente o pessoal da Catallini mesmo, a Catallini e a Petrobras que faz parte do ramo do serviço. E diferenciou bastante, diferenciou bastante, porque o óleo é um produto, que ele mata, não mata só peixe como mata os moluscos né, a ostra, o bacucu, o siri tudo as criações do mar ele prejudica, ele mata e aniquila com a poluição do óleo. Dificultou bastante, porque fracassaram os peixes e os moluscos também ficaram²⁴⁹.

Teve ajuda né, eles deram cesta básica aí, maioria também tinha uma quirerinha guardada que foram mantendo né. E nós também ajudamos muito, porque pegaram o pescador para trabalhar lá né, maioria, eu não, porque eu tava aposentado, mas quem tinha embarcação lá ganhou, porque eles pegaram para ficar lá²⁵⁰.

Os representantes de Colônias de pescadores também relatam suas lembranças do acidente de 2004:

Em 2004 nós tivemos é que foi o Vicuña né, a explosão do navio Vicuña no inflamável, a explosão do Vicuña. [...] E aí a Colônia de pesca junto com a Federação procurou aí conversar com os filiados, fazer através de assembleia geral e entramos com as ações aí que até hoje tá tramitando e muitos pescadores estão recebendo já. [...] fizemos algumas manifestações, depois, depois que nós fizemos, fizemos com ações, começou a

²⁴⁸ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

²⁴⁹ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011.

²⁵⁰ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

*demorar muito, a gente começou a fazer manifestações, fechamos estrada né, BR 277 e fizemos, fechamos ali a Catallini por algum momento, também por último fechamos a Petrobras por algumas horas também*²⁵¹.

*Em 2004, ela representou, conseguimos, arrumamos advogados né, que até hoje ainda estão nessa causa e a favor da indenização, porque nós perdemos muito peixe na época foi de tonelada se você ver foi filmado [...] Aí nos entramos com uma ação para pegar indenização né, porque o povo tava passando muita fome na verdade, a verdade é essa aí, tava passando necessidade mesmo, passando fome. E conseguimos em 2007 por aí, agora do outro que tiveram vários não foi só um, nessa época foram vários em seguida. Em 2001 teve esse de óleo derramado que foi o da Serra do Mar esse foi o estrago mesmo pro pescador, teve o Vicuña que foi outro estrago [...] que estourou o casco do navio e derramou muito óleo e matou muito peixe. Então pra nós foi demais, foi o desastre que até hoje nós não conseguimos voltar ao que era e não sei quantos anos vai levar para voltar ao que era*²⁵².

As lembranças apresentadas trazem a vivacidade de detalhes descrevendo o acidente, as relações durante o período de paralisação da pesca, as medidas emergenciais, as mudanças e impactos que o vazamento de óleo causou. Não devemos deixar de considerar que estas lembranças podem ser seletivas e reinterpretadas pelas motivações presentes. A pescadora Maria ao lembrar-se do acidente começa relatando os barulhos da explosão, as imagens da fumaça e logo depois relata que o peixe parou *e que vinha esse dinheiro que até agora não apareceu*. O pescador Zé diz que até os dias atuais é possível encontrar vestígios do óleo preto no trapiche. De acordo com Ecléa Bosi a mente muitas vezes remodela a experiência em categorias cheias de sentido úteis para o presente. Um desejo de explicar atua sobre o presente e o passado integrando esquemas pelo qual a pessoa norteia sua vida²⁵³. Os pescadores se lembram do acidente com os olhos atuais quando citam que perceberam mudança no mar, que perceberam diferenças após a poluição de óleo e que ainda não receberam as compensações do acidente. Por que os pescadores de Amparo constroem suas lembranças assim?

De acordo com Pollack, as lembranças transmitidas em estruturas de comunicação informal passam despercebidas pela sociedade englobante. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é reconhecer até que ponto o

²⁵¹ Edmir Manoel Ferreira. Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 15/05/2012.

²⁵² José Felipe da Silva Neto, ex presidente da Colônia Z2 de pescadores de Guaraqueçaba. Guaraqueçaba. Entrevista concedida a autora em 26/07/2013. José nasceu em 11/11/1952, tem atualmente 61 anos.

²⁵³ BOSI, op. Cit., pp. 415-6.

presente colore o passado. Conforme as circunstâncias ocorrem à emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou a outro aspecto. As lembranças de guerras ou de grandes convulsões internas remetem sempre ao presente, reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido²⁵⁴. Se por um lado existe a reinterpretação da lembrança, é este mesmo aspecto que ajuda a compreender como os pescadores de Amparo vivenciaram o acidente. Alistair Thomson afirma que muitos praticantes da história oral deixaram de perceber e considerar as razões que levavam os indivíduos a construir suas memórias e não perceberam que o processo de relembrar é um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. A pluralidade de versões do passado pode ser um recurso, além de um problema²⁵⁵. Não devemos esquecer nesse processo que os pescadores são interdependentes e formam entre si uma configuração social com diferenciais de poder, hierarquias e disputas. Pensando em tais reflexões, é possível afirmar que a posição que um indivíduo ocupa na configuração social pode influenciar na maneira como esse constrói sua lembrança do acidente. Podem também existir divergências e similaridades entre as versões construídas pelos documentos do acidente e as lembranças dos pescadores e de presidentes de Colônia. Por fim, pensando nas construções de tempo existentes nas lembranças, podemos afirmar que os pescadores quando se lembram do acidente constroem uma percepção do pós-acidente.

²⁵⁴ POLLAK, op.cit., pp.9-10.

²⁵⁵ THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. AMADO, J; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.67.

CAPÍTULO III: O RELATO, O ESCRITO, O VIVIDO: AS MUDANÇAS VIVENCIADAS APÓS O DESASTRE DE 2004.

3.1 AS DIFERENTES VERSÕES

Na presente seção apresentamos as diferentes versões do acidente do Navio Vicuña e suas construções. As primeiras fontes discutidas são as atas das reuniões nas quais autoridades, representantes de institutos e empresas envolvidas com o acidente discutiram e chegaram num consenso em torno das ações e atividades a serem tomadas. Devemos esclarecer que as atas de reuniões, as atas das *memórias de reunião com representantes dos pescadores* e o relatório inicial são tratados de forma resumida no Laudo Técnico de 2005. Contudo, há informações nos documentos originais importantes para serem discutidas, lembrando também que muitos desses documentos não foram publicados e seu acesso só foi possível através de consulta e disponibilização pelo IBAMA de Paranaguá.

As atas das reuniões emergenciais, ocorridas nos dias 15, 16, 17 e 19 de novembro de 2004, trazem as decisões e as atividades que foram desenvolvidas logo após o acontecimento do acidente. A questão ambiental foi levantada por várias autoridades. Dessas reuniões saiu o *Pre Release* com as principais informações a serem divulgadas na imprensa, dentre as quais como reiterou o superintendente da APPA, aquela conforme a qual o acidente não aconteceu no Porto de Paranaguá, mas num terminal privado e que deveriam ser imputadas responsabilidades aos culpados pelo acidente²⁵⁶. Cabe lembrar que em todas as reuniões realizadas apenas uma representante da Secretaria de Saúde alertou para o consumo de organismos aquáticos na área afetada pelo vazamento de óleo. Além dessa manifestação, as autoridades presentes não mencionaram os grupos humanos afetados.

As notícias de jornais intituladas *Quatro Mortes na Explosão em Paranaguá*, *Dois Mortos na Explosão em Paranaguá*, *Navio chileno explode no Porto de Paranaguá* trazem um resumo do acidente com informações indicando a morte de tripulantes, o susto e pânico o

²⁵⁶ Atas da reunião de 15/11/2004 e 16/11/2014 ocorridas nas dependências da Capitania dos Portos do Paraná, em Paranaguá, com representantes de diversos órgãos públicos e empresas. Disponíveis no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

da população que estava acompanhando a festa no Santuário do Rocio e a poluição que atingiu uma grande extensão da baía de Paranaguá. Cabe notar que algumas notícias trazem informações que estão presentes nas atas de reuniões. A redação do jornal *Estado do Paraná* traz o comentário do superintendente da APPA, Roberto Requião, que enfatizava que o acidente nada tinha a ver com o porto por ter ocorrido em um cais privado²⁵⁷. A notícia do *Jornal do Litoral Paranaense* traz o relato do Corpo de Bombeiros, da Guarda Portuária e do Secretário do Meio Ambiente. Na mesma notícia há uma ressalva de que a Secretaria da Pesca iria criar um seguro para os pescadores da Baía de Paranaguá²⁵⁸. Já as notícias posteriores do *Jornal do Litoral Paranaense* tratam da ajuda aos pescadores, do acordo entre a Colônia de Pescadores de Pontal do Paraná e a empresa Catallini e dos trabalhos de monitoramento realizado pelas equipes da Defesa Civil, Capitania dos Portos, IAP e IBAMA²⁵⁹. Não encontramos nenhuma notícia na qual houvesse depoimentos de pescadores atingidos pelo acidente.

As memórias de reuniões com representantes dos pescadores são atas dos encontros que foram realizados entre representantes de pescadores e autoridades. Cabe ressaltar que essas reuniões só ocorreram após uma manifestação. As reuniões são conduzidas pelos representantes dos pescadores que, de início, tratam das principais privações vividas por eles. Na reunião do dia 30 de novembro de 2004, o advogado da seguradora P&I afirmou que cobriria as despesas das comunidades atingidas, propondo inicialmente o pagamento de meio salário mínimo e de cestas básicas. Outro fator de discussão foi em torno da contratação de trabalhadores de Paranaguá para as atividades de limpeza e de colocação de barreiras. O superintendente da APPA sugeriu que a contratação priorizasse os pescadores afetados. Na segunda reunião o processo de negociação foi mediado entre o advogado dos pescadores e o advogado da seguradora P&I. Em vários trechos a seguradora deixa subentendido que pagaria meio salário mínimo aos pescadores se estes não entrassem com ações contra a empresa. Foi acordada que a seguradora P&I e a empresa Catallini iriam pagar um salário mínimo dentro do universo pescadores cadastrados nas Colônias e cestas básicas enquanto

²⁵⁷Redação O Estado do Paraná. Quatro Mortos na Explosão em Paranaguá, **O Estado do Paraná**. Curitiba. 16/11/2004. Acesso em: 13 mai/ 2010. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/100951/?noticia=QUATRO+MORTES+NA+EXPLOSAO+EM+PARANAGUA>

²⁵⁸ Navio chileno explode no Porto de Paranaguá. **Jornal do Litoral Paranaense**. Pontal do Paraná e Matinhos, 18 de Nov. 2004, n. 14, ano 1. p.2.

²⁵⁹ Destroços que estavam submersos chegam a Ponta do Poço para ser desmontados. **Jornal do Litoral Paranaense**. Ed.. 22. Abril de 2005 p. 3.

durasse a proibição da pesca. O Secretário de Pesca compareceu à reunião e informou que seria pago um seguro desemprego emergencial que também beneficiaria os pescadores com menos de seis meses de carteira e os pescadores de mar aberto²⁶⁰.

O relatório inicial do acidente nas suas 202 páginas de texto, tabelas e gráficos, trata os grupos humanos que ocupam o espaço do Complexo Estuarino da Baía de Paranaguá como causadores de impactos. O mesmo documento em um dos seus trechos afirma que muitos dos locais de amostragem do estudo foram selecionados em áreas consideradas preservadas²⁶¹. O relatório conclui em vários momentos que deveria ocorrer um monitoramento de curto e de longo prazo na área atingida, contudo, o mesmo não demonstra como o monitoramento de longo prazo iria ser realizado.

O Laudo Técnico do acidente do navio *Vicuña*, publicado em maio de 2005, compila vários dados de documentos expedidos e realizados ao longo das atividades do acidente. Como mencionamos é realizada uma caracterização do meio sócio econômico apresentando um histórico, as características da população e suas atividades econômicas. O laudo enfatiza em vários momentos que a pesca é a principal fonte de renda dos pescadores²⁶². Na seção voltada ao dimensionamento dos impactos, ressalta que 37 comunidades pesqueiras foram diretamente atingidas. Contudo, quando trata dos impactos causados aos pescadores só menciona os conflitos e as negociações. Algo que não fica claro no laudo, mas que aparece nas *memórias de reuniões com representantes dos pescadores* é o processo de negociação entre os representantes dos pescadores e a seguradora P&I. A única ressalva presente é que a seguradora P&I se viu impedida de pagar meio salário aos pescadores até que fossem retiradas as ações ajuizadas²⁶³. Outra informação que não fica clara é que somente após uma manifestação pública que as autoridades decidiram se reunir com os representantes de pescadores. Uma das conclusões presentes no laudo é que o monitoramento ambiental no longo prazo seria importante para se ter o real dimensionamento dos impactos causados pelo acidente, contudo tal questão é afirmada apenas como conclusão, não existindo um planejamento ou menção de como essa avaliação seria feita ou quem iria avaliar.

²⁶⁰ MEMÓRIA DE REUNIÃO COM REPRESENTANTES DOS PESCADORES PARANAGUÁ- Dias 30/11/2004 e 01/12/2004. Disponível no IBAMA de Paranaguá. Disponível no IBAMA de Paranaguá. Não publicado.

²⁶¹ Relatório Inicial do Navio *Vicuña*., op. cit., p.9.

²⁶² Laudo técnico do acidente do navio *Vicuña*, .op. cit., p.55.

²⁶³ Idem.

As lembranças dos pescadores nos trazem o lado mais humano tratado até então de maneira distanciada pelos documentos. Suas lembranças descrevem com detalhes a proibição da pesca, a contratação de pescadores, a entrega de cestas básicas, a morte de peixes e as mudanças observadas na pesca. De acordo com Pollack, na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente imutáveis em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida. Há nessas voltas algo de invariante ou ainda elementos considerados como constitutivos da memória, individual e coletiva. Tais elementos são os acontecimentos, as pessoas e os lugares que podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, ou seja, empiricamente fundados em fatos concretos²⁶⁴. Devemos ressaltar que os elementos *variantes* e *mutáveis* observados nas lembranças dos pescadores são também importantes para compreendermos como eles vivenciaram o acidente. O exemplo dado por Ecléa Bosi nos parece bastante oportuno neste momento. A autora propõe imaginar a situação na qual um arqueólogo está querendo reconstituir um vaso antigo a partir de pequenos fragmentos. Seria necessário mais que atenção aos cacos, seria preciso compreender o sentido que o vaso tinha, o significado que tinha para o povo que pertenceu, a função que desempenhava na vida das pessoas. Seria preciso ouvir o que já não é audível e então iria se recompor o vaso e conhecer se ele foi doméstico, ritual ou floral²⁶⁵.

Observamos nas entrevistas alguns elementos que apontam para diferenças nas versões dos pescadores:

*Foi feio, aquele navio ali, eu estava na janela ali, ali na janela da minha casa ali né de madeira. O navio estouro lá, [...] Eles vieram aqui né, vieram, passou no jornal né, tinha passado no jornal na rádio tudo né, aí parou a pesca um mês e deram uma cesta básica também pro pessoal, eu não peguei. [...] o mais atingido foi aqui, eles pegaram o arranhador, enxada e limparam as praias. [...]*²⁶⁶.

No contexto do acidente o pescador Josias do Rosário estava aposentado, contudo pescava para se alimentar. Josias começa seu relato dizendo em primeira pessoa como ele se lembra do acidente e conforme vai relatando utiliza o pronome *eles* provavelmente se referindo a entrega de cestas básicas e a contratação de pescadores para trabalhar na limpeza

²⁶⁴ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 201.

²⁶⁵ BOSI. op. Cit., p. 414.

²⁶⁶ Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011. Josias nasceu em 28 de janeiro de 1973 tem atualmente 41 anos de idade.

e colocação de barreiras. No trecho no qual relata a entrega das cestas básicas afirmando que ele não recebeu.

Gilberto Gonçalves do Rosário também estava aposentado no contexto do acidente:

Ah fiquei assustado com aquela explosão aí, olha é mudou muito né, o peixe né, porque aluiu muito aí o mar com a explosão. [...] E nós também ajudaram muito, porque, mas quem tinha embarcação lá ganhou, porque eles pegaram para ficar lá²⁶⁷.

Gilberto começa relatando a sua percepção do acidente e conforme se lembra de contratação dos pescadores, afirma que *pegaram o pescador para trabalhar lá né, maioria, eu não, porque eu estava aposentado*. Podemos afirmar que no contexto do acidente houve uma diferenciação entre os pescadores aposentados e os pescadores considerados *ativos*. As medidas emergenciais, ou seja, a contratação de pescadores e a entrega de cestas básicas excluíram aqueles que apesar de aposentados ainda pescavam para se alimentar. Outra questão observada refere-se aos pescadores que estavam aposentados no contexto do acidente, mas que não praticavam mais a pesca para se alimentar.

Maria Santos do Rosário também estava aposentada no contexto do acidente:

Aconteceu que o peixe parou que não pudemos pescar mais, vinha esse dinheiro que era pra vim pra nós e até agora não apareceu²⁶⁸.

Devemos lembrar que a pescadora Maria é aposentada há 11 anos. A mesma relatou que não realizava mais a atividade de pesca devido a suas limitações físicas. Um dos elementos constitutivos da memória individual e coletiva são os acontecimentos. Em primeiro lugar são os acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo lugar são os acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não²⁶⁹. Os pescadores aposentados foram excluídos das medidas emergenciais, contudo visualizaram a paralisação da pesca e outras relações na *ilha*, entre os familiares e vizinhos. Podemos supor que a pescadora Maria relata a paralisação da pesca a partir do que observou entre os familiares e vizinhos.

²⁶⁷ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Gilberto nasceu em 15 de agosto de 1950, tem atualmente 63 anos de idade.

²⁶⁸ Maria Santos do Rosário. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amparo Paranaguá. Maria nasceu em 8 de junho de 1948 e tem atualmente 66 anos de idade. É aposentada há 11 anos.

²⁶⁹ POLLACK, 1992, op. cit., 201.

Entre os pescadores que estavam *ativos* no contexto do acidente e receberam as *medidas emergenciais* também conseguimos identificar algumas questões:

Olha eu acho que, que eu me lembre mesmo, que eu me lembre bem, só que mandaram foi o povo no mar pra um servicinho, que até foi Maíco aqui que era o presidente que nós tava sem ganha nada, aí que arrumou, que daí que arrumou um servicinho pra turma trabalharem lá né, estavam pagando para pôr as proteções para não passar óleo, vazar óleo, depois de uma semana uma semana quase, que vieram com uma cesta básica aí pra dá pro pescador. [...]. Olha pra nós aqui não veio só o que veio pra nós não teve nada, que veio foi só a cesta básica, o resto ninguém, ninguém, não teve ninguém daqui. Veio a Defesa Civil e veio a Petrobras né pegar o nome do pessoal aí, depois só veio a cesta básica, só que correram muito atrás para pegar ainda²⁷⁰.

A Catallini especialmente nos mandou uma cesta básica e nós trabalhamos aí um mês na coleta do óleo né, porque o óleo encostou muito aqui na costa, não só aqui em Amparo mais em todas as ilhas encostou e trabalhamos pra Petrobras o Catallini um mês só²⁷¹.

Zé lembra que mandaram o povo no mar pra um servicinho e que o Maíco que era o presidente que arrumou. Zé também relata que a Defesa Civil e a Petrobras pegaram o nome dos moradores. O pescador Mariano lembra que a empresa Catallini mandou uma cesta básica e que os pescadores trabalharam um mês nas atividades de coleta de óleo para as empresas Petrobras e Catallini. Correlacionando as lembranças aos documentos, identificamos através das *memórias de reunião* que o representante da associação de moradores de Amparo, Osmail, compareceu à reunião. Nas mesmas atas identificamos a discussão em torno da contratação de pescadores que estava sendo realizada pela empresa Catallini e da entrega das cestas básicas subsidiadas pela mesma empresa e entregues pela Defesa Civil. Tais questões presentes nas lembranças e nos documentos nos demonstram, primeiramente que representantes de associações comunitárias podem ter mediado as contratações de pescadores. Em segundo, que todas as medidas emergenciais durante a paralisação da pesca tomaram por base o cadastro existente nas Colônias de pescadores e na Federação. Além da exclusão dos pescadores aposentados, houve a exclusão dos pescadores que não estavam cadastrados, ou seja, quem não tinha cadastro nas Colônias de seu município não recebeu nenhuma das

²⁷⁰ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

²⁷¹ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011. Mariano nasceu em 10 de junho de 1959 e tem atualmente 55 anos de idade.

medidas emergenciais. Em relação à contratação, devemos lembrar que alguns dos *servicinhos* tinham como requisito o de ter embarcação, algo que é lembrado pelo pescador Gilberto. O laudo técnico traz ainda outras informações, a saber, de que em alguns locais foi possível contratar pessoas para realizar os serviços de limpeza, bem como foram alugadas embarcações. Contudo, os pescadores contratados não tiveram direito ao seguro desemprego emergencial durante a ocasião²⁷². As lembranças em conjunto com a documentação nos demonstram algumas das relações de poder e exclusões no contexto do acidente, através da exclusão dos pescadores aposentados e da obrigatoriedade do cadastro na Colônia para o recebimento das medidas emergenciais.

Os presidentes de Colônias trazem nas suas lembranças as medidas e ações realizadas pela instituição que dirigiam no contexto do acidente:

*Em 2004, nós tivemos é que foi o Vicuña né, a explosão do navio Vicuña no inflamável, a explosão do Vicuña. [...] E aí a Colônia de pesca junto com a Federação procurou aí conversar com os filiados, fazer através de assembleia geral e entramos com as ações aí que hoje tá tramitando e muitos pescadores estão recebendo já. [...] a gente começou a fazer manifestações, fechamos estrada né, BR 277 e fizemos, fechamos ali a Catallini por algum momento, também por último fechamos a Petrobras por algumas horas também*²⁷³.

*Em 2004, ela representou, conseguimos, arrumamos advogados né, que até hoje ainda estão nessa causa e a favor da indenização, por que nós perdemos muito peixe na época, foi de tonelada se você ver foi filmado [...]Então pra nós foi demais, foi o desastre que até hoje nós não conseguimos voltar ao que era e não sei quantos anos vai levar para voltar ao que era*²⁷⁴.

No primeiro capítulo demonstramos como os nossos entrevistados ilustram marcos temporais extraídos das suas histórias de vida. Quando eles se lembram do acidente relatam o que passaram na vida. Os presidentes de Colônia trazem lembranças mais distanciada de suas vidas pessoais. Relatam das manifestações realizadas pela instituição, das ações indenizatórias que até os dias atuais estão sendo pagas aos pescadores filiados. De acordo com Pollack, em função da experiência de uma pessoa e de sua inscrição na vida pública, as datas

²⁷² Laudo técnico, op.cit., p.56.

²⁷³ Edmir Manoel Ferreira. Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 15/05/2012.

²⁷⁴ José Felipe da Silva Neto, ex presidente da Colônia Z2 de pescadores de Guaraqueçaba. Guaraqueçaba. Entrevista concedida a autora em 26/07/2013. José nasceu em 11/11/1952, tem atualmente 61 anos.

da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas. No extremo oposto, se fizermos entrevistas com personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato²⁷⁵. Apesar dessas diferenças, não se devem considerar esses aspectos como indicadores de dissimulação ou falsificação do relato. O que importa é saber qual é a ligação real disso com a construção da personagem, o que é importante também para compreendermos as diferentes versões construídas pelos indivíduos conforme sua posição numa determinada configuração social.

As preocupações do momento se constituem em um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. As datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. A memória nacional constitui um objeto de disputa importante e são comuns os conflitos para determinar quais as datas e quais acontecimentos deverão ser gravados na memória de um povo²⁷⁶. Indo ao encontro dessas reflexões, nas atas com as autoridades as preocupações giram em torno das atividades, do aspecto ambiental, da imagem do Porto de Paranaguá e do funcionamento de terminais interditados pelo acidente. Foi necessário ocorrer uma manifestação para que as autoridades e especialistas dialogassem com os pescadores afetados. As reportagens de jornais trazem, sobretudo, notícias oficiais divulgadas pelos documentos expedidos e os relatos de autoridades envolvidas no acidente. O relatório inicial do acidente realizado por uma equipe de especialistas e pesquisadores traz um determinado ponto de vista sobre a natureza, a saber, de uma natureza preservada e intocada, para a qual os seres humanos são causadores de impactos. O Laudo Técnico se limita a tratar dos impactos sentidos pelos pescadores em fator dos conflitos. As lembranças dos pescadores têm correlações com os documentos, pois descrevem com detalhes as relações durante a paralisação da pesca. Contudo, indo além do que escrito nos documentos, estas trazem a experiência vivida. Suas lembranças demonstram as exclusões sentidas pelos pescadores aposentados e não ativos, sobretudo, demonstram os impactos da poluição, dos peixes mortos, e dos impactos do acidente no lugar onde vivem. De acordo com Pollack, indivíduos e certos grupos podem teimar em venerar justamente aquilo que os enquadramentos de uma memória coletiva se esforçam por minimizar ou eliminar. Se a análise do trabalho de enquadramento, de suas gentes e de seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo como

²⁷⁵ POLLACK, 1992, op. cit., p.203.

²⁷⁶ Idem.

as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas. O procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, faz aparecer os limites desse trabalho de enquadramento e ao mesmo tempo revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais²⁷⁷. Por que as lembranças dos pescadores são diferentes? No primeiro capítulo ressaltamos as interações dos pescadores com o espaço onde vivem, as noções de tempo e espaço e os diferentes significados atribuídos ao *mar* e ao *mato*. Pensando em tais reflexões, como os pescadores constroem perspectivas de mudanças *depois* do acidente? Como os pescadores são mencionados no contexto pós-acidente? Como eles sentiram mudanças no *lugar*?

3.2 O PESCADOR FICOU ASSIM MESMO

Nesta seção apresentamos o modo como os pescadores constroem perspectivas de mudanças após o acidente de 2004. Além das entrevistas, analisamos notícias de jornais entre o período de 2006 a 2011.

Em 2006, a notícia do jornal *Gazeta do Povo*, afirmava que resíduos de poluição ainda podiam ser encontrados no litoral paranaense e que apesar de todo o tempo decorrido, não se tinha a real dimensão dos efeitos ambientais, econômicos e sociais deixados pelo acidente:

Associações de Pescadores de Guaraqueçaba, Pontal do Paraná, Ilha do Mel e Paranaguá confirmam que muitos trabalhadores ainda não receberam as indenizações relativas aos 51 dias em que a pesca ficou proibida na baía. “Estamos estudando as possibilidades legais para pedir as indenizações merecidas”, informa o prefeito de Guaraqueçaba, Riad Zahoui. “Estamos esquecidos aqui e queremos saber o que vai ser de nosso futuro”, diz o pescador Genir Pires. O presidente do IAP e secretário estadual do Meio Ambiente, Rasca Rodrigues, diz que esta não é uma responsabilidade do poder público, mas dos responsáveis pelo acidente, que ainda não foram apontados. “Fizemos um relatório denso e qualificado. Nosso papel é exigir que se cumpra a lei ambiental e isso estamos fazendo.” [...]. O especialista em infra-estrutura de transportes, Eduardo Ratton aponta outras falhas: “O

²⁷⁷ POLLAK, 1989, op. cit, p.13.

porto não dispunha de equipamentos ou Plano de Emergência adequados para combater acidentes dessa natureza²⁷⁸.

De acordo com a matéria, o monitoramento ambiental em médio e longo prazo da área atingida pelo acidente não estaria ocorrendo. O jornal traz ainda o relato de um pescador que afirmava sentir a diminuição do pescado e que ainda não havia recebido o dinheiro da indenização²⁷⁹.

A notícia do *Paraná Online* traz a informação de que as investigações do acidente teriam sido arquivadas. Cerca de quatro mil pescadores esperavam o julgamento de ações de indenização e sofriam com a escassez de peixes. O relato do pescador Edmir Ferreira, presidente da Colônia Z1 e da Federação das Colônias, informava que o vazamento de metanol e óleo diesel foi o principal responsável pela queda de 60% no volume da pesca. Já a empresa Catallini teria gasto cerca de 10 milhões com defesa, indenizações e outros prejuízos provenientes da explosão²⁸⁰.

Na notícia do jornal *Gazeta do Povo*, Edmir Ferreira, presidente da Colônia Z1, relatava a sua desistência de pôr seus barcos no mar, pois para o período de sete dias no mar o custo seria de 3 mil com combustível, gelo e alimentação²⁸¹. Outra questão comentada no jornal refere-se as multas imputadas aos responsáveis. O IBAMA havia autuado a proprietária do navio *Sociedade Naviera Ultraz* em 50 milhões, o terminal da Catallini em 50 milhões e o Porto de Paranaguá em 1 milhão, outras multas também foram autuadas pelo IAP. O IAP optou por fazer acordos com as empresas autuadas para a recomposição do ecossistema. De acordo com a notícia, o presidente do IAP, Rasca Rodrigues, relatava que algumas empresas não teriam como pagar os valores fixados²⁸².

Cinco anos após o acidente, a empresa Catallini se propôs a investir R\$ 5 milhões na construção de um aquário marinho em Paranaguá²⁸³. O aquário iria funcionar no centro

²⁷⁸ LUCRÉCIA, MAUREN. Óleo do *Vicuña* afeta o Litoral, quase dois anos após a explosão. **Gazeta do Povo**. 18/08/2006.

²⁷⁹ Idem

²⁸⁰ OLIVEIRA, Rosângela. Arquivada investigação sobre o acidente com o navio *Vicuña*. **Paraná Online**. Curitiba, 17 nov. /2007. Disponível em: <http://parana-online.com.br/editoria/cidades/news/269864/?noticia=ARQUIVADA+INVESTIGACAO+SOBRE+O+ACIDENTE+COM+O+NAVIO+VICUNA>. Acesso em 21/10/2011.

²⁸¹ LESSA, Felipe. “Efeito *Vicuña*” ainda afeta Paranaguá. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 nov. 2008. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=828244>. Acesso em 21/10/2011.

²⁸² Idem

²⁸³ FORONE, Priscila. Ibama não recebe 99% das multas. **Gazeta do Povo**. 16 jul. 2010. <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1025625&tit=Ibama-nao-recebe-99-das-multas>. Acesso em 21/10/2011.

histórico da cidade como forma de valorizar a região. A obra avaliada em R\$ 5 milhões era uma compensação pela explosão do navio chileno *Vicuña*:

A empresa procurou o governo e se ofereceu para bancar o projeto como forma de compensação pelos danos ambientais”, afirma o secretário Rasca Rodrigues. O diretor superintendente da Cattalini, Cláudio Daudt, explica que a empresa propôs uma alternativa ao pagamento da multa. “Poderíamos litigar na Justiça por 10 anos, mas o resultado era incerto. Preferimos procurar o governo e propor a colaboração com o aquário, que certamente vai beneficiar muito a cidade”. A viabilidade de funcionamento do aquário, segundo o superintendente da Cattalini Terminais Marítimos, virá pela cobrança de ingressos²⁸⁴.

De forma resumida as notícias trazem o relato de autoridades, sobretudo, de representantes de órgãos ambientais e de empresas. O relato de pescadores e de lideranças é enfatizado para tratar da diminuição de pescado e das indenizações não recebidas. Sabemos através das lembranças dos pescadores e dos presidentes de Colônia que após a paralisação da pesca, as Colônias de pescadores entraram com ações indenizatórias que até os dias atuais não foram recebidas:

*Em 2004 nós tivemos é que foi o Vicuña né, a explosão do navio Vicuña no inflamável, a explosão do Vicuña. [...] E aí a Colônia de pesca junto com a Federação procurou aí conversar com os filiados, fazer através de assembleia geral e entramos com as ações aí que hoje tá tramitando e muitos pescadores estão recebendo já*²⁸⁵.

*Aconteceu que o peixe parou que não pudemos pescar mais, vinha esse dinheiro que era pra vim pra nós e até agora não apareceu*²⁸⁶

*A eles chamaram o pessoal na colônia lá e fizeram, tiraram xerox dos documentos e fizeram para receber dinheiro, mas até agora, sai de pouquinho né, quer dizer já pagaram um pouco já pagaram, mas não tá saindo tudo de uma vez, já faz uns quatro cinco anos já, mais*²⁸⁷.

Se logo após a ocorrência do acidente houve a exclusão de pescadores aposentados e não habilitados das medidas emergenciais, após esse período as Colônias e os próprios pescadores entraram com ações indenizatórias contra as empresas envolvidas no desastre. Dez

²⁸⁴ PRATEANO, Vanessa. Paranaguá terá aquário marinho- **Gazeta do Povo-especial para Matinhos**. 12 jan. 2010. <http://www.gazetadopovo.com.br/verao/conteudo.phtml?id=962476> Acesso em 21/10/2011.

²⁸⁵ Edmir Manoel Ferreira. Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 15/05/2012.

²⁸⁶ Maria Santos do Rosário. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amparo Paranaguá. Maria nasceu em 8 de junho de 1948 e tem atualmente 66 anos de idade. É aposentada há 11 anos.

²⁸⁷ Josias do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

anos se passaram e muitos ainda não receberam suas indenizações. O pescador Josias comentou que seu pai faleceu e não havia recebido a *compensação*. Até que ponto essas medidas emergenciais e as indenizações compensaram os pescadores?

*Não, no momento minimiza um pouco, porque o pescador trabalha hoje pra comer a tarde né, de manhã para comer a tarde então minimiza, mas na produção do pescado diminui bastante, porque o óleo é um produto que acaba né que mata que aniquila*²⁸⁸.

*Oh, daí como eu digo né, daí, c porque o pescador, o pescador depois que teve esse liberaram a pesca, proibiram, depois que liberaram a pesca, o pescador ficou assim mesmo, só mais poucas coisas assim né, porque não falaram mais nada, não coisaram mais nada assim, o pescador tá vivendo como Deus queira mesmo*²⁸⁹.

Na medida em que os pescadores constroem suas lembranças, constroem uma perspectiva de pós-acidente muitas vezes motivados pelas situações presentes na qual não receberam o *dinheiro* das indenizações, mas, sobretudo, pelas imagens de mudanças *na qual ficaram mais poucas coisas*, observaram a *diminuiu a produção do pescado*. Ao contrário dos relatórios ambientais que só mencionaram os impactos na natureza no curto prazo, eles constroem suas memórias trazendo uma perspectiva no longo prazo dos impactos sentidos no mar, nos peixes e no *lugar*. Mariano relata que a compensação no momento minimizou, *pois o pescador trabalha de manhã para comer à tarde, mas que na produção diminui bastante*. Devemos lembrar que nesta configuração social, tempo e espaço são noções fundamentais na organização social dos pescadores. Se as lembranças do acidente trazem o tempo vivido que é construído pela memória, podem trazer também noções e significados de tempo e espaço das histórias de vida dos entrevistados, dentre os quais a orientação *através das marés, do ciclo de peixes, moluscos, crustáceos e das direções do vento*. A existência de tempos múltiplos na história é algo que deve ser atentado e descrito pelo historiador. Como expôs Le Goff, a história está intimamente ligada a dois progressos: a definição de pontos de partida cronológicos e a busca de uma periodização na criação de unidades iguais de tempo, como exemplo: dia de vinte e quatro horas e séculos. Através da interdisciplinaridade se tende a introduzir junto destes quadros do tempo histórico a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos²⁹⁰. Halbwachs afirma que o

²⁸⁸ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011.

²⁸⁹ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

²⁹⁰ LE GOFF, op. cit., p.13.

tempo só importa à medida que nos permite reter e lembrar acontecimentos que ocorreram²⁹¹. O tempo matemático, o tempo físico se opõe ao tempo vivido²⁹². Os grupos humanos se interessam por acontecimentos que mudam de natureza e de alcance conforme o momento em que ocorrem. Caso contrário um tempo indefinido, indiferente a tudo o que nos situemos em nada poderia ajudar a memória deles²⁹³. Quando abstraímos estados ou intervalos e guardamos apenas seus limites, deixamos de lado o que há de mais substancial no próprio tempo. Uma mudança também se estende por uma duração muito comprida²⁹⁴.

Se as noções de tempo são necessárias para entender como os pescadores constroem perspectivas de mudança, a noção de espaço também adquire importância, pois em vários momentos eles se referem aos *lugares* onde pescam, aos territórios que construíram ao longo do tempo, ao *lugar* onde passaram parte de suas vidas.

3.3 A VIDA DO LUGAR SENTIDA PELOS PESCADORES

Ah quando eu era pescador de primeiro, assim bem no começo assim, como eu to dizendo, tinha muito mais peixe, mais camarão, depois que começaram as dragagens, essas dragagens já daqui pra Antonina, essas matanças de peixe aí que teve esses tempos aí, depois teve aquelas sardinhas que morreram por aí né. Tá acabando com tudo o mangue assim ó. O peixe, o gueri de primeiro, o gueri de primeiro, a turma aí para matar matava o gueri de linha, pesca assim de linha matava o peixe o gueri. Agora nem tem é pouquinho. Ah o camarão nem tem, quantas vezes aí, sai aqui pega um quilo ainda, é um quilo, meio quilo é só, assim, tá acabando com tudo. É muita dragagem demais que fazem é do porto é desses tempos aí dragagem pra Antonina tudo aí, tá acabando com tudo natureza aí [...] Ah antes do acidente, antes do acidente tinha até mais camarão como eu digo assim né, porque a pessoa não vai dizer que foi por causa do acidente e que não foi o acidente, mas cada vez, cada coisa que tá acontecendo assim no mar, assim prejudica mais a pesca. Quer dizer o óleo mata o camarão, mata tudo as coisas assim, o peixe tudo ali né. Por que vai dizer assim que o

²⁹¹ HALBWACHS, op. cit., p.124.

²⁹² Idem

²⁹³ Ibid., pp. 126-127.

²⁹⁴ Ibid., p.132.

camarão anda afundado? O camarão não anda afundado, o camarão boia também, o peixe também, acabou muitas coisas demais meu Deus. A natureza tá muitas químicas, muitas coisarada demais que tá aí nesse mar aí. Esses navios aí jogam muita coisarada demais, mata muito peixe [...] O peixe, o peixe se vê a pescadinha que tinha bastante acabou-se quase tudo, o gueri agora que tá começando a aparecer, pouquinho ainda é muitos peixes que desapareceu²⁹⁵.

Diferenciou bastante, diferenciou bastante, porque o óleo é um produto que ele mata, não mata só peixe, como mata os moluscos né, a ostra, o bacucu, o siri tudo as criações do mar ele prejudica, ele mata, aniquila com a poluição do óleo. Tinha mais produção né, porque o mar é limpo e os peixes e os moluscos eles sobrevivem melhor no meio ambiente, porque o mar é uma coisa que tudo ele traz recolhe não só o óleo, mas tudo que joga na água o mar acolhe e aquilo ali vai prejudicando os peixes e os moluscos. Esse impacto aí que ficou pra nós aqui diferenciou bastante. [...] fico bem mais pouco. [...] tinha a salteira, tinha a prejerava, a pescada, tinha o baderno e tudo diminuiu bastante né²⁹⁶.

Olha mudou muito né, o peixe né diminuiu, porque aluiu muito aí o mar, aí na explosão, no começo aí, agora que tá já mais entrando mais peixes pra nós, mais no começo... Ah, mudou muito né, agora tá mais pouco, agora tá menos. Antigamente tinha mais peixe [...] tem peixe aí que a turma nova nem conhece. O parabijú, a turma não conhece, o bagre, o bagre que chamam de bugre mesmo também não aparece mais, o cação²⁹⁷.

Nas lembranças acima, os pescadores constroem uma clara oposição entre um *antes* e um *depois* do acidente. De acordo com Ecléa Bosi, a memória e o processo de relembrar desempenham uma função. A faculdade de relembrar exige um espírito desperto e a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou de reconhecer às lembranças e opor essas às imagens atuais²⁹⁸. Zé toma como referência o tempo em que começou a pescar para se referir a um *antes do acidente*. Relata que o acidente é uma dentre as coisas que vêm prejudicando a pesca e o mar. Mariano lembra que após o acidente percebeu a diminuição de espécies de peixes como a salteira, a prejerava e o baderno. Gilberto relata que *agora que estão começando a entrar mais peixes*, mas que no começo a explosão aluiu muito o mar. A oposição entre os referenciais *de primeiro, antes, antigamente*, em contraposição ao *agora*,

²⁹⁵ José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

²⁹⁶ Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011.

²⁹⁷ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

²⁹⁸ BOSI, op. cit., p.419.

esse impacto que ficou aí pra nós, são percepções que não trazem a data exata, ou a quantidade de anos definida, mas uma percepção qualitativa de oposição que toma por marcos experiências retiradas das histórias de vida dos entrevistados e que cria uma oposição entre a vida atual e a que passou. O pescador Amilton relata que se lembra *o que passou na vida*, Zé relata que quando começou a pescar tinham mais peixes, Mariano relata que *o mar é limpo* e os moluscos e peixes sobrevivem melhor no ambiente limpo. Estas são referências norteadas pelos conhecimentos e significados e noções que os pescadores atribuem ao tempo e ao espaço. A noção de tempo construída por eles é orientada pelas suas relações com a natureza, pela dependência dos recursos naturais e, ao mesmo tempo, orientada pelas noções construídas em torno do espaço. Halbwachs afirma que jamais saímos do espaço. Não voltamos a nos encontrar num espaço indeterminado, mas naquele que conhecemos ou sabemos muito bem que poderíamos nos localizar. Sensações e reflexões e quaisquer fatos devem ser postos num local onde já residi ou pelo qual já passei²⁹⁹. É o espaço, ao nosso espaço por onde passamos muitas vezes e por aonde os pescadores vão diariamente buscar o sustento, que a imaginação ou o pensamento é capaz de reconstruir³⁰⁰. Portanto, não é exato dizer que para lembrar é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois ao contrário é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nós dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente³⁰¹. Pollack afirma que existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância que permaneceu muito forte na memória da pessoa, independentemente da data real em que a vivência se deu³⁰². Devemos lembrar nesse momento dos diferentes significados que os pescadores atribuem ao mar:

*No mar é que eu criei meus filhos tudo, minha vida é no mar*³⁰³.

*Ah o mar é tudo né pra nós, porque daí do mar a gente tira tudo a sobrevivência da gente. Ah pra mim é a importância da pesca é isso aqui pra mim é vida né, pra mim é vida esse negócio aí a pesca, se acaba pra mim vai me acaba também*³⁰⁴.

²⁹⁹ HALBWACHS, op.cit., pp. 188-9.

³⁰⁰ Ibid., p. 170.

³⁰¹ Ibid., p. 189.

³⁰² POLLACK, 1992, op.cit., p. 202.

³⁰³ Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amilton tem atualmente 74 anos de idade. É aposentado há 10 anos.

³⁰⁴ Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

*O mar (Risos) significa tudo né, porque tudo que você procurar aí tem né. O que você procurar no mar você encontra o peixe, o marisco*³⁰⁵.

Nos relatos o mar ganha o significado de vida e de tudo. Quando se lembram do acidente os pescadores conferem *vida* ao mar, dizem que o *mar tem crias*, é *aluído* pela poluição do óleo e que tudo o que acontece no mar *prejudica a pesca*. A análise do modo como os pescadores relatam mudanças no mar, além de uma distorção, é uma percepção crítica de resistência as poluições, as dragagens, aos acidentes ambientais que ocorrem no espaço onde vivem. Na medida em que eles dependem e vivem do mar, suas referencias de mudanças não se referem somente ao impacto do acidente do Navio *Vicuña*, mas às mudanças que vêm observando ao longo de suas vidas. Perspectivas, referencias e noções ricas de interação dos pescadores com a natureza que são deixadas de lado na construção de relatórios de impacto ambiental e das preocupações de autoridades. De relatórios técnicos que são escritos somente após a ocorrência de acidentes e que trazem um monitoramento realizados mais como uma obrigação formal, do que de fato com uma real preocupação. Os pescadores desconsiderados das avaliações dos especialistas são *compensados* com medidas que os excluem e o *desastre compensado* com uma obra de grande vulto construída para enaltecer uma suposta consciência ambiental. Muito além do que é descrito nos documentos oficiais do acidente, o mar significa vida para os pescadores e, na medida em que o acidente provocou mudanças no mar, também provocou mudanças nas suas vidas.

³⁰⁵ Gilberto Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho tentamos trazer a abordagem interdisciplinar da etno-história que possibilitou uma maior compreensão do objeto de estudo e auxiliou na proposta de se equilibrar história e memória.

A metodologia da história oral em conjunto com a observação direta e com o conceito de configuração social demonstrou alguns limites e possibilidades de pesquisa. Em campo encontramos diversos pescadores que, de início, não aceitaram gravar entrevista. Entre os que aceitaram observamos certos silêncios diante de algumas perguntas. Quais seriam as suas razões? A mais óbvia e aparente é o fato de que muitos se sentiram incomodados de falar diante de um gravador, ou em muitos casos de uma câmera. No entanto, encontramos razões mais complexas. De alguns foi necessário ganhar a confiança para que relatassem que familiares faleceram sem receber as compensações e que o acidente se tratava de um evento traumático. Também descobrimos que alguns pescadores estavam envolvidos com processos de indenização e que tinham receio de relatar algo que os prejudicasse. Além daqueles que não aceitaram gravar entrevista, outro problema e possibilidade foram os silêncios. Foi necessário também ganhar a confiança para que relatassem em segredo sobre a associação de moradores e a atividade de caça. Nesse caso, a observação foi fundamental, pois somente as entrevistas gravadas não eram o suficiente para exemplificar tais questões.

O conceito de configuração social em conjunto com a história oral possibilitou analisar questões importantes. Os pescadores construíram ao longo do tempo conhecimentos em torno do espaço onde vivem, aprenderam a observar o ciclo natural de espécies de pescado, o movimento das marés e a direção dos ventos. Criaram uma relação íntima de dependência com os recursos do *mato* e do *mar*. O modo de vida do atual pescador se assemelha ao processo de gênese de pescadores lavradores na Baía de Paranaguá. A apresentação da história do lugar demonstrou que o que observamos hoje não é uma fotografia, mas parte de um processo. Os pescadores lavradores de Amparo tinham um conjunto de atividades em comum, no trabalho nas *roças*, na fabricação da farinha de mandioca, na fundação e participação dos assuntos envolvendo a igreja e a associação de moradores. Isso demonstrou diferenciais de poder e uma coesão entre os moradores mais

antigos. Observamos na prática que a peça central da configuração social observada é um equilíbrio instável de poder com tensões e disputas.

Apresentamos resumidamente a história do Porto de Paranaguá e da sua atual estrutura. Obras de dragagem e acidentes envolvendo a estrutura portuária fazem parte do cotidiano dos pescadores que ocupam e habitam o espaço da Baía de Paranaguá. Comparativamente a nível mundial configurações sociais de pescadores vivem situações semelhantes.

Se nós historiadores estamos acostumados com a máxima de que todo o documento é construído, esta mesma se revela adequada quando nossas fontes são constituídas pelas memórias. As lembranças dos pescadores em torno do acidente do navio *Vicuña* correlacionadas aos documentos escritos, demonstraram as relações durante a paralisação da pesca. Se por um lado os pescadores lembram-se do acidente relatando *o que passaram na vida*, por outro lado, as lembranças dos presidentes de Colônias trazem o lado mais institucional. Devemos lembrar que encontramos diversos elementos que nos permitem afirmar que as lembranças dos pescadores são influenciadas pelas motivações presentes.

Os documentos do acidente apesar de trazerem uma perspectiva mais linear e organizada dos acontecimentos, também refletem pontos de vista estruturados e construídos. O relatório inicial do acidente traz uma noção muito clara de natureza preservada e separada da sociedade. O laudo técnico ressalta os impactos causados aos pescadores, sobretudo, em fator de negociações e conflitos. No entanto, não são somente os conflitos, indenizações e negociações que foram vivenciados pelos pescadores. O acidente foi sentido na diminuição de espécies de peixes, no mar e em suas vidas. O modo como eles relatam como era a pesca *antes* do acidente ajuda a compreender a noção dinâmica de tempo que constroem. As histórias de vida dos entrevistados foram fundamentais para entendermos o quanto a pesca significa e isso possibilitou explorar de forma mais rica como eles atribuem vida ao lugar e como vêm sentindo mudanças que não se limitam apenas ao acidente, mas a tudo que vem ocorrendo no mar.

Por fim, acreditamos que existem ainda muitas questões que não foram aprofundadas, no entanto, espero que o trabalho possa ter ajudado a compreender melhor o significado da pesca, da história e memória dos pescadores estudados.

FONTES

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Maços de População da Vila de Paranaguá de 1808.

Associação Comunitária de Amparo

Estatuto Social da Associação Comunitária de Moradores da Comunidade de Amparo.

Círculo de Estudos Bandeirantes

Livro de Atas do Grupo Encarregado do Setor de Cerâmica do II Congresso Brasileiro de Folclore de 1953.

Arquivo de José Loureiro Fernandes: documentos avulsos sobre antropologia, folclore e correspondências pessoais e oficiais- 1934-1971.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER Paranaguá

Censo da Pesca. EMATER Paranaguá. Fundação Terra, SETTI PR, 2008.

Secretaria de Educação de Paranaguá

Livro de atas da escola de Amparo de 1968-1969.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – IBAMA Paranaguá

Arquivos e Relatórios Internos

Laudo Técnico do Acidente do Navio *Vicuña*, ocorrido em Paranaguá no dia 15 de novembro de 2004 IAP/IBAMA, maio de 2005.

Anexos do Laudo Técnico

Ata das reuniões ocorridas entre os dias 15;16;17;19 de novembro de nas dependências da Capitania dos Portos do Paraná, em Paranaguá, com representantes de diversos órgãos públicos e empresas. Não publicado

Informação prestada pela Secretaria Estadual de Saúde – SESA em 15 de novembro de 2004.

Instrução Normativa Conjunta IAP/IBAMA nº 25 de 16 de novembro de 2004.

**MEMÓRIA DAS REUNIÕES COM REPRESENTANTES DOS PESCADORES
PARANAGUÁ-30/11/2004; 01/12/2004. Não publicado**

Relatório Inicial do Navio *Vicuña*. Avaliação da contaminação por hidrocarbonetos de petróleo nos sedimentos, peixes, ostras, siris e caranguejos da região afetada pelo acidente do navio *Vicuña* na Baía de Paranaguá e identificação de alterações de

bioindicadores e no padrão natural da estrutura da ictofauna nas áreas atingidas. de 12 de abril de 2005.

FONTES IMPRESSAS

Jornais

Folha do Litoral, Paranaguá, Ano 3, n. 1325, nov. 2004.

Jornal do Litoral Paranaense. Pontal do Paraná e Matinhos, Ano 1, n. 14, 18 de Nov. 2004/
Ano 1, n.18 de fevereiro de 2005/14 jan. 2005.

Periódicos

Arquivos do Museu Paranaense. Ano 1, v. 6. Curitiba, 1947.

Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba. Curitiba, v. 28. 1927.

Cadernos de Arqueologia e Artes Populares - Paranaguá. ano 1. v. 1, jul. 1973.

O Dezenove de Dezembro. Curitiba, Ano 1, abr. 1854.

Revistas

O Itiberê, Paranaguá Ano XI. n.127. 1929.

Revista Monumenta. Curitiba, v. 3, n. 10. 2000.

Livros de Memórias e Viagens

VIEIRA DOS SANTOS Antonio, **Memória histórica de Paranaguá**, v. 1, - Curitiba: Vicentina, 2001.

PLAZTMANN, Julius Karl. **Da Baía de Paranaguá**. Tradução Lothar Paulo Lange. Curitiba: Edição do Tradutor, 2010.

FONTES DA INTERNET

Relatório de Presidente de Província

Relatório Apresentado à Assembleia Legislativa do Paraná na abertura da 1ª sessão pelo presidente Francisco Cardoso no dia 1 de março de 1860. Curitiba Typ de Candido Martins Lopes, 1860. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1> Acesso em: 01/05/2013.

Notícias de jornais

Redação O Estado do Paraná. Quatro mortos na explosão em Paranaguá. **O Estado do Paraná**. Curitiba, 16 nov. de 2004. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/100951/?noticia=QUATRO+MORTE+S+NA+EXPLOSAO+EM+PARANAGUA> Acesso em: 13/ 05/ 2010.

LUCRÉCIA, MAUREN. Óleo do *Vicuña* afeta o litoral quase dois anos após a explosão. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 18 ago. 2006

OLIVEIRA, Rosângela. Arquivada investigação sobre o acidente com o navio *Vicuña*. **Paraná Online**. Curitiba, 17 nov. /2007. Disponível em: <http://paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/269864/?noticia=ARQUIVADA+INVESTIGACAO+SOBRE+O+ACIDENTE+COM+O+NAVIO+VICUNA>. Acesso em 21/10/2011.

LESSA, Felipe. “Efeito *Vicuña*” ainda afeta Paranaguá. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 nov. 2008. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=828244> p.1 Acesso em 21/10/2011.

FORONE, Priscila. Ibama não recebe 99% das multas. **Gazeta do Povo**. 16 julho de 2010. <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1025625&tit=Ibama-nao-recebe-99-das-multas> Acesso em: 21/10/ 2011.

PRATEANO, Vanessa. Paranaguá terá aquário marinho- **Gazeta do Povo**. Especial Matinhos, 12 jan. de 2010. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/verao/conteudo.phtml?id=962476> Acesso em: 10/08/2011.

GARMATTER, Bianca. Milhares de peixes mortos apareceram na Baía de Paranaguá. **Gazeta do povo**. Curitiba, 03 de jan de 2011. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/verao/conteudo.phtml?id=1083021&tit=Milhares-de-peixes-aparecem-mortos-na-Baia-de-Paranagua> Acesso em: 06/05/2012.

LEGISLAÇÃO

Apelação Cível nº 925.647-7. Curitiba 06 de set de 2012. 10 p. Disponível em: <http://portal.tjpr.jus.br/jurisprudencia/j/11365637/Decis%C3%A3o%20Monocr%C3%A1tica-925647-7/01>

BRASIL. PORTARIA do IBAMA nº 133-N, de 8 de dezembro de 1994 válida para o Estado do Paraná.

BRASIL. Decreto nº 90.883, de 31 de janeiro de 1985. Dispõe sobre implantação da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, no Estado do Paraná, e dá outras providências.

BRASIL. PORTARIA Nº 146/2004 de 16 de novembro de 2004. **Diário Oficial Paraná Executivo**. Curitiba, PR, n. 6860, Ano XCI | 12 páginas, 25 de Novembro de 2004.

BRASIL. PORTARIA Nº 147/2004 de 16 de novembro de 2004. **Diário Oficial Paraná Executivo**. Curitiba, PR, n. 6860, Ano XCI | 12 páginas, 25 de Novembro de 2004.

ENTREVISTAS

Amilton Gonçalves do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

Arivaldo Amanso Pires. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

Edmir Manoel Ferreira. Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 15/05/2012.

Gilberto Gonçalves do Rosário. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014. Amparo/Paranaguá.

José Felipe da Silva Neto. Guaraqueçaba. Entrevista concedida a autora em 26/07/2013.

José Paulo Honório Silva. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

Josias Mendes do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 28/09/2011.

Isaías de Souza. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 27/07/2011.

Maria Santos do Rosário. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 26/01/2014.

Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 16/02/2013.

Mariano Rodrigues Lourenço. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em: 28/09/2011.

Nazira Rosa. Amparo/Paranaguá. Entrevista concedida a autora em 30/01/2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem. **Revista de Antropologia**. v.43, n. 1. pp.145-182. 2000

Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina. Disponível em: <http://www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=26>. Acesso em: 13/12/2012.

AEGEAN SEA. Notícia disponível em [cedre:<http://www.cedre.fr/fr/accident/aegean_sea/aegean.php>](http://www.cedre.fr/fr/accident/aegean_sea/aegean.php) Acesso em: 12/04/2012.

AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; MULLER Ana Maria. Cultura material e identidade étnica guarani. AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques, **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. Dourados-Mato Grosso: Editora da UFGD, 2010. 351 p.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDREOLI, Vanessa Marion. **Natureza e pesca: um estudo sobre pescadores artesanais de Matinhos- PR**. 121 f. Dissertações (Mestra do em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

ANDRIGUETTO FILHO; KRUGER; LANGE. Caça, biodiversidade e gestão ambiental na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Biotemas**, v.11, n. 2, 133 – 156, 1996.

ANDRIGUETTO, José Milton. **Sistemas técnicos de pesca e sua dinâmica de transformação no Litoral do Paraná- Brasil**. 255 f. + anexos. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, e Université de Bordeaux II. Curitiba, 1999.

_____, Sistemas técnicos de pesca no Litoral do Paraná: caracterização e tipificação. RAYNAUT et al. **Desenvolvimento e meio ambiente: em busca da interdisciplinaridade**, Curitiba: Ed. UFPR, 2003, pp.213-295.

ANGULO, Rodolfo José. Mapa cenozoico do Litoral do Estado do Paraná. **Boletim Paranaense de Geociências**. Curitiba, n. 55, p.25-42. Editora UFPR, 2004.

BELO, Diego, Carvalhar. **A degradação ambiental e escassez de recursos: análise comparada das mudanças socioambientais ocorridas entre os pescadores dos municípios de São Fidélis e São João da Barra após o acidente da Cataguazes Papel**. 80 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. DUARTE, Letícia Ayumi, RODRIGUES, Rodolfo. **Mapa de uso e ocupação do solo em Amparo-PR**. Paranaguá, 2013.

CUNHA, Lúcia de Oliveira. Significado múltiplo das águas. DIEGUES, Antonio Carlos (org). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, Nupaub/ USP, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.

_____. A Pesca construindo sociedades: leituras de sócio-anthropologia marítima e pesqueira. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004.

_____. Esboço de história ecológica e social caiçara, DIEGUES, Antonio Carlos. **Enciclopédia Caiçara, v.4: história e memória caiçara**, São Paulo. Hucitec: Nupaub, 2005.

Eleições Uol. Disponível em: <eleições.uol.com.br/2012/candidatos/2012/vereador/PR/24101953-edmir-da-pesca.htm>. Acesso em: 05/07/2013.

_____. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. **O processo civilizador: v.1 uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FRANÇA, Ary. Perequê uma unidade regional típica. DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Enciclopédia caiçara, v.4: história e memória caiçara**. São Paulo, Hucitec: Nupaub, 2005.

GASPAR, Madu. Sambaquis (Shell Mounds) societies of coastal Brazil. *Handbook of south american archaeology*, Springer, New York, 2008.

GUÉRIOS, Paulo. As condições sociais de produção de lembranças entre imigrantes ucranianos. **Maná**. Rio de Janeiro, v.14, n.2. p.367-398, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE 2013. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=411820 . Acesso em: 05/08/2013.

IPARDES/ SEMA. **APA de Guaraqueçaba: caracterização socioeconômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais.** Curitiba, 1989.

IPARDES. **Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba. /Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.** – Curitiba: IPARDES, 2001. 150 p.

Ixtoc I. Disponível em: <http://www.cedre.fr/fr/accident/ixtoc/ixtoc.php> Acesso em: 12/04/2012.

JABUR. Rodrigo Satori. Entre casinhas, bancos e vãos de coluna: **Segundo Seminário de Arquitetura da USP.** 2010.

KRAEMER Marília de Carvalho. **Malhas da pobreza: exploração do trabalho de pescadores artesanais na Baía de Paranaguá.** Curitiba: Estante Paranista, 1983.

KRUG, Lillian Anne; LEÃO, Caroline; AMARAL, Silvana. Dinâmica espaço-temporal de manguezais no Complexo Estuarino de Paranaguá e relação entre decréscimo de áreas de manguezal e dados socioeconômicos da região urbana do município de Paranaguá – Paraná. **XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Florianópolis. Anais... INPE, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LOUREIRO FERNANDES, José. O interesse da investigação linguística nos domínios do folclore do mar. Contribuição ao tema oficial do "**Terceiro Congresso Brasileiro de Folclore**" realizado em julho de 1957 na Cidade do Salvador.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima.** São Paulo: ANNABLUME, 1993.

MARANHÃO, Maria Fernanda Campelo. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kosak e as ciências sociais no Paraná.** 54 f. Monografia (Especialização em História e Geografia) Faculdade Padre João Bagozzi, Curitiba 2006.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negro e alforrias. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 74, pp. 107- 123, mar. 2006.

MARTINS, Patrícia. **Um divertimento trabalhado: prestígios e rivalidades no fazer fandango na Ilha dos Valadares.** 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: EDUSP, 1974.

MONTEIRO, John Manuel. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVI: transformação e resistência. PAULINO, Francisco Faria (Org.). **Nas vésperas do mundo**

moderno, Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992, pp. 121-136.

MORGENSTERN, Algacyr. **Porto de Paranaguá: contribuição à história: período 1648/1935**. Paranaguá: Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, 1985.

MUSSOLINI, G. - 1945. *O Cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião*. In: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Enciclopédia Caiçara, v.4: História e memória Caiçara**. São Paulo, Hucitec: Nupaub, 2005.

NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. FLAMARION CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo, (Orgs). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ODUM, Eugene. **Ecologia**. Tradução Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. N.24, v.68. pp.81-101, 2010.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.

POLINARI, Marcelo. Pescadores artesanais, caiçaras e outros conceitos utilizados inadequadamente. LIMA, R. E. de; NEGRELLE, R. B. **Meio ambiente e desenvolvimento do Litoral do Paraná: diagnóstico**. Curitiba: Editora UFPR, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history**. Albany: State University of New York. 1991.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

QUEIROZ, Maria, Isaura de Pereira. Relatos orais do indizível ao dizível. SIMSON, Olga de Moraes Von (Org). **Experimentos com história de vida: Itália – Brasil**, São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1988.

RAYNAUT, Claude. Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba, n. 10, p. 21-32, jul. /dez. 2004.

ROUGELLE, Marie Dominique. Pescas artesanais de Guaraqueçaba. **Encontro de Ciências Sociais e o Mar**. 3. 1989. São Paulo. **Coletânea de Trabalhos Apresentados**. Diegues Antonio Carlos, Org. Pesca Artesanal: Tradição e Modernidade. São Paulo. Programa de Pesquisa e Conservação em áreas Úmidas no Brasil. 1989. 322p.

_____, **La crise de la peche artisanale : transformation de l'espace et destructuration de l'activite – le cas de Guaraqueçaba (Paraná, Brésil)**. 189 p These (Doctorat Géographie L'Universite de Nantes), 1993 v. I,.

Seguro-desemprego - pescador artesanal. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/seg_desemp/seguro-desemprego-pescador-artesanal.htm Acesso em: 05/07/2013.

SETTI, **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical.** São Paulo: Editora Ática, 1985.

SILVA, Luiz Geraldo. **Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil (1920-1980)**. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa n.1. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004.

_____. História caiçara e ciências sociais no Brasil. DIEGUES, Antonio Carlos (Org.) **Enciclopédia Caiçara**, v.4: história e memória caiçara, São Paulo: NUPAUB, 2005.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. O Sistema econômico nas sociedades indígenas pré-coloniais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 18, p. 211-253, dezembro de 2002.

TAVARES et al. Os sambaquis no Paraná: sua história e importância. **Folder de divulgação.** Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. 2009.

TIMM, José Ubiratan. O artesanato pesqueiro: suas origens, adversidades e perspectivas. **Administração Pública**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 3, p.83-224, jul.1978.

THOMPSON, Edward Palmer. Folklore, antropologia e história social. **Conferencie dada em el indian history**, Calicut, Krida, 30 diciembre de 1976.

_____. **Costumes em comum.** Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. AMADO, J; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. THOMSON.

WESTPHALEN Maria Cecília. **Porto de Paranaguá: um sedutor.** Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1998.

WILLEMS Emilio. **A Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil.** Tradução Ana Maria Pontifex. São Paulo: NUPAUB/CEC, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- ROTEIRO GERAL DE ENREVISTAS COM OS PESCADORES

Data:

Local:

Horário de início da entrevista:

Biografia do Entrevistado

Nome completo:

Idade:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Local de nascimento dos pais:

Escolaridade:

Profissão:

Trajetória na Pesca

Quando o senhor (a) começou a pescar?

Quem te ensinou a pescar?

Que profissão seus pais ou familiares exerciam?

Qual a primeira coisa que aprendeu na pesca?

Em que local o senhor (a) aprendeu a pescar?

Atualmente em que locais o senhor (a) pesca?

O senhor exerce outras atividades além da pesca? Se sim quais?

Quais tipos de peixes o senhor (a) captura?

O senhor (a) sabe fazer algum instrumento de pesca? Se sim quais?

Com quem aprendeu a fazer os instrumentos de pesca?

Quando o senhor (a) começou a pescar quais os instrumentos de pesca que eram utilizados?

Seus familiares possuíam embarcação própria?

O senhor possui embarcação própria?

Como é realizada a pesca?

O senhor (a) pesca quantos dias por semana?

O que o mar significa?

Os conhecimentos que aprendeu na pesca são repassados aos seus filhos e familiares?

Relações

O senhor (a) participa dos assuntos comunitários de Amparo?

Como são as relações com os vizinhos e moradores?

O senhor participa dos assuntos da Colônia de pescadores de Paranaguá?

Qual sua opinião sobre o Porto de Paranaguá?

Lembrança do acidente de 2004

Como o senhor (a) se lembra do acidente do Navio Vicuña?

Como o senhor (a) se lembra da paralisação da pesca?

Durante a proibição houve alguma ajuda ou assistência ao pescador?

Em sua opinião as medidas emergenciais do acidente compensaram o acidente?

Após a normalização da pesca era possível pescar normalmente?

O senhor(a) percebeu alguma mudança após o acidente? Se sim quais?

APÊNDICE 2- ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM REPRESENTANTES DE COLÔNIAS DE PESCADORES

Data:

Local:

Horário de início da entrevista:

Biografia do entrevistado

Nome do entrevistado:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Atuação junto a Colônia de Pescadores

Quando o senhor começou a participar da representação de pescadores?

Há quantos anos participa/participou da Colônia de Pescadores?

Que funções a colônia de pescadores desempenha?

Quais funções ou cargos o senhor desempenhou?

Atualmente quantos pescadores são filiados a Colônia?

Lembrança do acidente de 2004

Como o senhor se lembra do acidente do Navio Vicuña?

Houve alguma manifestação ou ação da Colônia após o acidente?

APÊNDICE 3 - FOTOGRAFIAS DA *ILHA DO AMPARO*



Navios próximos a Ilha do Amparo.



Trapiche que conduz à entrada de Amparo



Cozinha comunitária



Igreja católica durante a festa de São Sebastião



Visão da costa de Amparo



Trilha do interior de Amparo



Vista de Amparo para o Porto de Paranaguá



Pescador José Paulo Honório Silva pintando embarcação



Pescador Arivaldo Amanso Pires consertando rede

ANEXOS
ANEXO 1- TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PUBLICAÇÃO DE
ENTREVISTAS³⁰⁶

Programa de História Oral

Termo de autorização de divulgação de entrevista

Autorizo a divulgação sem fins lucrativos na forma impressa e em vídeo, para a internet e programas de televisão, da entrevista por mim concedida,
em _____ de _____ de _____.

Nome do entrevistado

³⁰⁶Documento feito com base no Programa de História Oral da justiça federal.

ANEXO 2 - FICHA DE CATALOGAÇÃO DE ENTREVISTAS
Programa de História Oral³⁰⁷

1. Entrevista n°: _____

1.1 História Temática ()

1.2 História de Vida ()

Se assinalou o item 1.2 responder os itens abaixo

1.3 Linha de Pesquisa:

1.4 Projeto de Pesquisa:

1.5 Responsável pelo projeto:

2. Dados Pessoais

Nome do entrevistado:

Data de nascimento:

3. Dados técnicos da entrevista

3.1 Data:

3.2 Local:

3.3 Duração:

3.4 Números de fitas ou mídia:

3.5 Responsáveis pela elaboração do roteiro:

3.6 Entrevistador:

3.7 Cinegrafista:

3.8 Responsáveis pela transcrição:

3.9 Data de transcrição do termo de autorização:

3.10 Data de liberação:

3.11 Número de páginas:

Observações: _____

³⁰⁷ Documento feito com base no Programa de História Oral da justiça federal.

ANEXO 3- FOTOGRAFIAS DO ACIDENTE DO NAVIO VICUNÃ EM 2004³⁰⁸



Navio Vicuña com chamas na superestrutura. Fotografia tirada dia 16/11/2004



Óleo proveniente do acidente com o Navio Vicuña, sendo conduzido pela ação da maré para as praias da Ilha da Cotinga. Fotografia tirada dia 16/11/2004.

³⁰⁸ Fotografias disponíveis nos apêndices de fotografias do Laudo Técnico do Navio *Vicuña*.



Visão aérea de mancha de óleo proveniente do vazamento do Navio Vicuña, na Baía de Paranaguá. Fotografia tirada em 16/11/2004



Barreiras de contenção entorno do navio e barcos de pescadores com barreiras de absorção. Fotografia tirada em 02/12/2004



Praia do Maciel atingida por óleo. Fotografia tirada em 16/11/2004.



Mangue contaminado na Ilha da Cotinga. Fotografia tirada em 20/11/2004